



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA**

**LEONIL NUNES DO PRADO JÚNIOR**

**CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE SI POR CRIANÇAS NO CONTEXTO  
DA CLÍNICA PSICOLÓGICA**

RECIFE

2017

**LEONIL NUNES DO PRADO JÚNIOR**

**CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE SI POR CRIANÇAS NO CONTEXTO  
DA CLÍNICA PSICOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

**Área de concentração:** Psicologia Cognitiva

**Linha de pesquisa:** Cultura e Cognição

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Karina Moutinho Lima

RECIFE

2017

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

P896c Prado Júnior, Leonil Nunes do.  
Construção de sentidos de si por crianças no contexto da clínica psicológica / Leonil Nunes do Prado Júnior. – 2017.  
134 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Karina Moutinho Lima.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2017.

Inclui Referências e apêndices.

1. Psicologia cognitiva. 2. Psicologia do desenvolvimento. 3. Crianças – Desenvolvimento. 4. Identidade (Psicologia). 5. Crianças – Linguagem. 6. Sentidos e sensações em crianças. I. Lima, Ana Karina Moutinho (Orientadora). II. Título.

153 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-095)

LEONIL NUNES DO PRADO JUNIOR

**CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE SI POR CRIANÇAS NO CONTEXTO  
DA CLÍNICA PSICOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 16/2/2017

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Karina Moutinho Lima (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Wedna Cristina Marinho Galindo (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Luciane de Conti (Examinador Externo)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) do Centro Universitário Católica de Quixadá-CE, pela permissão da realização desse trabalho e o compromisso social da instituição. Agradeço ainda à coordenação do curso de Psicologia e do SPA, que acreditaram no benefício proporcionado por este estudo.

A todos envolvidos na construção desse estudo, principalmente Flor e Super-Herói, que contribuíram do início ao fim através de suas experiências de vida.

A Karina, minha orientadora, que me proporcionou o desafio de construir uma pesquisa nos mínimos detalhes, primeiramente me ensinando, para que eu pudesse perceber as possibilidades de seguir no meio acadêmico, não somente me dedicando de coração, mas com fundamentos suficientes que me fizeram crescer como pessoa e como pesquisador. Obrigado por me apresentar as narrativas, o posicionamento agentivo e construção de sentidos, que hoje tenho tanto orgulho

A minha co-orientadora, Sandra, que me escapa os adjetivos. De uma gentileza fora do comum, me segurou e ensinou a remar nos momentos de turbulências. Um obrigado eterno, pelo companheirismo, paciência e por acreditar que eu poderia seguir.

Aos meus amigos da “esquerda metodológica”, Tatizinha e Jandinho, que me inspiram até hoje na vida e na pesquisa. Ao Wita, um grande homem e irmão, obrigado por tudo. Aos amigos que ganhei em Recife, Stefânio, Rebeka, Clara, Ana Iza, Angélica, José Carlos, este um grande pensador e crítico.

A minha irmã, por todos os dias de sua presença em alma. A minha mãe e meu pai pelos ensinamentos morais. A Cata, minha segunda mãe. Ao meu irmão, sou seu fã. *In memoriam* à minha avó Carola, um exemplo de ser humano, ao Senhor Waldomiro Ferreira da Silva, um pai e, à tia Célia que nos deixou subitamente.

A Rê, minha maior inspiração, sem você nada disso aconteceria, aquilo que me disse era pura verdade, ao seu lado tudo flui. Ao Tom, meu combustível e potencial de vida. Obrigado por entenderem a minha ausência, em tempo, fiz tudo por vocês.

A minha segunda família, que me acolheram no Ceará, hoje sou cearense. Agradeço de coração em especial: Dona Alice, pela sua fé inabalável, Seu Inácio, pelo seu humor admirável, Rogério Matos, pela irmandade, e sua família. Rejaninha, pela irmã que és, Clerton, pela centralidade e exemplo de pai, Reginaldo, pela serenidade e meus sobrinhos que amo: Amanda, Paulo Jorge, Vítor, Inácio e Larissa.

Aos profissionais da educação física, em especial ao Tadeu e Carlim, graças a eles consegui continuar a escrever minha dissertação, assim como agradeço a fisioterapeuta que aliviou minhas dores no braço.

Aos professores da Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE: Maurício, Alex, Síntria, Selma, Alina, Roazzi, certamente contribuíram para a minha formação. A Vera Amélia, pela sua educação e dedicação ao departamento.

A Fabíola, pela atenção, compreensão, saiba que me ajudou e muito. Ao Grande Ricardo e sua “Mainha” pelo apoio nos momentos decisivos e mudanças de paradigmas.

A minha eterna Professora Betânia Rocha, pela verdadeira amizade e presença inigualável.

Um agradecimento ao CNPq, que apoia a construção de conhecimento constantemente

***“E o meu lugar, não é lugar de  
ninguém....É lugar das pessoas  
que eu escolho para estar comigo”  
(comunicação pessoal 2016,  
Betânia Rocha)***

## RESUMO

Neste estudo, fundamentado na perspectiva narrativista pela abordagem da Psicologia Discursiva, na qual defende que narramos o mundo e construímos sentidos de identidade pela mutualidade entre cognição e cultura. Guiou-nos a investigar: “Como cada criança constrói sentidos de si em um Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), após a psicoterapia?”. Permitindo pensar a criança como co-construtora de si e do seu mundo ao posicionar-se discursivamente, em tempo e espaço contextualizados. Defendemos que o cuidado à criança é uma construção histórica voltada para a qualidade de vida em sua integralidade biopsicossocial, principalmente em uma rede de atenção psicossocial em saúde mental através das políticas públicas. Sabendo disso, este estudo teve como objetivo investigar através das narrativas pessoais, como as crianças que já finalizaram o processo psicoterapêutico constroem sentidos de si em um SPA. Para isso, recorremos à noção de “posicionamento agentivo” como forma de construção de sentidos pela integração das narrativas pessoais reguladas pelas sociais. Na construção de dados, registramos em áudio as construções narrativas dos participantes Flor e Super-Herói, que disseram como se sentiam após o processo psicoterapêutico. Para uma maior precisão das posições, destacamos a importância de apreender os personagens, atividades, recursos explicativos, qualificadores, contexto, ao longo do enredamento. Após isso utilizamos da “análise de posicionamento”, para interpretar as construções de sentidos a partir das posições de Flor e Super-Herói em relação a elas mesmas, aos demais personagens das “estórias”, e à narrativa social sobre o cuidado à criança em relação ao que é normal e patológico, bem como pelas mudanças de posições morais assumidas antes, durante e depois da psicoterapia. Dentro dos resultados, admitimos a predominância das posições de fortalecimento através da Flor, bem como a afiliação a narrativa social demonstrando uma satisfação após a psicoterapia. Enquanto para Super-Herói, alterna entre fortalecimentos e fragilidades ao longo das narrativas, sendo que no decorrer das construções narrativas questiona o porquê da sua saída do SPA. Quanto às transformações pelo processo narrativo, Flor pouco muda de posição ao longo do enredamento, em comparação ao Super-Herói. Os resultados deste estudo podem contribuir para a reflexão/para repensar o atendimento infanto-juvenil na rede de atenção psicossocial, pois além de não funcionar como atendimento psicológico, surge como possibilidade de uma nova prática, pensando na qualidade de vida e desenvolvimento biopsicossocial das crianças após a finalização da psicoterapia.

**Palavras-chave:** Narrativas. Crianças. Construção de sentidos. Identidade. Linguagem.

## ABSTRACT

In this study, based on the narrativist perspective by the approach of Discursive Psychology, in which it argues that we narrate the world and we build meanings of identity through mutuality between cognition and culture. It has led us to investigate: "How does each child build senses about itself in a Applied Psychology Service (APS), after psychotherapy?". Allowing the child to think as co-builder of itself and its world by positioning itself discursively in contextualized time and space. We argue that child care is a historic construction focused on the quality of life in its biopsychosocial integrality, mainly in a network of psychosocial care in mental health through public policies. By knowing this, this study aimed to investigate through personal narratives, such as children who have completed the psychotherapeutic process construct meanings about themselves in a APS. For this, we use the notion of "agentive positioning" as a way of building senses by the integration of personal narratives regulated by social ones. In the data construction, we recorded in audio the narrative constructions of the participants Flower and Super Hero, who said how they felt after the psychotherapeutic process. For greater position accuracy, we emphasize the importance of apprehending the characters, activities, explanatory resources, qualifiers, context, along the entanglement. After that, we have used the "positioning analysis" to interpret the construction of meanings from the Flower and Super Hero positions in relation to themselves, to the other characters of the "stories", and to the social narrative about child care in relation to what is normal and pathological, as well as the changes of moral positions taken before, during and after psychotherapy. Within the results, we have admitted the predominance of the strengthening positions through Flower and affiliation with social narrative demonstrating satisfaction after psychotherapy. While for Super Hero, it alternates between strengths and weaknesses throughout the narratives, and in the course of the narrative constructions, the question of why he left the APS is questioned. As to transformations through the narrative process, Flower almost does not change position along the entanglement, in comparison to Super Hero. The results of this study may contribute to the reflection, to rethink children and youth treatment in the psychosocial care network, because in addition to not working as psychological service, it arises as a possibility of a new practice, by thinking about the quality of life and biopsychosocial development of children after the end of psychotherapy.

**Keywords:** Narratives. Children. Construction of senses. Identity. Language.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Indicadores analíticos usados para análise de posicionamento em narrativas	59
Quadro 2 -	Indicadores analíticos sobre os episódios narrados e personagens	62
Quadro 3 -	Um pequeno exemplo para apreensão dos qualificadores dos personagens pelo estudo de caso 1: Flor	64
Quadro 4 -	Um pequeno exemplo para apreensão do contexto através do estudos de caso 1 e 2	67
Quadro 5 -	Síntese analítica para as posições da Flor ao longo do D-E com tema, considerando os dois tipos de qualificadores: fragilidade e fortalecimento e a contextualização	88
Quadro 6 -	Síntese analítica para as posições de Super-Herói sobre si em um SPA, considerando os dois tipos de qualificadores: fragilidade e fortalecimento	115

## LISTA DE ABREVIACÕES

CAPS I -	Centro de Atenção Psicossocial Geral
CAPSad -	Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas
CAPSi -	Centro de Atenção Psicossocial à Criança e Adolescente
CRAS -	Centro de Referência e Assistência Social
CREAS -	Centro de Referência Especializada em Assistência Social
CID 10 -	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
D-E -	Desenho-Estória
D-E com tema -	Desenho-Estória com Tema
ECA -	Estatuto da Criança e do Adolescente
IES -	Instituição de Ensino Superior
DSM's -	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
MEC -	Ministério da Educação
NASF -	Núcleo de Apoio a Saúde da Família
SPA -	Serviço de Psicologia Aplicada
SUAS -	Sistema Único da Assistência Social
SUS -	Sistema Único de Saúde
SH -	Super-Herói
TCLC -	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA</b> .....	16
2.1	SIGNIFICADOS E SENTIDOS NA PERSPECTIVA VIGOTSKIANA.....	16
2.2	PERSPECTIVA NARRATIVISTA.....	22
<b>2.2.1</b>	<b>Contextualizando os estudos com Narrativas ao longo do tempo</b> .....	22
<b>2.2.2</b>	<b>Perspectiva narrativista pós-positivista</b> .....	24
2.3	POSICIONAMENTO AGENTIVO COMO CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE IDENTIDADE.....	32
2.4	CUIDADO À CRIANÇA NA REDE DE SAÚDE MENTAL E O DIAGNÓSTICO COMO NARRATIVAS SOCIAIS.....	38
<b>3</b>	<b>PRESENTE ESTUDO</b> .....	46
3.1	DESENHO, SEU CONTEXTO E OBJETIVOS DA PESQUISA.....	46
<b>3.1.1</b>	<b>Desenho da pesquisa</b> .....	46
<b>3.1.2</b>	<b>O contexto da pesquisa</b> .....	47
<b>3.1.3</b>	<b>Objetivos</b> .....	50
<b>3.1.4</b>	<b>Procedimento de construção de dados e registros</b> .....	51
<b>3.1.5</b>	<b>Descrição dos procedimentos analíticos</b> .....	56
3.1.5.1	Apreensão dos personagens.....	60
3.1.5.2	Apreensão das atividades, recursos explicativos e qualificadores.....	63
3.1.5.3	Apreensão dos Contextos.....	66
<b>4</b>	<b>ESTUDOS DE CASO</b> .....	68
4.1	ESTUDO DE CASO 1: FLOR.....	68
<b>4.1.1</b>	<b>Posições da Flor perante a si mesma (Flor-Flor)</b> .....	70
<b>4.1.2</b>	<b>Posições de Flor em relação aos demais personagens (Flor- outro)</b> .....	76
<b>4.1.3</b>	<b>Posições da Flor perante ao cuidado à criança (Flor-narrativa social)</b> .....	81
<b>4.1.4</b>	<b>Síntese analítica do estudo de caso 1 (Flor)</b> .....	86
4.2	ESTUDO DE CASO 2: SUPER-HERÓI (SH).....	88

<b>4.2.1</b>	<b>Posições do Super-Herói perante a si mesmo (SH-SH).....</b>	<b>89</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Posições do Super-Herói em relação aos demais personagens (SH- outro).....</b>	<b>99</b>
<b>4.2.3</b>	<b>Posições do Super-Herói perante ao cuidado à criança ao que se refere ao normal e patológico (SH- narrativa social).....</b>	<b>106</b>
<b>4.2.4</b>	<b>Síntese analítica do estudo de caso 2 (Super-Herói).....</b>	<b>114</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>116</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>121</b>
	<b>APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>130</b>
	<b>APÊNDICE B – Termo de Assentimento do Menor.....</b>	<b>131</b>
	<b>APÊNDICE C – Questionário.....</b>	<b>132</b>
	<b>ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....</b>	<b>133</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Dentre os problemas a serem investigados no campo da psicologia como ciência e prática, temos interesse neste estudo pela construção de sentidos de si através das posições, temática amplamente desenvolvida pela Psicologia Discursiva em uma perspectiva narrativista. Assim, recorreremos à noção de posicionamento agentivo para investigar as construções de sentidos de si através da mutualidade entre cognição e cultura de crianças que já finalizaram o seu processo psicoterapêutico em um Serviço de Psicologia Aplicada (SPA).

Indagamos continuamente: Como foi para a criança estar neste espaço? O que mudou para ela?. Costumeiramente a avaliação do SPA, é (re)visto no Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia, por adultos, especialistas, pela avaliação permanente do Ministério da Educação (MEC), mas pouco se sabe sobre o que pensa a criança sobre suas transformações, oportunizando a pergunta: Como uma criança, que já passou pelo processo de psicoterapia, sente-se hoje através das narrativas?

Para responder a esta questão, buscamos ao longo do estudo investigar como as crianças, ao narrarem como se sentem após o processo psicoterapêutico, constroem sentidos de si em um Serviço de Psicologia Aplicada (SPA). Objetivando através dos recursos discursivos das crianças que emergem nas e pelas narrativas, dar maior precisão às posições agentivas perante a si mesmo, sobre os demais personagens e perante uma narrativa social. Possibilitando assim, analisar e interpretar as construções de sentidos de si que emergem pelas narrativas pessoais, defendidas como reguladas por narrativas sociais pela interação entre cognição e cultura. Sugerindo um cuidado maior às construções da própria criança, quando essa está inserida, por exemplo, na rede de atenção psicossocial e seus dispositivos, assim como, nos Serviços de Psicologia Aplicada (SPA`s).

Nesse caminho assumimos a noção de criança como autora das suas significações através das narrativas que contribuem para construção de si e do mundo, como sugere Bruner (1990/2008), bem como pela sua maneira própria de ver, pensar e agir, como ressaltam Francischini e Campos (2008), e Leite (2008). Nesta direção, nada melhor do que a própria criança narrar sobre sua própria experiência, pois ao falar de si mesma, constrói a si e seu mundo e busca conhecê-lo a partir das suas relações com seu contexto histórico-cultural (Bock & Gonçalves, 2009; Harré e Gillet, 1999; Gonçalves, 2001; Ricoeur, 1983/1994; Stefani, 2006). Ao

fazê-lo, narra situações cotidianas e se posiciona discursivamente perante suas experiências de vida através da construção narrativa como performance (Bamberg, 1997, 2005, 2008a, 2008b, 2008c, 2011, 2012).

Desse modo, o discurso tomado como a categoria mais geral, pode ser bem representado pela narrativa, a qual é uma forma de organizar a realidade contextualizada em determinado tempo e espaço, por sequenciamento de acontecimentos, sucessão de eventos, os quais facilitam a plausibilidade da interpretação da construção narrativa desde os aspectos mais gerais - por sistemas culturalmente compartilhados por símbolos, até os mais particulares - construção de sentidos, como algo irrepetível, singular em que o outro ocupa um lugar importante na construção de conhecimento (Brockmeier&Harré, 2003; Bruner, 1991; Bruner, 1990/2008; De Conti, 2004; De Conti & Sperb, 2009; Harré&Gillet, 1999, Moutinho, 2010; Oliveira, 2012, Vieira, 2001).

Entretanto, ao considerarmos o cuidado às significações das crianças como sugere *Atenção Psicossocial a Crianças e Adolescentes no SUS: Tecendo Redes para Garantir Direitos* (2014a), ainda há muito que se avançar nas questões temáticas sobre as construções de sentidos dessa população. Levando em consideração o exposto, iniciamos uma busca por estudos atuais que se debruçaram sobre a importância dos sentidos construídos pelas crianças, dando-lhes voz em diversos contextos: dentro da educação (Moreno & Branco, 2014; Andrade, 2010; Pires & Branco, 2008); no contexto do brincar (Vieira & Sperb, 2006; Correia & Meira, 2007); no contexto hospitalar (Aquino, De Conti & Pedrosa, 2014; Goulart & Sperb, 2003; Kuyava & Pedro, 2014; Sousa et al, 2014); no contexto familiar (Santiago, 2008; Meneses, 2009); bem como, no contexto clínico (Marangoni, 2007; Natividade, Coutinho & Zanella, 2008), do quais se destaca o desenvolvido por Polli (2012) sobre como crianças em atenção básica representam a sua terapia e o seu terapeuta, visto ter aproximações com o presente estudo em termos das preocupações apresentadas com as significações das crianças sobre o processo psicoterapêutico. Entretanto, os estudos nos diversos contextos referidos, não ressaltam as construções de sentidos das crianças que já finalizaram seu processo psicoterapêutico quanto as suas posições perante a: a) si-mesmo; b) o outro; c) ao discurso normativo (saúde mental, escola, mídia, família) que emergem pelo processo narrativo nas trocas simbólicas, como pretende o presente estudo.

Com o objetivo de investigar como as crianças que finalizaram a psicoterapia em um Serviço de Psicologia Aplicada, constroem sentidos de si através dos seus próprios recursos discursivos nas e pelas narrativas pessoais, apresentamos quatro capítulos quanto à elaboração do

referente estudo. No capítulo primeiro, damos atenção à fundamentação teórico-metodológica, apresentando as bases epistemológicas da constituição humana, passando pela perspectiva narrativista que norteiam a construção de sentidos e o posicionamento agentivo das crianças. Ao fim do capítulo, apresentamos a discussão sobre uma narrativa social que envolve os cuidados no nível de integralidade e proteção biopsicossocial das crianças dentro da saúde mental. No capítulo seguinte descreveremos o método de investigação, a proposta de análise e as categorias que serão utilizadas a partir da produção da criança.

Já no capítulo terceiro são analisados dois estudos de caso (Flor e Super-Herói), construídos no decorrer da construção de dados, finalizando nosso estudo com as considerações finais que retomam os objetivos do estudo, discute os principais resultados, bem como reflete sobre os seus limites e as possibilidades de novos estudos, e as contribuições sociais.

O presente estudo com foco na construção de sentidos de si nas e pelas narrativas de crianças, buscou responder a seguinte questão: “Como cada criança constrói sentidos de si em um SPA, após a psicoterapia?”, justificando-se no campo da Psicologia Cognitiva na medida em que se considera que a construção de sentido se dá na linguagem em uso pelos diferentes sujeitos e contextos diversos. Segundo Vygotsky (2001/2009), a linguagem é constitutiva do sujeito, embora não seja suficiente em si mesma para afirmar que antes de sua aquisição não existe cognição. Os processos cognitivos são formados pela atenção, raciocínio, memória, percepção (entre outros) e o recurso da linguagem torna mais potentes as capacidades de memória, pensamento, abstração e generalização. Em última instância, em termos de implicações práticas, busca-se possibilitar uma reflexão da atuação profissional do psicólogo junto ao público infantil e, quiça, para se (re)pensar e somar a rede de atenção psicossocial, com a construção de novos recursos e na problematização sobre as intervenções, tendo como norte o próprio discurso da criança.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Este capítulo que versa sobre o embasamento teórico-metodológico será dividido em três partes, considerando brevemente os caminhos da ciência em psicologia no decorrer dos séculos e avanços quanto à dimensão da dinâmica da experiência humana e seus desafios. Na primeira parte: 1) desenvolvemos a importância da abordagem vigotskiana quanto aos significados e sentidos na constituição humana; 2) discutimos as perspectivas narrativistas e a influência do turno interpretativo no desenvolvimento da Psicologia Discursiva, que servem como base para esta investigação; 3) Discorremos sobre a Teoria do Posicionamento Agentivo Bamberg e colegas (Bamberg 1997, 2006, 2008a, 2008b, 2008c, 2012; Bamberg & Georgakopoulou, 2008; Korobov & Bamberg, 2006), baseada na noção de posição desenvolvida na psicologia discursiva (Davies & Harré, 1999; van Langenhove & Harré, 1999), que nos ajudou a compreender a importância da construção de sentidos de crianças que já finalizaram seu processo psicoterapêutico ao se posicionar perante a si, o outro e ao discurso social.

### 2.1 SIGNIFICADOS E SENTIDOS NA PERSPECTIVA VIGOTSKIANA

Recorremos a um âmbito da Psicologia Sócio-Histórica que vem averiguando o ser humano e suas construções simbólicas ao longo da história, ou seja, essa perspectiva investiga a atividade semiótica através das significações através das relações simbólicas entre sujeito e mundo, no qual se(re)constroem com uso de signos, em situações contextualizadas.

Na história da psicologia, um importante estudioso que colaborou para este tipo de investigação qualitativa, desde o início do século XX, foi Lev Semenovitch Vigotski, que se interessou em investigar a gênese da consciência humana em processo de desenvolvimento. Em contraposição, as teorias psicológicas da época que procuraram explicar a consciência de forma parcial, pela descrição dos elementos psicológicos que, segundo Vigotski (1930/2010; 1932/1999; 1934/2008; 2001/2009), seria uma barreira para se compreender os fenômenos psicológicos de ordem superior. No decorrer da construção teórica, a perspectiva vigotskiana ainda fortalece um conjunto de reflexões em teorias e perspectivas posteriores, colaborando, por exemplo, com o turno interpretativo, bem como, com a perspectiva narrativista e Teoria do Posicionamento Agentivo pela abordagem da Psicologia Discursiva, que embasam este trabalho.

A propósito, a abordagem sócio-histórica desenvolveu-se teórico-metodologicamente, salvaguardando uma visão de homem histórico social e cultural. Assim, fez críticas à naturalização da constituição humana e à dicotomização dos fenômenos psicológicos, tocantes ao paradigma naturalista das ciências naturais, à qual se contrapunha. Importante ressaltar ainda que, ao considerarmos esta constituição do sujeito pelo social, pelas trocas simbólicas, não podemos confundir com a noção de determinismo ambiental, defendido pelo behaviorismo metodológico de Watson, que simplificou a *psyché* em comportamento observável, através da perspectiva linear estímulo-resposta, segundo Harré & Gillet (1999).

Em uma abordagem sócio-histórica, a constituição humana se faz na conexão dos fenômenos intersíquicos aliados aos intrapsíquicos, que são mediados por signos criados pelo homem. Signos esses que não são naturais como foi defendido primeiramente por Vigotski (1930/2010), mas o contrário, “a internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos” (p.58). Nessa direção, defendemos a partir do que foi construído pela abordagem vigotskiana, uma realidade que é (re)construída continuamente pelas operações desses signos, internos e externos, que de uma forma indireta, não linear, são mediados pela linguagem através de significações, possibilitando transformações internas e externas ao longo do desenvolvimento do sujeito histórico. No mais, admitimos ainda que, essa perspectiva avança quanto à multideterminação da constituição humana, não se reduza a causalidades únicas, isoladas, ao que se refere aos aspectos mentais, fisiológicos ou pelo ambiente externo.

Ainda quanto à constituição humana, Lev Semenovitch Vigotski já, nas primeiras décadas do século XX, através de sua perspectiva crítica e ética, contestou paradigmas e pressupostos da ciência moderna quanto aos aspectos metodológicos. Vigotski (1982/1999) sugere os limites dos métodos positivistas da época, bem como sugeriu a ingenuidade dessas escolas ao desconsiderarem o caráter histórico das produções humanas e o desenvolvimento dos significados das palavras no decorrer dos seus estudos.

Nesse caminho, Vigotski (1930/2010; 1982/1999) aponta um novo método para explicar a conexão entre pensamento e linguagem e, assim, superar os limites das escolas em psicologia quanto à descrição dos elementos psicológicos e, paralelamente, à noção dicotomizante da formação da consciência, naturalizando-a.

Salientamos que, ao considerar aspectos internos e externos da linguagem, ao longo mais ou menos de uma década, Vigotski (1930/2010; 1934/2008, 1982/1999; 1998/2003; 2001/2009) contribuiu epistemologicamente, inovando metodologicamente ao investigar as transformações do sujeito histórico ao longo do desenvolvimento. Também buscou pelas unidades contraditórias apreender os fenômenos psicológicos que envolvem aspectos qualitativos/quantitativos; objetivo/subjetivo; interno/externo; significado/sentido, ganhando força o caráter processual do desenvolvimento humano e suas particularidades pela subjetividade constituída nas e pelas trocas simbólicas, em um contexto sócio-histórico.

Assim, as ações intencionais sobre si e sobre a natureza, dotada de sentidos e significados, recriam o que já foi construído no passado; assim o sujeito histórico transmite não só a sua genética para seus descendentes, mas também compartilha socialmente sua história, cultura, constituindo a consciência humana ao longo do tempo. Ao superar a dicotomia, o singular não poderia mais ser investigado sem a pluraridade, já que os signos são construídos coletivamente e em nível pessoal. Pensando dessa forma, o objeto da Psicologia foi desnaturalizado a partir da perspectiva sócio-histórica, opondo-se à visão de homem que ora é determinado pelo seu ambiente, via behaviorismo metodológico e reduzido a comportamentos; ora determinado por forças pulsionais internalizadas via psicanálise, pressupostos que foram expostos por duas grandes forças da psicologia vigentes em uma psicologia em construção.

Vigotski (2001/2009) aponta que a relação do pensamento e da fala “até então separadas, cruzam-se e coincidem para iniciar uma nova forma de comportamento muito característica do homem” (p.130), isso mais ou menos aos dois anos de idade. É a partir dessa interconexão que a fala torna-se intelectual e o pensamento verbalizado que Vigotski (1934/2008) aponta para a importância do desenvolvimento dos significados das palavras, que foi um grande avanço para a ciência psicológica, pedagógica e linguística.

No momento em que a fala torna-se intelectualizada e o pensamento verbal, amplia-se o vocabulário da criança *em saltos*, como ressalta Vigotski (1934/2008; 2001/2009) e mais, nesse período, as crianças perguntam sobre cada novidade para o outro social e essas relações interpessoais, são mediadas simbolicamente e reguladas semioticamente por palavras. Segundo Vigotski (1934/2008), *a palavra é uma unidade analítica*, é a própria generalização de construções sociais ao longo do tempo e história, assim, a palavra viabilizou investigar o desenvolvimento do pensamento verbal que é mediado pelos seus significados.

O desenvolvimento dos significados das palavras foi a grande descoberta dos estudos sistemáticos de Vigotski (1930/2010; 1934/2008; 1998/2003) com crianças, pois diz sobre o processo vivo, contínuo, instável entre pensamento e palavra pela significação. Vigotski, (1934/2008; 2001/2009) então, buscou pela unidade analítica do pensamento verbal explicar aspectos externos e internos dos processos psicológicos superiores. Para uma maior compreensão da relação pensamento e palavra, Vigotski (1934/2008) nos diz que seria necessário investigar a natureza psicológica da *fala interior* e o caminho para esse entendimento seria pela fala egocêntrica. Para o autor, “A fala para si mesmo origina-se da diferenciação da fala para os outros” (p.166), e a fala egocêntrica é “um fenômeno de transição das funções intersíquicas para as intrapsíquicas” (p.166), afirmando que as relações sociais da criança são importantes e tornam-se gradualmente internas e significadas ao nível pessoal.

Esse seria o caminho para compreender a constituição dos processos psicológicos superiores através das trocas sociais, pois Vigotski (1934/2008) pontua que *a fala egocêntrica*, aos três anos de idade não se diferencia da fala social, contudo com o passar dos anos a fala egocêntrica não desaparece, mais *evolui para fala interna*. Para Vigotski (1934/2008), quando o sentimento de não ser compreendido está ausente, a fala egocêntrica não se extingue, o que acontece é a diminuição da *vocalização* até os sete anos. Dessa forma, Vigotski (1934/2008) contraria a tese de Jean Piaget que previa o desaparecimento da fala egocêntrica no decorrer da socialização gradual da criança, diminuindo assim seu pensamento egocêntrico.

Assim sendo, no decorrer dos anos, mais especificamente entre 3 aos 7 anos, a fala da criança se diferencia da fala social, evoluindo da *fala egocêntrica para fala interna*, explicitando o processo da internalização da fala em pensamento verbal conforme aponta Vigotski (1934/2008; 2001/2009). Em vista disso, o desenvolvimento da linguagem interior depende dos instrumentos do pensamento e da experiência sociocultural da criança, como afirma Vigorski (1934/2008; 1998/2003; 2001/2009), uma vez que ao dominar gradualmente a linguagem, as crianças constroem significados e sentidos sobre suas experiências, que são mediadas por signos externos e internos.

Dado que, primeiramente, as crianças dependem dos signos externos em uma relação interpsicológica pelo meio das relações sociais, até porque desde seu nascimento são inseridas em uma cultura, enriquecida de signos historicamente construídos pelos sujeitos. Ao serem internalizados, intrapsicologicamente ofertam novos significados sobre a experiência externa.

Esse movimento processual interpsicológico/intrapsicológico nas duas direções, é evidenciado a partir da ação do sujeito, das mudanças sobre a natureza e do próprio comportamento (Vigotski, 1930/2010).

Vigotski (2001/2009) releva algumas peculiaridades da fala interna na idade escolar. Uma delas nos interessa especificamente: a prevalência dos sentidos sobre os significados, que são relações entre pensamento e palavra, apontando que é possível através da linguagem exterior investigar a fala internalizada. Antes de desenvolver a predominância dos sentidos sobre os significados, vale dizer que os estudos demonstraram a importância de se investigar como se dá o processo de desenvolvimento verbal da criança, que perpassa inicialmente pela fala social, depois pela fala egocêntrica, direcionando-se à fala interna. O qual, segundo Vigotski (1934/2008), não é suficiente para compreender a complexidade da conexão pensamento e linguagem. Desse modo, sugere que “Para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras - temos que compreender seus pensamentos. Mas nem mesmo é suficiente – também é preciso que conheçamos a sua motivação” (p.188), para uma análise psicológica de uma forma integrada.

Destacamos ainda que entre linguagem interna e externa existem diferenças. Vigotski (1934/2008; 2001/2009) nos explica que se a linguagem externa “é um processo de transformação do pensamento em palavras” (p.474), representada pela materialização do pensamento pela palavra; a linguagem interna funciona de uma forma inversa “que parece caminhar de fora para dentro, um processo de evaporação da linguagem no pensamento” (p.474), diminuindo o número de palavras, contudo o discurso não desaparece ao ser internalizado.

Dessa forma, a importância de investigar a fala interna pela fala egocêntrica diz sobre uma realidade não localizada fora ou dentro do sujeito, porém (re)construída ao longo do desenvolvimento humano desde as generalizações mais primitivas até as mais abstratas, alterando a natureza psicológica. Posto isso, uma das peculiaridades da fala interna, segundo Vigotski (2001/2009), é “o predomínio do sentido da palavra sobre o seu significado na linguagem interior” (p.465), caracterizando a complexidade de se apreender os fenômenos psicológicos, já que os sentidos são dinâmicos e instáveis.

Esse pensamento teve forte influência de Paulham que introduziu a diferença entre significado e sentido da palavra na análise psicológica dos estudos linguísticos, dessa forma, embasou a teoria de Vigostki (1934/2008; 2001/2009) que qualificou sentido e significado da palavra da seguinte forma:

o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluída, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata (Vigotski, 2001/2009, p. 465).

Fundamentado nessa diferenciação, os sentidos enriquecem as palavras e incorporam o contexto em que são ditas, dessa forma, a palavra não poderia ser analisada isoladamente. As palavras de uma frase assumem sentidos no contexto do parágrafo, que também assumem um sentido no contexto da obra literária completa, como afirma Vigotski (1934/2008; 2001/2009).

Dessa maneira, a unificação entre as palavras pelas suas diversidades formam unidades semânticas (Vigotski, 2001/2009), o título de uma obra literária, por exemplo, “exprime e coroa todo o conteúdo semântico da obra” (p.469), reforçando, assim, o caráter semântico da linguagem interna que pode ser expressa oralmente ou pela escrita.

Consequentemente, seria necessário averiguar como as palavras mudam de sentido, interessando também em qual contexto foram ditas, já que com a mudança de contexto os sentidos das palavras mudam, segundo Vigotski (2001/2009). Essa seria a realização do pensamento na palavra, que por sua síntese são: significados históricos compartilhados socialmente (interpsiquicamente) mais os sentidos subjetivos construídos (intrapisiquicamente), (re)construindo novas significações sobre a experiência contextualizada.

Destarte, os sentidos dizem a dimensão subjetiva da realidade pela síntese da objetividade e subjetividade (Aguiar, Liebesny, Marchesan & Sanchez, 2009). Desse modo, expressamos o interesse pelos sentidos como fonte inesgotável da subjetividade, que por unidades dialéticas entre cognição/afeto, racional/emocional, objetivo/subjetivo, confere ao sujeito sua integridade histórica e singular (Gonçalves & Bock, 2009; Sirgado, 2000).

A linguagem, como processo cognitivo e afetivo, ganha um grande interesse nesse estudo, pois é responsável pela inserção do sujeito na cultura, bem como lhe permite conhecer a realidade (re)construída através das mediações de signos, possibilitando a internalização e a constituição do pensamento, dessa forma, defendemos que a realidade não estaria pronta, mas seria regulada socioculturalmente.

Apesar das dificuldades de apreensão dos sentidos, devido a sua fluidez, flexibilidade, e de caráter singular como sugerem Aguiar e Ozella (2013), “A categoria sentido destaca a singularidade historicamente construída. Fica evidenciada, desse modo, a complexidade da categoria discutida, fato que sem dúvida gera grande dificuldade nas formas de apreendê-la” (p.305). Todavia, algumas perspectivas, como veremos no próximo capítulo, deram sequência nos estudos sobre sentidos através da construção de sentidos a partir das narrativas pessoais, como possibilidade de construir conhecimento através das posições dos sujeitos pela oralidade e escrita, materializando os sentidos construídos pelo sujeito histórico.

## 2.2 PERSPECTIVA NARRATIVISTA

Defendemos que a constituição humana deriva dos sentidos e significados por um sujeito que age, organiza sua realidade e a constrói através das relações simbólicas embebidas de signos. Esse sujeito que julga, explica e não só reflete seu ambiente, o produz com significados é defendido por (Bezerra Jr, 2001; Wittgenstein, 1953). Então, assumimos uma perspectiva narrativista que contempla a proposta teórico-metodológica que foi discutida nesse capítulo.

### 2.2.1 Contextualizando os estudos com Narrativas ao longo do tempo

Tomando-se a visão de sujeito e de epistemologia já explicitadas, assumimos nesse estudo a perspectiva narrativista como uma proposta teórico-metodológica e analítica que ressalta a capacidade do narrador de organizar a realidade de forma narrativa, como ato intencional (Bruner, 1991, 1990/2008). Assim, é possível investigar como cada pessoa, ao narrar, compartilha significações da cultura e as (re)constrói através de uma realidade concreta. Antes de preconizar os interesses desta perspectiva narrativista, é importante compreender brevemente o caminho epistemológico das narrativas, o qual, ao longo da história, propiciou interesses nas diferentes áreas do saber científico.

Desde muito cedo na história da civilização, uma forma particular do discurso, a narrativa, foi objeto de interesse. Na Antiguidade, como nos lembra Vieira (2001), “os primeiros estudos da narrativa começaram a partir da Poética de Aristóteles (1992), escritos em torno do ano de 335 a.C” (p.599). O interesse pelas narrativas perseverou em diferentes séculos e contextos, passando

pela Idade Média, Renascimento, Iluminismo, adentrando nas ciências naturais pelo século XIX, como descrito por Brockmeier & Harré, (2003), Leite (2007) e Vieira (2001).

Contudo, o interesse pelas narrativas ganham força nos anos oitenta do século passado no campo das ciências humanas e sociais pelo pós-modernismo, na tentativa de superar os métodos das ciências naturais, havendo o desenvolvimento de novos estudos com uma perspectiva teórico-metodológica narrativista, avançando inclusive no aspecto analítico, como bem aponta Moutinho (2010).

Para compreendermos como nasce essa nova perspectiva narrativista nos anos oitenta do século XX, é importante lembrarmos brevemente as propostas do funcionalismo e do estruturalismo a respeito das narrativas como objeto de investigação, assim como, o surgimento das críticas perante essas escolas, que estavam respaldadas nos pressupostos filosóficos das ciências naturais sob influência do positivismo e experimentalismo como aponta (Figueiredo, 1989/2012).

Um dos representantes do funcionalismo foi Propp, que através dos estudos dos contos fantásticos da cultura popular russa, segundo Vieira (2001), contribuiu com a narratologia. Propp, como o precursor do estruturalismo no início do século XX, descreveu as partes constitutivas dos contos folclóricos e suas relações entre si como alicerce de seus estudos narratológicos.

Para essa perspectiva, importa o que os personagens fazem e suas funções são equivalentes nos diferentes contos. Segundo Vieira (2001), “Propp será o primeiro a chamar a atenção para a forma estrutural do enunciado narrativo” (p.600), com os personagens assumindo funções em uma ordem estruturada. Seguindo a direção de Propp, que estuda os aspectos internos das narrativas, Todorov (1973) nos anos setenta do século XX, nomeou de Sequência Narrativa as estruturas narrativas, retratando-as pela lógica das cinco macro divisões, quais sejam: 1) situação inicial estável; 2) existência de uma perturbação; 3) estado de desequilíbrio; 4) restabelecimento do equilíbrio; 5) novo equilíbrio.

Por esse caminho de construção de conhecimentos, os estudiosos dessa época buscavam nos processos *mais elementares e estruturais*, a explicação para o funcionamento das narrativas através de uma lógica geral. Esta forma de entender as narrativas por sua sequência ordinal, passa a ser criticada nos anos oitenta do século XX, sendo um dos seus representantes Ricoeur (1983/1994) o qual aprimora os estudos narratológicos ao considerar sua temporalidade.

Ricoeur (1983/1994) contesta o caráter sequencial, linear das narrativas defendidas pelos funcionalistas e estruturalistas. Defende a narrativa como representação do tempo e afirma que “a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (p.15), descronologizando as narrativas. Dessa forma, estudar as narrativas seria a maneira de investigar como os sujeitos representam e vivenciam o tempo, ou como bem aponta Bruner (1990/2008), ao estudar as narrativas evidenciamos como o ser humano significa e vivencia suas próprias experiências mundanas processuais.

Ao contextualizarmos resumidamente o percurso de investigação sobre as narrativas ao longo do século XX, percebemos as contribuições do funcionalismo e estruturalismo quanto aos aspectos *internos* das narrativas e à descrição do produto linguístico. Contudo, não foi considerado o caráter histórico da experiência humana em um espaço, tempo e sua contextualização por essas abordagens, como enfoca a perspectiva narrativista pós-positivista a seguir.

### **2.2.2 Perspectiva narrativista pós-positivista**

Após o interesse pelos estudos narratológicos, que movimentaram uma lógica dualista, surgem novos estudos sobre narrativas em um movimento do pós-positivismo, guiado por interesses relativos aos estudos da sociolinguística e filosofia da mente, enraíza nas ciências humanas um forte interesse por estudos de narrativas ao longo das últimas quatro décadas.

Dentre os estudiosos das ciências humanas, Nietzsche, Heidegger, Austin, Dilthey, Gadamer, Wittgenstein, de acordo com Moutinho (2010), contrapunham a representação da realidade pela linguagem. Para estes autores citados, a linguagem teria significações através da oralidade e escrita, que poderiam ser investigadas ao longo do discurso, considerando sua temporalidade e contexto.

Dentre os diversos campos do saber em ciências humanas, as narrativas são de grande interesse para inúmeros estudiosos como Bakhtin (1929/2008), Bruner (1987, 1990/2008, 1991, 1992), Polkinghorne, (1988), Ricoeur (1994), Sarbin (1986) e Spence (1982) que aprimoraram as pesquisas sobre narrativas oralizadas e escritas, viabilizando uma compreensão maior da complexidade humana dentro de uma realidade narrada.

As narrativas, assim, são assumidas como apresentando um caráter aberto, flexível e jamais tomadas como prontas. Desse modo, as perspectivas narrativistas nascidas na segunda metade do século XX, destacaram-se nas diversas áreas das ciências humanas, através da história, psicologia, sociologia, filosofia, antropologia, bem como interesses no campo artístico, como foi apontado por Riessman (2001, 2005).

Outro autor de grande importância para a episteme em construção foi Wittgenstein, que a partir do antiessencialismo em sua obra *Investigações Filosóficas* (1958/2004), afasta-se também do cenário construído com pressupostos filosóficos centrados no objetivismo. Revela a importância de compreender melhor a experiência humana pela significação através da linguagem. Nesse sentido, Wittgenstein (1958/2004) aponta que os sujeitos são contingenciados por contextos interacionais nos quais participam e que só poderíamos entender o comportamento dos sujeitos quando apreendemos os significados pela ação de cada pessoa (Wittgenstein, 1953).

Nesse avanço durante as décadas, os estudos a respeito do uso da linguagem são revigorados, aflorando nos anos oitenta do século XX, a Segunda Revolução Cognitiva – mediante uma visão ontológica do sujeito que interpreta seu mundo e constrói significações por intermédio da sua agentividade, retomando a importância da cultura como constitutiva humana (Bruner, 1990/2008; 1991; Harré e Gillet, 1999).

Essa abordagem interpretativa da cognição focou na construção de significados a possibilidade de compreensão da mente discursiva mediante um sujeito histórico, contextualizado, mediado por signos culturais/linguísticos. O significado com centralidade no discurso contribuiu e contribui para a investigação da dinâmica humana através dos fenômenos psicológicos, ao mesmo tempo em que considera o intrapsíquico e interpssíquico, como bem é acentuado por Vigotski em seus estudos no início do século XX, como supracitados na seção anterior.

O cenário da Segunda Revolução Cognitiva também viabilizou afirmar que as culturas são contadoras de histórias, como argumenta Bruner (1990/2008) ao defender que uma das formas que as culturas se propagam é pelas narrativas das pessoas, um modo privilegiado do discurso ser manifesto, bem como uma forma de alcançar novos conhecimentos, estruturando a experiência do mundo e do *self* pelo ato de narrar (Bruner, 1990/2008; 1991).

No itinerário dessa abordagem interpretativa que considera o processo de construção de significados, Harré & Gillet (1999) retratam a importância da significação para a compreensão da

mente discursiva e afirmam: “Diríamos que precisamos saber o que uma situação significa para uma pessoa” (p.25), afinal, *somente a própria pessoa* poderia retratar *uma verdade construída com o social*. Desse modo, o processo da construção de si mesmo pelos significados do discurso é de interesse dessa nova perspectiva narrativista, coadunando-se com os interesses pelo desenvolvimento dos significados e sentidos discutidos por Vigotski (1930/2010; 1934/2008; 1998/2003; 2001/2009).

De acordo com a perspectiva teórico-metodológica narrativista adotada por esse estudo, a narrativa é uma produção privilegiada a ser investigada a partir de como organizamos a realidade, dando coerência às nossas experiências (Lightfoot, 1997; Harré & Gillet, 1999). Além dos aspectos teóricos e metodológicos, as narrativas, também poderiam ser analisadas pela continuidade dos fatos, pelo seu processo em um tempo irrepitível (Harré & Gillet, 1999; De Conti, 2004). Vinculados a essa realidade do tempo irreversível, contínuo e não cronológico, está o sujeito cognitivo, que busca conhecer seu mundo através de seus sistemas contextuais.

Quanto aos contextos, devemos estar atentos ao que Sarbin (1986) tem a dizer sobre a contextualização, conceito que nos possibilita identificar as escolhas morais ao pensar, imaginar, agir, já que são construídas e reconstruídas ao longo das civilizações. Da mesma maneira que a contextualização é importante ao investigar como o sujeito significa suas experiências ao se relacionar semioticamente com a cultura durante o seu desenvolvimento, podendo dizer que nenhum acontecimento ocorre duas vezes, já que o instante, o presente, está por vir em direção ao futuro, como sugere Valsiner (1989; 2000, 2007, 2012).

A *temporalidade* como a *contextualização* são pressupostos defendidos pelo *turno interpretativo*, que invoca a construção de conhecimento com o participante e pela *ação interpretativa do pesquisador* através dos dados construídos ao longo do estudo, salvaguardando, como aponta Moutinho (2010), a importância da cultura para compreensão da constituição humana, destarte o turno interpretativo defende que:

(a) cultura fornece os recursos simbólicos que guiarão a construção de sentidos. Nela estão compartilhados normas, referenciais linguísticos, valores, que vão pautar nossos desejos, crenças, intenções; fornece a tradição que limita a construção do ainda novo; (b) nela se dão as trocas simbólicas, as ações discursivas que sempre envolvem uma interlocução, um ouvinte, aquele para quem o discurso é dirigido e assim e co-autor das produções linguísticas. (Moutinho, 2010, p.58)

Nessa direção, o turno interpretativo embasa os estudos das narrativas, que são construídas com o interlocutor, assim, seguimos defendendo uma visão de sujeito que constitui a si mesmo com o outro, contrapondo-se ao pensamento cartesiano. Para esta visão, o si mesmo poderia ser localizado internamente, outrora poderia ser representado somente pelo comportamento observável, externo (Figueiredo, 1989/2012 e Harré & Gillet, 1999).

O turno interpretativo também influencia a Psicologia Discursiva, que enfatiza o uso da linguagem, para investigar os fenômenos psicológicos e sua dinâmica. Dessa maneira, alguns autores como Bamberg (1997, 2004, 2005), Bruner (1987, 1990/2008; 1991), Brockmeier & Carbaugh (2000), Brockmeier & Harré (2003), Gonçalves (1998) Lightfoot (1997), Spence (1982) e outros colaboradores assumiram a capacidade das pessoas em organizar a realidade também através das narrativas, como construção individual e cultural, dando assim, coerência ao mundo através de estudos com narrativas pessoais reguladas pelas coletivas, dentro de um contexto sociocultural.

A partir da ação interpretativa do pesquisador buscamos um aprimoramento teórico-metodológico e analítico através da perspectiva narrativista que, segundo Brockmeier & Harré (2003), defendem os tipos investigativos se “concentram nas formas de vida social, discursiva e cultural, em oposição à busca por leis do comportamento humano” (p.525). Ainda segundo os autores, os estudos das narrativas seriam um caminho possível para solucionar um antigo e atual problema em psicologia: apreender as dinâmicas dos fenômenos psicológicos como sugerem (Brockmeier & Harré, 2003).

Estes autores destacam em seu estudo a importância da apreensão dos personagens e sua relação com o enredo ao longo da construção narrativa. Assim, é necessário saber para quem se narra, onde ocorre a narração e em que situação, sendo essa dinâmica contextualizada em tempo e espaço. Nessa dinâmica entre personagens se dão as ações discursivas e as trocas simbólicas, envolvendo interlocuções, ocorrendo uma coautoria da produção narrada.

Já que as narrativas são construídas com o outro social, Brockmeier & Harré (2003) apontam que ao contar histórias fictícias ou reais, subjetivamos o mundo pelas histórias narradas, assim, (re)construímos a nós mesmos e o mundo. Nessa direção, Brockmeier & Harré (2003) ressaltam o alerta de autores como Wittgenstein (1953) e Vygotsky (1934/2010) a respeito da linguagem como uma transformação da realidade através das significações. Para Brockmeier & Harré (2003), as “narrativas são formas inerentes em nosso modo de alcançar conhecimentos que

estruturam a experiência do mundo e de nós mesmos” (p.531), as narrativas não seriam um espelhamento do pensamento, mas uma reconstrução de realidades, coadunando com L. S. Vigotski a respeito do processo de construção de significados e sentidos como característica humana, mesmo que o autor não tenha estudado sobre narrativas.

Sobre esse aspecto, Moutinho & De Conti (2010) apontam que L. S. Vigotski, através de sua obra intitulada “Psicologia da arte”, contribui com a perspectiva narrativista, ao considerar a natureza histórica/social dos signos linguísticos – que funcionam como mediadores da constituição do sujeito pela cultura, encorpendo epistemologicamente a perspectiva aqui resguardada no corrente estudo, desde a visão de homem não naturalizada, até a constituição da consciência humana pela mutualidade entre cultura e cognição.

Nessa aproximação entre perspectivas, afirmamos que a construção de sentidos de si entre a mutualidade cognição/cultura ocorre por mediações semióticas. Porquanto ao considerarmos a (re)construção de si mesmo pelas narrativas, nos deparamos com o desafio de investigar a singularidade de cada sujeito entre o que é intersíquico e intrapsíquico.

Conjeturando com a importância da singularidade para compreender a dinâmica dos fenômenos psicológicos, Cornejo (2004) retrata que a própria singularidade se dá pela experiência subjetiva no contexto de sua experiência - via linguagem, revelando uma realidade construída por cada pessoa. Quanto ao interesse pela singularidade na Psicologia Cognitiva, recorreremos também à Pinheiro & Meira (2010), que apontam a importância das contingências e cultura do sujeito na construção da subjetividade, não a isolando dos processos cognitivos, mas propondo a compreensão do sujeito pela construção de sentidos.

Essa construção confere ao ato de narrar a intrínseca singularidade, ponderada as convenções locais, sociais no enredo construído por cada sujeito que está acompanhado por aquilo que foi construído pela cultura, e que ao narrá-la a modifica. Nessa inquietação, rodeadas por narrativas coletivas embebidas de enredos contextualizados, as singularidades podem ser compreendidas baseadas na construção de sentidos de si. Brockmeier & Harré (2003), apontam que a realidade é constantemente (re)construída por narrativas e se constituem com o interlocutor, assim não haveria uma realidade pronta, localizada no mundo e poderia ser representada pela linguagem a qual os autores denominam de “falácia representacional”.

Esse modo específico de constituir a si e seu mundo por realidades em processo de transformação através das narrativas, como apontou Bruner (1991), nos possibilita investigar como as pessoas ao narrar, constroem a si mesmas e o mundo (eu-mundo).

Brockmeier & Harré (2003) apontam como seria investigar as narrativas para alcançar novos conhecimentos com os participantes da pesquisa: “nós devemos examinar cuidadosamente as maneiras pelas quais as pessoas tentam dar sentido às suas experiências. Elas o fazem, entre outras formas, narrando-as” (p.531). O mesmo pensamento é defendido pela estudiosa Georgakopoulou (2006), a qual investiga a cursividade das narrativas, para saber como as pessoas constroem sentidos sobre si, e não somente o que elas têm a nos dizer pelo seu conteúdo. Desse modo, as narrativas dizem muito sobre como as pessoas lidam com conflitos, tensões em situações corriqueiras, proporcionando construir sentidos através de trocas simbólicas entre os diversos sistemas humanos, seja o familiar: casamento, nascimento de filhos, saída dos filhos de casa, morte de um parente; seja o das organizações: emprego, adocimento no trabalho, perdas, ganhos, bem como o da escola: primeiro dia de aula, conversas com os amigos, formatura ou sobre quaisquer experiências de vida, por exemplo: nascimento de um filho, de uma irmã, um atentado terrorista, primeira apresentação teatral na escola, comemoração de cinquenta anos de casamento, separação de um casal, encontros entre amigos no intervalo da aula na escola, na faculdade, assim como, aquilo que interessa a esse estudo: como a criança após ter finalizado sua experiência na psicoterapia, constrói sentidos de si no contexto da clínica psicológica, que dizem sobre sua experiência reconstruída por sentidos.

Quanto a esses aspectos experienciais do sujeito, Bruner (1991; 1990/2008), nos explica que a constituição do sujeito pelas narrativas, expressa tanto o excepcional (referindo-se às construções de si sobre o mundo), como também expressa o geral que é o culturalmente compartilhado. Ambos, o excepcional e o canônico, simbolicamente participam da constituição da subjetividade.

Ressaltamos, ainda, que desde que nascemos, experienciamos padrões culturais que envolvem narrativas sociais, como afirmam Bamberg (1997) e Brockmeier & Harré (2003), ao ressaltarem que desde a infância ouvimos histórias mesmo antes de falarmos. Bruner (1990/2008) ainda defende que desde muito cedo, a partir de *três a quatro anos idade*, a criança, pelo ato narrativo, realiza retóricas do convencional, interpreta o que foi narrado, inserindo-se na cultura e

a modificando, ao mesmo tempo em que, fazendo-se um ser que fala<sup>1</sup>, pela sua própria intencionalidade, transformando-se ao longo do tempo.

Bruner (1990/2008), por sua vez, nos explica que a criança ao narrar, justifica, persuade sua audiência, para alcançar aquilo que quer “sem provocar um confronto com aqueles que amam” (p.109), dessa forma o faz para compreender a vida e seu cotidiano, por exemplo, ao tentar resolver conflitos, problemas.

Para entendermos, então, como as crianças, através de seus recursos linguísticos constroem sentidos de si pelas narrativas, precisamos explicitar melhor de que narrativa falamos, como investigá-las e suas características.

Quanto ao tipo de narrativa, é necessário dizer, como sugerem Brockmeier e Harré (2003), que existem dificuldades de caracterizar os tipos de narrativas, já que há uma diversidade delas. As narrativas poderiam ser mitos, contos de fadas, fábulas, conselhos, através do seu caráter híbrido, por outro lado, essa diversidade demonstra a presencialidade dessa forma de discurso nas nossas vidas. Outra dificuldade de identificá-las, de acordo com Brockmeier e Harré (2003), seria a de reconhecer a autoria das diversas narrativas, remetendo à Bakhtin (1929/2004), a fim de justificar a autoria da narrativa construída por “várias vozes dos personagens”. Assumem, portanto, os personagens como corresponsáveis no decorrer das narrativas, não estando de acordo com a ocorrência de uma suposta unicidade de autoria.

Tomando a noção de que as narrativas são diversas e co-construídas, Brockmeier & Harré (2003) direcionam a necessidade de investigar um tipo de narrativa em que “deve haver personagens e um enredo que evolua ao longo do tempo” (p. 526). Sugerem investigar narrativas com personagens em relação com seu enredo, dessa forma, as autorias dependerão de como cada personagem se relaciona ao longo das narrativas contextualizadas.

Portanto, à luz do “turno narrativista”, ao narrar ordenamos as experiências únicas, irrepetíveis, como argumenta De Conti (2004), justificando a exclusividade do enredamento nas relações, no fluxo de personagens, com sequenciamento de atos intencionais. Desse modo, nos interessa narrativas únicas em um tempo e espaço específicos, pois através dessas narrativas é possível apreender a dinâmica dos personagens e seu enredo, uma vez que as pequenas mudanças

---

<sup>1</sup>Questionamos o significado da palavra infante, já que a origem da palavra se remete etimologicamente ao latim *infantia*, do verbo *fari* = falar, onde *fan* = falante e *in* constitui a negação do verbo. Portanto, *infans* refere-se à criança que ainda não é capaz de falar. Aqui defendemos que ao falar, narrar, ela constrói sentidos de si e de seu mundo.

no próprio enredo realizadas por quem está narrando, bem como, as trocas de personagens ao longo da narrativa, mudariam os sentidos da história e, nesse momento, haveria a reconstrução de diferentes realidades (Brockmeier & Harré, 2003; Moutinho, 2010).

Portanto, é necessário saber como as narrativas serão investigadas, nos interessando a respeito de como as pessoas utilizam as narrativas para dar sentidos às próprias experiências. Moutinho (2010) nos sugere que devemos estar atentos à “linguagem em uso, é necessário conhecer como se dá a narração, o ato de narrar, em dado tempo e espaço, uma vez que estes elementos constituirão a construção de sentidos” (p.55). Por esse caminho, nos interessamos em saber quais os recursos linguísticos foram utilizados por crianças durante o processo narrativo, igualmente, *como* as palavras foram ditas e de que maneira foram escutadas pelo pesquisador.

Este tipo de investigação ainda é um desafio, pois dizem a respeito das singularidades em diversos âmbitos, contextos e culturas diferentes. Com isso, este tipo de investigação nos motiva a continuar a perguntar como as pessoas constroem sentidos de si, defendendo nesse atual estudo que as crianças o faz desde muito cedo. Valorizamos, assim, as construções de conhecimentos com o participante, coadunando com os escritos de Moutinho (2010) e Moutinho & De Conti (2016), a respeito da construção de dados com os participantes, tendo como objeto de estudo a construção de sentido de si ao longo das narrativas.

As qualidades teórico-metodológicas nessa perspectiva acima explicitada, facultam explorar como as crianças ao falar de suas experiências pelas narrativas, interpretam seu mundo se remetendo a uma “verdade em processo de construção”, habilitando as narrativas como espaço de transformações de si através das relações simbólicas. Oportuniza também saber que, ao utilizar de seus recursos linguísticos em desenvolvimento, as crianças qualificam seus personagens da estória, utilizando de adjetivos, pronomes pessoais e verbos ao longo do processo narrativo.

Essas qualidades acima citadas nos remete à verdade da própria narrativa, como sugere Bruner (1991; 1990/2008), e devemos assim considerá-la como interpretações do mundo, tal como as narrativas pessoais de crianças que já finalizaram seu processo psicoterapêutico, são construções de sentidos de si, que são processuais dentro de um contexto histórico específico, mediadas por trocas simbólicas.

Esse avanço há quase quatro décadas em aspectos teórico-metodológicos dentro das narrativas, levou alguns estudiosos Bamberg e colegas (Bamberg 1997, 2006, 2008a, 2008b, 2008c, 2012; Bamberg & Georgakopoulou, 2008; Korobov & Bamberg, 2006) a investigarem a

construção de sentido de identidade a partir da teoria do Posicionamento Agentivo que será discutida brevemente na seção seguinte, onde o posicionar sobre si através das relações cotidianas nos leva a analisar como construímos a nós mesmos, nossa identidade em plena constituição e suas transformações, considerando a mutualidade entre cultura e cognição, através das experiências cotidianas concretas.

### 2.3 POSICIONAMENTO AGENTIVO COMO CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE IDENTIDADE

Nessa seção, nos deparamos com a Teoria do Posicionamento, que busca explicar o fenômeno da construção de sentidos de identidade, como uma das raízes teóricas-metodológicas e analítica da abordagem da Psicologia Discursiva. Para uma melhor explicitação sobre o nosso interesse pela construção de sentidos de si de crianças. A princípio adentraremos pelo conceito metafórico de posição (Davies & Harré, 1999; Harré e Van Langenhove, 1999), a qual, segundo os autores, se dá pela linguagem na qual metaforicamente é um lugar moral que pode ser investigada pelas trocas simbólicas. Mais adiante, discutiremos a noção de posicionamento agentivo de Michael Bamberg que avança teórica-metodologicamente e analiticamente sobre esta noção no que se refere em: *como as pessoas se posicionam*, lugar da construção de sentido de identidade trabalhados nos estudos de Bamberg e colegas (Bamberg 1997, 2006, 2008a, 2008b, 2012; Bamberg & Georgakopoulou, 2008; Korobov & Bamberg, 2006).

Dessa forma a noção de posição, em situações interacionais, o “falante” pode posicionar a si mesmo, como também pode ser posicionado como apontam (Davies e Harré, 1999, Harré e Van Langenhove, 1999). Estes estudiosos citados, apontam que antes da Psicologia Discursiva trabalhar com a noção de posição, o referido conceito foi utilizado em 1984 por Hollway, que, em seu estudo, desenvolveu a noção de construção de subjetividade nas relações heterossexuais através das posições de homens e mulheres.

No fim da década de noventa do século XX, van Langenhove & Harré (1999) validam a noção de posição, como um conceito metafórico, no qual as pessoas atribuem sentidos a si mesmo através de conversações e/ou trocas simbólicas circundadas de “tensões” de valores, normas sociais, ideologias, em um tempo irrepitível e espaço específico. Com um detalhe, segundo os autores, na ocorrência das trocas simbólicas é necessário saber como um falante é

escutado e igualmente o que escutamos irá depender de como posicionamos aquela pessoa. Porém, mesmo com o avanço perante a agência de pessoas que organizam as experiências pelas narrativas, por vezes ao mesmo tempo como ouvintes e falantes, a posição por Harre´& Langenhove (1999), é caracterizada pela semi-agentividade do sujeito, já que suas posições são dependentes das posições de discursos dominantes, limitando de certa forma as possibilidades de investigar a construção de sentidos de identidade.

Fundamentado pelo conceito metafórico de posição e, pela intencionalidade nas e pelas narrativas, Bamberg (1997, 2004, 2005) sugere uma ininterrupção nos estudos sobre a construção de sentidos de identidade entre duas linhas de pensamentos: (1) via semi-agentividade (mundo-sujeito), e (2) pela agência do self narrativo (sujeito-mundo). Ou seja, argumenta sobre a premência de ponderar sobre a relevância das duas ênfases conjuntamente: (1) do ser semi-agentivo de Davies e Harré (1999) e colegas, bem como (2) o ser agentivo de Jerome Bruner.

Ademais, Bamberg (1997, 2005, 2011, 2012), Bamberg e Georgakopoulou, (2008) e Korobov e Bamberg (2006) propõem além do posicionamento agentivo, uma ferramenta analítica que expande a perspectiva teórico-metodológica narrativista, oportunizando um tipo de análise particular nomeada de “análise do posicionamento agentivo”, como uma forma de interpretar narrativas orais e escritas de adolescentes e jovens adultos considerando três categorias: (1) eu-eu: as posições perante a si mesmo; (2) eu-outro: posições do narrador perante aos demais personagens e (3) eu-discurso dominante: as posições perante a uma narrativa social. Explorando o entendimento de como me posiciono através dos recursos discursivos da pessoa narradora.

Esse interesse pelas posições agentivas nas e pelas narrativas em um determinado tempo e espaço geograficamente localizável, se destacam por serem narrativas sobre o cotidiano no imediatismo das situações. Essas posições morais conforme aponta Moutinho (2010) “se faz sobre as posições disponíveis socialmente, nas chamadas “narrativas mestre”, “narrativas dominantes”, “textos culturais” ou, como preferimos nomear, narrativas sociais” (p.68). Assim sendo, podemos exemplificar essas trocas simbólicas através dos episódios habituais do cotidiano: conversações antes da aula, durante o recreio, ao fim das aulas, encontro com os amigos, como sugere Moutinho, (2010) que envolvam embates, situações ditas problema ou que dizem respeito ao interesse dos participantes.

Esse interesse pelas narrativas surge na Antiguidade, passando pelo Estruturalismo e Funcionalismo, chamando atenção desde o seu caráter mais geral como aponta Moutinho (2010),

“narramos hoje e narramos sempre” (p. 47), assim além de ser uma característica humana, e de interesse de diversas ciências sociais e humanas, a perspectiva adotada nas últimas quatro décadas, tem o desafio no campo da Psicologia Discursiva para compreender melhor a dinamicidade do comportamento humano como sugerem (Brockmeier & Harré, 2003). Os mesmos autores levam em consideração a condição particular de um discurso contextualizado em tempo e espaço, bem como o seu caráter aberto, fluído e transitório dos sentidos construídos a serem interpretados pelo pesquisador dentro da noção de plausibilidade. Para isso, é necessário saber de que lugar o sujeito narra, quem é o interlocutor, como o ouvinte escuta o narrador (Bamberg, 2004, 2005, 2008a, 2008b, 2008c, 2011, 2012, Brockmeier & Harré, 2003, Moutinho, 2010).

Portanto, afeiçoamo-nos pelo processo narrativo, donde os personagens são regulados por trocas simbólicas, em que a construção de sentido de si está em construção permanente. Diferentemente do si, individualizado, como unidade psíquica, localizável em Descartes, Kant e Piaget como aponta González Rey (1993/1996, 2005/2015, 2005/2011, 2011). Entretanto ainda se defende a possibilidade de localizar o “si”, “único”, através de ferramentas psicométricas, com o objetivo de mensurá-lo, padronizá-lo como sugerem (Figueiredo, 2012; Gonzalez Rey, 2011; Harré, 1988; Harré & Gillet, 1999).

Pela perspectiva narrativista adotada, sugerimos a importância de considerar as narrativas em transformação, através das mudanças de posições. González Rey em 2007, ressaltou a importância da “narrativa como um dos momentos recursivos do processo de mudança” (p.269), para explicar a subjetividade como uma construção social. Vigotski (1930/2010; 1934/2008), apontou que não bastaria descrever o fenômeno para lidarmos com a processualidade da construção de si e do mundo, pois a constituição se daria pelos aspectos intra e interpsicológicos.

Nesse caso, defendemos a produção discursiva como reconstrução de si e do mundo, fundamentado também no que Pinheiro & Meira (2010) defendem sobre “a importância que o singular pode produzir numa psicologia implicada com a subjetividade discursivamente constituída e, ao mesmo tempo, única em sua potência de significação e redescrição de si mesma” (p.611). Assumimos, então, uma singularidade discursivamente constituída, e a importância da contextualização e tempo desenvolvido por Sarbin (1986) e Polkinghorne (1988) há quatro décadas, norteando diversos estudos antropossociais.

Assim sendo, as narrativas pelas histórias e experiências mundanas, se debruçam através de enredamentos, personagens em um mundo social dentro de um contexto histórico, social e cultural. Este mundo social, está circundado de tensões de valores, crenças, normas sociais, ideologias que demarcam as narrativas pessoais segundo (Bamberg, 2004, 2006; Moutinho, 2010; Moutinho & De Conti, 2016). Para estes autores citados, a história de vida seria um meio de estudar o fenômeno da identidade, porém as narrativas pessoais, para essa perspectiva, não se reduzem às narrativas sociais dominantes, mas com o tempo são paulatinamente (re)construídas sócio culturalmente. Excepcionalmente através de situações cotidianas, as qualidades morais emergem segundo Bamberg (2004), como alternativa fundamental para que o pesquisador interprete como as pessoas tentam dar sentidos às suas experiências.

Bamberg (2006), propõe uma forma diferente de investigar através das narrativas, os sentidos construídos através de seu relato autobiográfico. Para isso, nos explica que logo no início do século XX, buscava-se em circunstâncias de pesquisas, através das narrativas uma “realidade” inscrita através da representação da linguagem, assim os estudos centravam-se nas Grandes Histórias, via autobiografias possibilitadas, por exemplo, pela psicoterapia. Neste tipo de pesquisa as narrativas funcionavam como instrumento metodológico, para manifestar conteúdos, desvendando assim como seria aquela pessoa.

O pesquisador tinha como papel, como explica Bamberg (2012), de dar um sentido real pela linguagem. Esta seria a própria representação dos aspectos do indivíduo. Brockmeier & Harré (2003) apontam para a “falácia representacional” que descontextualiza a constituição do sujeito, sugerindo uma maior compreensão do sujeito através das relações interpessoais.

Ao investigar como as pessoas constroem histórias com sentidos para si mesmo e para a sua audiência, devemos considerar como estas pessoas se imaginam em presente, passado e futuro como sugere (McAdams, 2001). Dessa forma, essa busca por um entendimento cada vez maior sobre o fenômeno da identidade pela construção de sentidos, que é marcado pela agência e regulação sociocultural compartilhados ao longo da vida, defendermos uma abordagem integrada sobre a dimensão subjetiva humana, pontuando a identidade performática do sujeito ao se posicionar perante a si e os demais personagens pela construção narrativa com o interlocutor.

Devemos nos atentar ao que Judith Butler (1990) implica como ação performativa na construção de identidade que tem forte influência da cultura, desnaturalizando a constituição de gênero como foco de seus estudos. Essa visão de sujeito, que nos diz sobre uma não estabilidade

de identidade, reforçam nosso arcabouço teórico sobre a construção de sentidos de identidade, já que Butler (1990) defende também que a identidade é constituída no tempo e que “não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido” (p.201), fortalecendo a performance como viabilidade de estudar a construção de sentido de si.

Assim, uma forma encontrada para demonstrar a importância da construção narrativa pela performance, nos estudos sobre a construção de sentidos sobre si pela análise do posicionamento agentivo de Bamberg e colegas (Bamberg, 1997a, 1997b, 2006, 2008; Bamberg & Georgakopoulou, 2008; Korobov & Bamberg, 2006), foi a utilização de Pequenas Histórias, que são assumidas como fragmentos das grandes narrativas e funcionam como unidades a serem analisadas. Bamberg (2004) também sugeriu que as narrativas podem ser apresentadas pelos relatos explicativos imediatos do cotidiano, defendido por este estudo. Uma vez que ao falar sobre si ou sobre algo existe uma tomada de decisão, um posicionamento agentivo pelas trocas simbólicas, no qual por si já remetem aos sentidos de si como aponta o estudo de (Korobov & Bamberg, 2006).

Nesse tipo de construção de conhecimentos que envolvem pesquisando e pesquisador, o posicionamento agentivo através da narrativa, são mediados simbolicamente pela linguagem, em que o participante é autor da narrativa pessoal, e o pesquisador é co-autor das narrativas através da entrevista sobre as narrativas. Riessman (2005), aponta que a análise narrativa faz toda a diferença na hora de construir conhecimentos, assim, ao contar e recontar uma história é uma maneira habitual de agir, envolvendo e persuadindo o seu interlocutor.

A narrativa como uma construção performática, interacional, que de acordo com Moutinho & De Conti (2016) em que aquele que conta e aquele que ouve criam sentidos colaborativamente, exigindo do pesquisador segundo Bamberg (2012) “trabalhar nas narrativas” (p.77), pelo encadeamento do processo narrativo. Para o mesmo autor, a análise narrativa, além de considerar o seu conteúdo pelos fatos experienciais do sujeito, busca identificar pela cursividade dos elementos narrativos as posições agentivas como o lugar da construção de sentidos, no qual as pessoas constroem histórias com sentido para si mesmas e para sua audiência, em um certo tempo e espaço contextualizados sócio culturalmente.

Nos estudos sobre as construções de sentido de identidade evidencia-se na pergunta de pesquisa “como” as pessoas constroem sentidos de si, integrando-se nessa construção de conhecimentos aspectos relacionados aos estudos de casos com ênfase qualitativa, como apontam

Bauer & Gaskell (2000/2015); Flick (2009) e Yin (2015). Qualificamos que esse tipo de pergunta é um caminho para responder nosso problema de pesquisa impreciso: como crianças constroem sentidos de si após a finalização do processo psicoterápico?. Assim, não é de nosso interesse o que foi produzido na psicoterapia como resgate analítico, mas o que a criança tem a dizer, como se sente hoje ao se posicionar nas e pelas narrativas após a finalização do processo psicoterapêutico em um contexto de pesquisa.

Nosso interesse pelo processo narrativo da criança, com foco nas posições agentivas que dizem sobre a construção de sentidos de si, nos levou a analisar/investigar/interpretar “como” as crianças se sentem hoje, após a finalização do processo psicoterapêutico. Assim, analisamos o posicionamento agentivo, baseado nos estudos de Bamberg (2005, 2006), Bamberg e Georgakopoulou (2008), e Korobov e Bamberg (2004), visto que esses autores trabalharam em geral com adolescentes e jovens adultos, através de conversações, em que as pessoas falam sobre si em situações cotidianas. Buscamos assim, um alargamento das possibilidades dessa proposta teórico-metodológica, porém com algo que ainda não é notório dentro da teoria adotada: como crianças se posicionam agentivamente, construindo sentidos de si em um SPA.

Em 1997, Bamberg realizou um estudo com crianças na faixa etária de 4 a 10 anos e adultos jovens, demonstrando que desde muito cedo as crianças reconstróem a realidade pela perspectiva da terceira pessoa. Em que ao narrar uma história, o personagem principal assume intenções no decorrer do enredamento. Após, pelo processo narrativo, a criança demonstra para o seu interlocutor um juízo moral do personagem principal através da posição de si mesmo. Já construção narrativa com crianças como sugere Nelson (2000), apontou em seu estudo que as crianças desde muito pequenas constroem suas próprias narrativas com o outro.

No entanto, ainda é um desafio trabalhar com crianças, quando se trata de verbalização, segundo Bamberg (1997), já que as narrativas de crianças entre 4 a 10 anos ainda são simples. Logo, buscamos novas contribuições com a teoria do posicionamento agentivo, em que a narrativa da criança se destaca, emergindo as posições e construções de sentido de si após a finalização da psicoterapia.

Especificamente, nos interessa como as crianças se sentem hoje após a finalização do processo psicoterapêutico em uma situação de pesquisa. O fato de se posicionar como satisfeita e/ou insatisfeita, especificamente, com o processo psicoterapêutico é importante para a construção de sentidos de identidade, pois ela diz como quer ser reconhecida pelo seu

interlocutor. Isso porque se entende que, a psicoterapia é circundada de transformações singulares que só a própria criança poderia dizer como se sente hoje: fortalecida, fragilizada, qualificando a si através do seu estado de estar bem ou não, ou quem sabe até negar-se a falar sobre, devido ao sofrimento psíquico.

Neste estudo também se defende uma noção de criança que extrapola a visão deste sujeito como respondente de sistemas ou como sintoma familiar, mas que desde os seus quatro anos significa suas experiências e pode dizer aos responsáveis, profissionais, como se sente atualmente. Sugerindo *um cuidado maior às construções da própria criança*, quando essa está inserida, por exemplo, na rede de atenção psicossocial e seus dispositivos, assim como, em Serviço de Psicologia Aplicada (SPA). Na próxima seção, descrevemos brevemente esse cuidado à criança como uma construção social, através dos dispositivos destinados à qualidade biopsicossocial infanto-juvenil com direcionamento à saúde mental.

#### 2.4 CUIDADO À CRIANÇA NA REDE DE SAÚDE MENTAL E O DIAGNÓSTICO COMO NARRATIVAS SOCIAIS

Entendemos que o modelo de cuidado de saúde em sua integralidade à criança resultou de processos históricos, lutas e reivindicações direcionados para uma qualidade de vida biopsicossocial. Principalmente por volta dos anos 80 do século passado, houve um desenvolvimento de políticas públicas direcionadas a uma qualidade de vida da população em geral através da democratização pelo Sistema Único de Saúde (SUS), do Sistema Único da Assistência Social (SUAS), bem como das políticas específicas de saúde mental pelo Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)<sup>2</sup>. Esses, como dispositivos, devem estar articulados com as redes de saúde, para inclusão de pessoas com transtornos mentais e/ou com sofrimentos psíquicos, como compromisso social.

Perante a isso, entendemos que ainda há que se considerar nas e pelas práticas profissionais que compõe a rede de atenção psicossocial, as posições da própria criança perante as suas experiências através da construção de sentido de si. Uma vez que, coadunamos com

---

<sup>2</sup> “Os CAPS são instituições destinadas a acolher os pacientes com transtornos mentais, estimular sua integração social e familiar, apoiá-los em suas iniciativas de busca da autonomia, oferecer-lhes atendimento médico e psicológico. Sua característica principal é buscar integrá-los a um ambiente social e cultural concreto, designado como seu “território”, o espaço da cidade onde se desenvolve a vida cotidiana de usuários e familiares. Os CAPS constituem a principal estratégia do processo de reforma psiquiátrica” (BRASIL, 2004, p.8)

Araújo et al (2014) a respeito de que ainda existem lacunas e limites no cuidado à criança que está em construção através das redes de atendimentos ao público infantil, bem como a inclusão da família para um maior fortalecimento das políticas públicas estaduais e municipais. Cuidado esse que, vem se desenvolvendo desde a aprovação da Constituição Federal de 1988<sup>3</sup>, passando pela regulamentação do Sistema Único de Saúde (SUS), Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil,1990)<sup>4</sup>, seguindo as recomendações da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1945)<sup>5</sup>, da Declaração dos Direitos da Criança (1959), Declaração de Caracas (1990), constrói-se uma perspectiva diferente da criança e a necessidade de se colocar em prática os direitos fundamentais voltados à sua dignidade, desenvolvimento e qualidade de vida.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), aprovado em 1990, dispõe de amplos direitos de proteção a integridade física e psicológica, responsabilizando a família, comunidade e Estado por essa criança e jovem que estão em pleno desenvolvimento biopsicossocial. Aliados ao campo de defesa dos direitos das crianças tem-se um esforço político e científico, durante a história, para garantir o acesso desses usuários aos serviços de saúde, visando sua proteção integral, ou seja, um cuidado maior à população infanto-juvenil.

Através das recomendações do Fórum Nacional de Saúde Mental infantojuvenil (Brasil, 2005), há uma “necessidade de ampliação da cobertura assistencial destinada a esse segmento, bem como da realização de um diagnóstico aprofundado das condições de atendimento atualmente oferecidas” (p.7). Neste sentido, faz-se paralelo ao presente estudo, a importância dessas políticas, leis e dispositivos sociais públicos que integram o Sistema Único de Saúde (SUS), no qual foi desenvolvido para práticas multiprofissionais e interdisciplinares em benefício da sociedade, através da rede de atenção psicossocial.

Assim sendo, ao serem elaboradas para os profissionais da saúde, promotores de justiça, defensores públicos, juízes, gestores, apresentam-se como um compromisso social e com objetivos contínuos voltados à qualificação das ações profissionais para com os usuários, bem como para garantir o acesso destes aos serviços nos âmbitos jurídicos e de atenção à saúde,

<sup>3</sup> Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010). <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10644726/artigo-227-da-constituicao-federal-de-1988>

<sup>4</sup>[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069Compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069Compilado.htm). “O ECA reconhece que crianças e adolescentes são seres em desenvolvimento e, neste sentido, são seres “por vir” e não são iguais aos adultos desenvolvidos” (Brasil, 2014,p.14).

<sup>5</sup> Aponta os direitos a qualidade de vida em todos aspectos, biopsicossocial

estendendo-se para a atenção psicossocial, ramificando-se para a saúde mental da criança, que é de interesse do presente estudo. Quanto aos aspectos referentes à saúde mental de crianças, recorreremos à Portaria GM/MS 336/02, Artigo 4.4, que descreve o CAPSi (Serviço de Atenção Psicossocial à criança e adolescente) direcionando o ato profissional para o acolhimento, cuidado e atendimento das crianças com transtornos mentais.

Sabendo que desses dispositivos sociais, legais, que buscam beneficiar a criança dentro de um contexto histórico-cultural, é comum desde há muito tempo produções discursivas, do tipo narrativas, direcionada ao que é normal e patológico no campo de conhecimento dentro da área de saúde mental via padrões e normatizações comportamentais.

Através desse estudo faremos uma breve história sobre algumas noções teóricas sobre o que é normal e patológico, assunto que ainda é extensivamente debatido no campo da saúde e saúde mental, buscando critérios, normas e padronizações para uma melhor explicação sobre os conceitos. Porquanto, desde a antiga Grécia pelo pensamento hipocrático, tinha-se uma concepção dinâmica sobre a doença, como instabilidade centradas em transformações fisiológicas e etiologias baseadas no paradigma organicista, onde saúde seria a harmonia e o equilíbrio segundo (Delatorre, Santos & Dias, 2011).

No início do século XX, Canguilhem (1904) propõe que o patológico nos diz sobre o *pathos*, este como sofrimento e impotência. E na tentativa de diferenciar a saúde da doença inferiu que não existe “normal” e “patológico” por si, porém o foco da discussão estaria no “contexto” para ser melhor explicado. Igualmente, para o mesmo autor, nem toda patologia poderia ser anormalidade, até porque em termos de estatística, o patológico seria o dito “normal”, pois um estado de saúde idealizada, pela sua baixa periodicidade, seria a própria “anormalidade”.

Em meados do século XX, Dolto (1949) aponta a importância da particularidade de cada criança, indo além do cuidado parental, assim direciona seus estudos e práticas para as possibilidades das crianças através de uma maior liberdade, que promoveria segundo a autora um desenvolvimento mental “saudável”. Já para Winnicott (1964), as crianças apresentam sintomas que podem ser organizadores ou não da estrutura psíquica e que a normalidade estaria na passagem da dependência para autonomia, não deixando de ter sentimentos negativos e/ou positivos. Já o normal, para Bergeret (1996), seria como uma pessoa consegue adaptar-se e superar suas dificuldades quanto aos aspectos internos e externos, através da flexibilidade quanto aos aspectos pessoais e sociais.

Percebemos nesse breve histórico que conceito de normalidade e anormalidade não puderam ser marcados por uma única perspectiva. Assim, até esse momento ainda não foi possível atingir um preceito do normal e patológico através de generalizações ou sintomas através do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM's) e a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID 10), até porque no decorrer histórico, os manuais se modificaram, e algumas “anormalidades” tornaram-se normalidades de acordo com a construção das diversas edições ao longo do tempo.

Através desse estudo, consideramos as narrativas sociais construídas por aspectos sócio-políticos, econômicos e científicos, familiarizados pela família, sociedade. Porém ainda se faz necessário considerar as significações das crianças dentro da rede de atenção psicossocial conforme aponta Brasil (2005, 2014a, 2014b) Ministério da Saúde/ Secretaria de Atenção à Saúde.

Para isso, coadunamos com Delatorre, Santos & Dias (2011), que defendem a importância da singularidade da criança e sua constituição através do contexto, pressupondo a noção de normal e patológico “primeiramente, [como] um determinado sistema de valores” (p.319), questionando como seria uma padronização do normal e patológico perante a singularidade das pessoas e seus sistemas culturais, destarte é necessário que o profissional da área de saúde mental estar atento:

o fato de que comportamentos considerados patológicos podem estar sendo erroneamente classificados assim devido ao olhar isolado sobre eles, sem levar em consideração todos os possíveis fatores que levarem a criança a tomar tal conduta. Uma atitude vista como anormal, pode, na verdade, ser a melhor forma que a criança encontrou para resolver um conflito que a esta incomodando (Delatorre, Santos & Dias. 2011, p. 325).

Dito isso, nos interessa as posições das crianças perante a uma narrativa social que, por muitas vezes, classificam seus comportamentos somente a partir de sintomas isolados do seu contexto e mais, *sem ao menos saber o que a criança tem a dizer sobre*, até porque o dito anormal pode ser a melhor maneira da criança para resolver uma situação problema, uma vez que, teoricamente ainda não há uma classificação exata perante ao que é normal e patológico.

Nessas narrativas sociais construídas por especialistas sobre o que é esperado de uma criança, reflete-se no discurso familiar, da escola, mídia e comunidade. Não obstante, com certa

frequência<sup>6</sup>, as crianças são encaminhadas para o serviço com hipóteses/categorias diagnósticas como: hiperatividade, autismo, transtorno de aprendizagem, déficit de atenção, deficiência intelectual, para citar apenas algumas como sugerem Lima, Prado Júnior & Vidal (2015). Hipóteses estas que já foram incorporadas ao vocabulário e saber populares, construindo uma narrativa social que diz o que é normal e patológico. Admitimos nesse estudo que a qualidade de vida da criança que passou por um processo psicoterapêutico, dependerá de como ela se sente hoje, atribuindo a si um estado de bem-estar ou não. Uma vez que, por muitas vezes, os profissionais da rede de atenção psicossocial escutam somente os responsáveis, pouco procurando saber sobre as posições da criança.

Isso se articula diretamente ao nosso tema de pesquisa, pois por muitas vezes, a criança escuta que ela não é normal nos diversos lugares sociais, como na família, escola, comunidade. Essa ideia de “dar voz as crianças”, tem forte ligação de como crianças constroem sentidos de si nas e pelas narrativas em um SPA.

Assumimos a criança como um sujeito relacional que inserida nos seus diversos sistemas - familiar, social, cultural, ao se posicionar, constrói sentidos de si e sobre o próprio mundo, tendo sua maneira própria de ver, pensar e agir, como ressaltam Francischini e Campos (2008) e Leite (2008). A proposta, aqui, é tê-las como autoras das suas significações. Portanto, se faz necessário investigar o posicionamento agentivo considerando que as narrativas sociais e agência pessoal operam dialeticamente, de acordo com os estudos de Bamberg e colegas (Bamberg & Georgakopoulou, 2008; Korobov & Bamberg, 2004) e Moutinho (2010), porém esses estudos são com jovens adultos e adultos.

A investigação desse estudo busca também saber como as crianças se posicionam a essa narrativa social sobre o cuidado à criança, no qual envolve uma busca de bem estar e “fortalecimento” através da psicoterapia. Interessa-nos as próprias construções de sentido de si, no qual pode contrariar ou aceitar uma narrativa social proveniente de hipótese diagnóstica, seja do profissional, da própria família, de ciclos de amizade e/ou pela comunidade.

Igualmente após a psicoterapia pode qualificar-se a si e os demais envolvidos e dizer se foi satisfatório ou não para si. Com os resultados desse estudo, abre possibilidades em termos de implicações práticas, busca-se possibilitar uma reflexão da atuação profissional do psicólogo

---

<sup>6</sup> No decorrer dos anos houve um aumento de 341% entre 2010 a 2013 e atualmente a fila de espera é de 150 crianças (dados coletados através de prontuários entre junho e outubro de 2015 no SPA do IES).

junto ao público infantil e, quiça, para se (re)pensar e somar a rede de atenção psicossocial, com a construção de novos recursos e na problematização sobre as intervenções como norte o próprio discurso infantil. Oportunizando benefícios a criança, assim como entender melhor como ela conhece a si e o mundo.

Deste modo, foi realizado um estudo na cidade de Quixadá-CE, localizada no Sertão Central cearense, que tem uma população com um pouco mais de oitenta mil habitantes<sup>7</sup>. A cidade atualmente tem dois dispositivos sociais direcionados aos atendimentos relacionados à saúde mental: CAPS I (Geral) e CAPSad (álcool e drogas), definidos assim por critérios conforme a Portaria 336/02, por ordem crescente de porte/complexidade e abrangência populacional.

Por esses critérios, a cidade deveria ter no mínimo duzentos mil habitantes para receber um CAPSi, mas a inexistência de dispositivos públicos disponíveis para estes atendimentos em Quixadá e sua distância para a capital, Fortaleza- CE, que fica a 169km, dificulta a mobilização dos usuários. Além disso, não poderiam ser atendidos no CAPS I por questões de estrutura, altas demandas dos usuários adultos e baixos recursos. Como a cidade possui menos de duzentos mil habitantes, a demanda de saúde mental infanto-juvenil tem sido encaminhada atualmente ao Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) de uma Instituição de Ensino Superior (IES), que oferece o serviço gratuitamente, uma parceria ainda não formalizada com a Secretaria de Saúde do município e instituição.

No mais, a rede de atenção psicossocial tem vínculo com a extensão da instituição de ensino superior, que possibilita estágios e pesquisas, facilitando os atendimentos na rede de saúde pública, através de um compromisso social, parceria essa que perdura desde 2008.

Neste contexto de serviços oferecidos na região, ressaltamos a grande importância do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) desde sua inauguração em 2008, oferecendo, gratuitamente, à comunidade de Quixadá-CE e cidades do Sertão Central-CE, atendimento psicológico individual, para casais, famílias e para grupos terapêuticos, sem distinções de faixa etária.

Sobre o processo de prestação de serviço, o usuário ao chegar ao serviço passam por uma triagem para posteriormente iniciarem ou não os atendimentos psicológicos. Pela triagem, os

---

<sup>7</sup><http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=231130> a citação deve ser feita para o IBGE. Procure ver como se faz a referência a documentos digitais. Não é indicado que estejam indicados como nota de rodapé.

estagiários supervisionados por professores em psicologia clínica, investigam se há demandas para iniciar o processo psicoterapêutico.

Antes disso ocorrem os encaminhamentos que podem ser através de profissionais ou pela própria rede de atenção psicossocial, como descrito: 1) por diversas instituições que englobam equipes multiprofissionais pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS, 2005), CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), NASF (Núcleo de Apoio a Saúde da Família), CRAS (Centro de Referência e Assistência Social), CREAS (Centro de Referência Especializada em Assistência Social), que compõem a rede do SUS. Outra maneira ocorre por 2) por demandas escolares; 3) encaminhamentos de outros profissionais da ampla área da saúde e especialistas, e 4) por demandas espontâneas via responsáveis. Vale ressaltar que a partir desses encaminhamentos, a criança, através das relações sócio/culturais, chega ao serviço, muitas vezes, já com uma narrativa social sobre o que é dito normal e patológico. Sobre isso, Guarido (2007) aponta que as situações cotidianas da vida, estão cada vez mais sendo encaradas como patologias. Pensando nisso, fica em aberto a se saber o lugar das posições das crianças no discurso da nossa atualidade.

Fez-se a opção em desenvolver a pesquisa no SPA porque consideramos a clínica psicológica como lugar das narrativas pessoais e sociais, afinal, como argumentam Schaedler & Mariotto (2012), “A prática clínica revela, com frequência, particularidades de uma época” (p.71), nos importando os sentidos construídos pela narrativa pessoal da criança, que não só refletem o discurso dominante, mas os posiciona contrário ou não a uma narrativa em que se diz o que é normal e patológico.

Por consequência da narrativa social sobre normalidade e anormalidade implicada na fala dos profissionais de saúde e saúde mental, responsáveis e comunidade, a criança ao chegar ao SPA acompanhada pelo(a) responsável, passa pelo processo de triagem e, na sequência, pelos atendimentos, quando necessário, porém ainda não sabemos como estas crianças constroem sentidos de si após finalizar o seu processo psicoterapêutico.

Um dos pontos que chamam atenção neste tipo de atendimento é seu processo de transformação possibilitado pela psicoterapia, bem como o debruçar-se para escutar a criança, como sujeito social, cognitivo e agêntivo. Entretanto, ainda buscamos construir conhecimentos com crianças, que já foram clientes do SPA, podendo colaborar com suas narrativas pessoais, oportunizando novos saberes junto às posições da criança em um contexto de pesquisa.

Segundo a concepção defendida pelo estudo, que a criança não reproduz somente um discurso dominante, tendo sua maneira própria de ver, pensar e agir Francischini & Campos (2008) e Leite (2008). Por sua vez, a criança pode contestar e aceitar a narrativa social ao se posicionar e, para além disso, pode (re)construir a mesma ao longo do seu processo desenvolvimento mediado pela(s)cultura(s). Com tal característica, defendemos que a constituição do sujeito é mediada por construções discursivas socioculturais.

Interessamo-nos, então, pela identidade regulada pelas relações simbólicas que tomam o discurso da normalidade e anormalidade, como narrativa social. Recorremos à “análise de posicionamento” como importante ferramenta para nossa investigação, entendendo que a construção de sentidos de si, pode ser contemplada através: (1) dos recursos linguísticos das crianças alfabetizadas<sup>8</sup>, em que se dão as posições e sua flexibilidade, uma vez que podem ocorrer mudanças de posições na e pela organização narrativa.

Tendo em vista que as narrativas dominantes sobre o normal e patológico ainda são desenvolvidas pelas normas e padrões de comportamentos evocados no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM, 1953/2013) e na Classificação Internacional de Doenças (CID-10, 1993/2006) visando padronizar a codificação de doenças e outros problemas relacionados à saúde, defendemos que ainda se faz necessário saber das crianças como e o que elas têm a dizer sobre o processo psicoterapêutico vivenciado através da sua narrativa pessoal.

Deste modo, buscamos fortalecer as investigações dentro dessa perspectiva de posicionamento agentivo com crianças, além de ter o propósito de contribuir com o avanço dos estudos dentro da linha de pesquisa cultura e cognição através da construção de sentido de si, pelo que a criança tem a dizer como se sente hoje, que faz parte do seu presente, com influências do passado, porém direcionada para o futuro.

Contemplamos no próximo capítulo, os objetivos do estudo, bem como a proposta de construção do estudo, explicitando os participantes, materiais e procedimento de construção de dados e a metodologia de análise seguindo a perspectiva narrativista.

---

<sup>8</sup> Segundo Lima, Prado Júnior, Oliveira & Vidal (2015), entre 2010 a 2013 houve um aumento de 341% nos atendimentos de crianças no SPA. Atualmente, a fila de espera é de 150 crianças. O maior público está na faixa etária de 7 a 11 anos (cerca de 60%). Os dados foram coletados através de prontuários entre junho e outubro de 2015.

### **3 PRESENTE ESTUDO**

#### **3.1 DESENHO, SEU CONTEXTO E OBJETIVOS DA PESQUISA**

Os pressupostos legitimados no presente estudo estiveram fundados em uma abordagem qualitativa, que segundo Flick (2009a, 2009b), pode ser caracterizada pela perspectiva dos participantes, para construir conhecimentos em termos teóricos e também práticos, promovendo soluções para problemas concretos. Ratificando-se por intermédio dos estudos de casos construção de conhecimentos pelas singularidades, segundo (Gonzales Rey,1996, 2005/2011; 2015 e Yin, 2015).

Neste estudo, temos interesse nas regularidades e singularidades de duas crianças, com foco na construção de sentidos de si como fenômeno de identidade em constituição. Para isso, utilizaremos da narrativa pessoal de cada criança, que está atravessada pelo seu tempo, espaço dentro de um contexto sociocultural. Dessa forma, apresentaremos nesse capítulo um caminho metodológico que foi dividido em três seções: 1) o desenho da pesquisa, sua contextualização e seus objetivos; 2) a metodologia de construção de dados e seus registros; 3) os procedimentos para analisar os dados e a unidade de análise.

##### **3.1.1 Desenho da pesquisa**

Considerando o interesse do estudo por dados qualitativos que caracterizam a singularidade do sujeito, fez-nos pensar em um desenho de pesquisa com estudos de casos múltiplos que, segundo Yin (2015), mostram-se capazes de explicar não somente casos semelhantes, mas casos cada vez mais distintos, possibilitando uma compreensão tanto da organização genérica quanto das particularidades, que são sucessivamente testadas, o que segue a lógica da replicação de casos contrastantes, segundo o autor.

O estudo de caso tornou-se uma estratégia metodológica por excelência dos estudos idiográficos por considerar o ser humano em seu funcionamento idiossincrático, em sua constituição particular, possibilitando como aponta Yin (2015) “expandir e generalizar teorias” (p.22), através da replicação do mesmo fenômeno em situações diferentes via generalização analítica.

Cada caso, entretanto, deve ser compreendido pela posição que ocupa no seu contexto histórico-cultural, bem como pela totalidade a qual pertence. Esse ainda é um desafio constante em Psicologia e ciências humanas. Mesmo assim, González Rey (2005/2011) reforça que “em termos da construção de conhecimento, o caso não é um elemento isolado, mas um momento de sentido no curso da produção teórica” (p.167), justificando a importância da generalização teórica como caráter construtivo processual ao replicar os casos em situações diferentes considerando as relações entre categorias adotadas por cada estudo. E não se baseando somente na descrição do conteúdo a partir do uso de instrumentos como relatam Harré (1979), Valsiner (2012) e Yin (2015).

### **3.1.2 O contexto da pesquisa**

A corrente pesquisa foi realizada no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) de uma Instituição de Ensino Superior (IES) particular, o primeiro do interior do Ceará, localizado no Sertão Central, a 169 km da capital Fortaleza. Segundo o IBGE (2011), o Ceará é considerado oitavo estado mais populoso do Brasil, bem como o terceiro (PIB) na região Nordeste, contudo, no Sertão Central encontram-se cidades com grandes desigualdades socioeconômicas.

A clínica escola inaugurada em 2008, com as atividades iniciadas em 2009, segundo Carvalho-Barreto (2015), o serviço de psicologia aplicada funciona sistemicamente em duas modalidades quanto ao estágio profissionalizante: 1) intramuros: estágio em psicologia clínica nas diversas abordagens: Sistêmica, Gestalt-Terapia, Análise do Comportamento, Cognitiva Comportamental, Psicanálise, de acordo com a abordagem e linha teórica dos professores supervisores; 2) extramuros: que contemplam ações nas áreas da Psicologia Social, Psicologia da Saúde, Psicologia Escolar e Educacional e Psicologia do Trabalho e Organizações, ocorrendo no último ano de graduação em psicologia, nono e décimo semestres.

Algumas peculiaridades dessa IES na região que chamam atenção referem-se ao seu compromisso social e engajamento na rede de ações com o SUS e Políticas Públicas, compondo a rede de atenção psicossocial em desenvolvimento. Além disso, o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) presta serviço para toda a comunidade da região do Sertão Central<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> O Território Sertão Central - CE abrange uma área de 15.678,40 Km<sup>2</sup> e é composto por 12 municípios: Banabuiú, Choró, Deputado Irapuan Pinheiro, Ibaretama, Mombaça, Pedra Branca, Piquet Carneiro, Quixadá, Quixeramobim, Senador Pompeu, Solonópole e Milhã. A população total do território é de 362.091 habitantes, dos quais 158.415

As práticas no SPA possibilitaram e ainda viabilizam avanços quanto à atuação do futuro profissional de psicologia, assim como, de pesquisas, grupos de extensão e de estudos no mesmo lócus. O desenvolvimento das práxis tem foco principalmente na atenção biopsicossocial.

Quanto à estrutura física, o SPA possui diversas salas de atendimentos psicológicos, contemplando demandas individual, de grupos, de casais e de família. Quanto ao seu público, o SPA recebe todas as faixas etárias. As salas estão configuradas de acordo com as etapas de desenvolvimento, existindo salas para crianças, adolescentes, adultos. Os atendimentos ocorrem em 10 salas com isolamento acústico, dispondo também de sala para supervisões (1), grupos de estudo e de extensão (1), de testes psicológicos (1), sala para observação de pesquisa (1), sala para prontuários estáticos (1), reservada pela coordenação do SPA para os prontuários de clientes que finalizaram o processo psicoterapêutico, todavia, caso seja necessário os prontuários podem ser ativados com a possibilidade dos clientes voltarem ao serviço, caso seja necessário. E por fim, (1) sala para estagiários de nono e décimo semestre, para realização de trabalhos, estudos.

Dentre as salas citadas, todas possuem isolamento acústico, ar-condicionado, arquitetadas para bem receber seu público. Duas salas são reservadas para o público infantil, as quais possuem: uma mesa, duas cadeiras, duas poltronas, jogos lúdicos, pedagógicos, brinquedos que viabilizam uma comunicação entre o estagiário e seu(s) cliente(s). Os registros dos dados dessa pesquisa foram realizados em uma dessas salas específicas para receber o público infantil, para melhor acolhê-lo.

Em um primeiro contato com a coordenação do SPA, foi orientado ao pesquisador, certos princípios que regem o SPA quanto ao seu funcionamento e que serviram como regras para a construção de dados: (a) as crianças não podem ser entrevistadas em horários de aula; (b) alguns dias da semana seriam disponibilizados para a presente pesquisa (terças e quintas de tarde), devido o fluxo de estagiários nas salas de atendimentos; (c) os agendamentos da sala para construção de dados deveriam ser realizados previamente aos encontros com as secretárias do SPA, para manter a organização de horários; (d) o próprio pesquisador deveria entrar em contato com as(o) responsáveis pelas crianças; (e) o material utilizado na pesquisa seria custeado pelo próprio pesquisador. Dessa forma, ao considerar as devidas orientações e exigências por parte da

---

vivem na área rural, o que corresponde a 43,75% do total. Possui 28.808 agricultores familiares, 2.096 famílias assentadas e 1 comunidade quilombola. Seu IDH médio é 0,63. Disponível em: [http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territoriosrurais/sertocentralce/one-community?page\\_num=0](http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territoriosrurais/sertocentralce/one-community?page_num=0). Visualizado em 17 outubro de 2016.

Gestão do SPA, a autorização foi assinada pela Coordenação do SPA e após a aprovação do projeto junto ao comitê de ética (Anexo A), foi possível iniciar a construção de dados da pesquisa considerando os critérios explicitados a seguir.

Aliados às normas do SPA, consideramos os *critérios de inclusão dos participantes* que foram considerados para a viabilização do estudo: a) ter sido cliente do SPA e estar morando na região considerada como Sertão Central, posto haver maior facilidade para o deslocamento e uma maior efetividade na participação das crianças na pesquisa; b) que a criança estivesse disponível a falar sobre seu processo vivenciado na psicoterapia; c) que os participantes não estivessem familiarizados, propriamente, com a técnica de construção de dados utilizada (Desenho-Estória), de Walter Trinca (1997), o que foi possível a partir da análise dos prontuários, os quais indicam se a criança teve contato com esta técnica durante seu processo psicoterapêutico.

Os *critérios de exclusão* foram baseados nos seguintes elementos: a) crianças que estavam na fila de espera, assim como, aquelas que estavam em atendimentos; b) crianças não alfabetizadas e com afasias e/ou com dificuldades de se comunicar; d) aquelas que não quiseram participar ou falar sobre suas experiências; e) aquelas que não tinham autorização de suas famílias.

Após seguir os critérios, o primeiro passo foi reservar a sala dos prontuários junto à secretaria do SPA. No dia e horário agendado, foram selecionados os prontuários quanto à idade das crianças (entre 6 a 11 anos e 11 meses), bem como os prontuários das crianças que já tinham finalizado seu processo psicoterapêutico. Porquanto, para uma maior organização foram construídos dois critérios pelo pesquisador: 1) investigar os dados dos prontuários a partir dos últimos desligamentos, que datavam do ano de 2015 em direção aos mais antigos 2014, 2013; 2) o prontuário não poderia sair da sala, segundo as normas do SPA, dessa maneira foi anotado no Word 2010 o nome de cada criança, idade, assim como o nome da(o)s responsáveis e o número do celular para um posterior primeiro contato.

Dentre as crianças que foram desligadas entre 2015, 2014 e 2013, *vinte* estavam dentro dos critérios da pesquisa já mencionados. A partir desse momento, entramos em contato por telefone celular com os/as responsáveis para explicar os objetivos da pesquisa, a importância do estudo, ressaltando a diferença entre a pesquisa e os atendimentos realizados. Ao fim da ligação, realizamos o convite e o possível agendamento para o primeiro momento da criança com o pesquisador, de acordo com a disponibilidade de horário desta última.

Dos vinte números de telefone móvel anotados a partir da verificação dos prontuários, doze já não existiam mais e 8 (oito) ainda funcionavam, sendo possível o contato por telefone com os responsáveis. Porém, desses 8 (oito) responsáveis pelas crianças contatados, 04 (quatro) não aceitaram o convite por motivos pessoais, sendo possível contarmos com quatro crianças para a construção de dados a partir de abril de 2016.

Destes quatro, escolhemos dois casos para tecer o presente estudo, já que a análise foi a partir dos recursos discursivos das crianças, buscamos as regularidades, diferenças de casos extremos quanto à escolarização, um de seis anos e o outro de onze anos. A título de explicação, os outros dois casos tinham como faixa etária semelhantes, entre sete e oito anos.

A primeira participante de codinome “Flor”, estudante de uma escola privada, tinha 6 anos na época da pesquisa e, segundo a sua responsável, a tia materna, o seu processo psicoterapêutico foi em dois momentos diferentes: 1) um ano em clínica particular; 2) um ano e meio (2013.2 e 2014) no SPA. O segundo participante, de codinome “Super-Herói”, estudante do ensino público, tinha 11 anos na época da pesquisa e, segundo sua responsável, a avó paterna, o seu processo psicoterapêutico foi de seis meses no ano de 2015. A partir dos estudos de caso, buscamos atingir os objetivos da pesquisa, que serão detalhados na próxima seção.

### **3.1.3 Objetivos**

Para responder como as crianças se sentem hoje após a finalizar um processo psicoterapêutico, tivemos como objetivo geral: Investigar como as crianças, ao narrarem suas próprias experiências do processo psicoterapêutico, constroem sentidos de si em um Serviço de Psicologia Aplicada (SPA). Já os específicos tem o intuito de: (1) apreender os elementos narrativos que emergem nas e pelas narrativas das crianças, (2) precisar as posições agentivas das crianças perante a si mesmas, sobre os demais personagens e perante uma narrativa social; e (3) analisarmos as construções de sentidos sobre si que emergem pelas narrativas pessoais. Dessa forma, através dos elementos narrativos, analisamos o posicionamento agentivo que dizem sobre as construções de sentidos de identidade ao longo dos estudos de Flor e Super-Herói.

### 3.1.4 Procedimento de construção de dados e registros

Com as devidas permissões da instituição, iniciamos o procedimento de construção de dados que foram divididos em *dois momentos*. Momento 1: encontro do pesquisador com a criança e a/o responsável; momento 2 :encontro da criança e pesquisador. Ambos previamente agendados junto à secretaria do SPA. Foi ponderada para a realização dos dois momentos, a disponibilidade dos envolvidos, principalmente da criança. Quanto à disponibilidade da criança foram acordados data e horário que não atrapalhasse, por exemplo, suas atividades na escola ou qualquer outro compromisso criado pela família. Ambos os encontros aconteceram em uma sala apropriada para atendimento psicológico com crianças no SPA, ambiente que os participantes já conheciam e era composto de uma mesa, três cadeiras, jogos lúdicos, pedagógicos, ar-condicionado, pia e isolamento acústico.

O *primeiro momento* foi reservado para o esclarecimento da pesquisa tanto para criança como para a responsável, com intuito de explicitar os objetivos e procedimentos da pesquisa e sua relevância social. Nesse momento, também foi esclarecida ao responsável e para a criança, a importância sobre a assiduidade da participante à sequência do estudo para se alcançar resultados efetivos na pesquisa. Em seguida, foi realizada, nesse primeiro momento, a leitura pelo pesquisador do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e Termo de Assentimento ao Menor (Apêndice B). E então perguntado se haveria alguma dúvida sobre a pesquisa. Na sequência, o responsável assinou o TCLE e lhe foi entregue uma cópia desse documento.

Logo em seguida, foi realizado o Questionário (Apêndice C), que foi respondido conjuntamente pela responsável e a criança participante. Ao fim do primeiro momento, a responsável foi convidada a aguardar na sala de espera, para que o pesquisador ficasse a sós com a criança, para a construção de vínculo. Este, o momento de “construção empática” entre pesquisador e a criança, perdurou cerca de vinte minutos. Neste momento foram utilizados jogos lúdicos e o brincar simbólico, que foi fundamental para saber se cada criança estava à vontade com o psicólogo/pesquisador e disponível para desenhar e contar histórias sobre os mesmos. Foi acordado com a responsável e a criança um segundo momento, no mesmo horário e dia, em semana subsequente. E que nesse momento posterior, a criança ficaria a sós com o pesquisador.

Também foi dito que o pesquisador ficaria responsável em avisar um dia antes à responsável sobre o encontro.

No *segundo momento*, a responsável esperou a criança na sala de recepção, e junto ao pesquisador, na sala de atendimento, a criança recebeu as instruções (*rapport*) de como seria realizado o procedimento do Desenho-Estória com Tema, o qual perdurou cerca de uma hora. O Desenho-Estória com Tema (D-E com tema), de acordo com Martão (2013), desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1991, 1994), baseado no Desenho-Estória de Walter Trinca (1972/1997; 2013), recurso técnico que facilita a comunicação e interpretação dos aspectos emocionais, com intuito de investigar aspectos da personalidade para qualquer faixa etária, que não o foi o foco deste estudo. O autor sugere a sua aplicação a partir de 5 anos de idade.

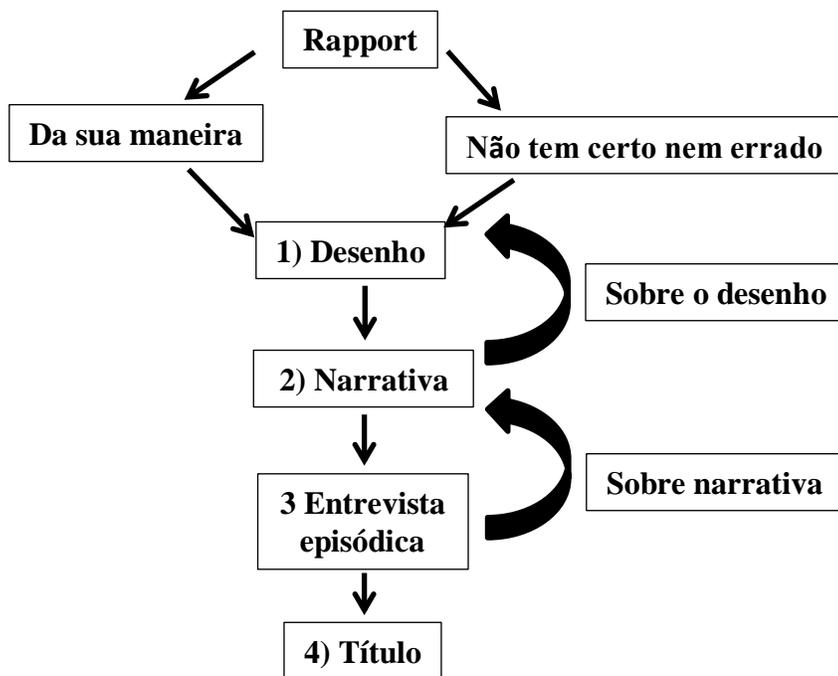
Nosso interesse não envolve aspectos interiorizados ou que estruturam a personalidade, mas defendemos que através de trocas simbólicas as pessoas se posicionam pela linguagem e a narrativa é uma forma peculiar e um meio de investigar a construção de sentidos de identidade, a partir da Teoria do Posicionamento de Michael Bamberg. Esse procedimento do D-E com tema viabiliza a produções narrativas que evoluem ao longo do tempo e espaço, contextualizados sócio culturalmente, assim facilitando a apreensão dos elementos narrativos e análise das posições agentivas.

Lembramos, ainda, que Trinca (1972/1997) aponta que os dados construídos por meio do D-E “podem, também, serem analisados dentro de outros modelos teóricos” (p.221), além disso, ele ressalta que esse procedimento é utilizado por pesquisadores de diversas áreas de conhecimento e para além da psicologia clínica (Trinca, 1972/1997. 2013). Neste estudo, baseamo-nos na perspectiva narrativista para construir novos conhecimentos em Psicologia Discursiva através da Teoria do Posicionamento Agentivo que tem como objeto a ser investigado a construção de sentidos de identidade.

O D-E com tema consiste originalmente a partir do Desenho-Estória que possuem *cinco unidades de produção*, que são realizadas pelo participante em um único encontro, com a possibilidade de um segundo encontro, se as 5 produções não se concretizarem no primeiro encontro (Trinca, 1997, 2013). Porquanto, o D-E com tema segue uma sequência lógica do D-E de Trinca (1972/1997): 1) realização do desenho; 2) contar uma estória sobre o desenho; 3) inquérito sobre a produção narrada; 4) elaboração de um título para a produção, se repetindo então por cinco vezes. Foi clarificada para criança essa sequência lógica, igualmente

esclarecendo da importância do tema: *Como me sinto hoje após ter saído daqui*”.Explicitando para criança a importância da realização do desenho considerando o tema acima, seguindo-se a sequência lógica descrita acima, como procedimento.

A seguir demonstramos um esquema que foi construído para uma maior compreensão de como foram construídos os dados do presente estudo.



Esquema D-E com tema baseado em (Aiello-Vaisberg, 1990)

O D-E com tema auxiliou a construção de narrativas pessoais das crianças através das cinco Pequena Estória (PE's) referentes aos desenhos. Estas pequenas estórias foram baseadas nos estudos de Bamberg (2005, 2006), quando a pesquisador busca identificar os recursos discursivos dar uma maior precisão às posições agentivas pelas narrativas pessoais. Seguindo os critérios do D-E de Trinca (1972/1997), que possui cinco pequenas estórias, viabilizaram, apreender os elementos narrativos que deram uma precisão às posições assumidas pela narrativa pessoal de cada criança participante.

Nosso interesse com esse procedimento esteve nas construções de sentidos de si ao longo das narrativas durante o procedimento. Isto posto, o foco da investigação esteve nos pontos (2); (3) e (4) do esquema apresentado acima. Nesses pontos ocorreram as construções narrativas: (2)

na e pela narrativa sobre o desenho (3) através da entrevista episódica de Flick (2000/2015), foram construídas novas narrativas, como performance entre pesquisador e participante; (4) construção do título pela criança, referente aos momentos antecedentes.

Dessa forma, podemos observar, através do Esquema 1 (na página 64), que cada Pequena Estória (PE) surge: da narrativa sobre o desenho, da construção narrativa com o pesquisador pela entrevista e a produção discursiva através do título construído pela criança. Assim, tivemos as 5 pequenas estórias (PE's) a serem analisadas, e cada PE é composta pelos pontos enumerados no Esquema 1: 2) estória sobre o desenho + 3) entrevista sobre a narrativa da criança + 4) título construído para a estória.

Os pontos que nos interessam, (2), (3) e (4), são referentes ao processo narrativo pelas construções dos participantes com o pesquisador, em que investigamos como cada criança utiliza de seus recursos discursivos para se posicionar e construir sentidos de si de acordo com o tema proposto pelo pesquisador. O Tema *“Como me sinto hoje, após ter saído daqui”* que foi apresentado para cada criança participante durante o rapport, momento que antecedeu todo o procedimento do D-E com tema exemplificado abaixo, através de um fragmento do estudo de Caso 1 - “Flor” abaixo:

Júnior: ok(+) aqui encima da mesa como você está vendo tem inúmeros lápis de cor, canetinha, giz de cera (+) com várias cores de papéis (+++) seis né? Rosa, azul, verde, branca, amarela, rosa mais escuro né(+) você pode escolher qualquer uma para fazer seu desenho (++) lembrando que o desenho deve ser sobre como você se sente hoje após ter saído dos atendimentos das tias ((como ela se refere às psicólogas estagiárias))(+) sobre as suas experiências nesse lugar(+)o desenho pode ser da sua maneira com as cores que quiser(+) não tem certo ou errado (+) lembre-se que o mais importante é desenhar sobre como se sente(+) como você experienciou nesse local (+) qualquer dúvida pode perguntar...

Após a explicação acima, as duas crianças aceitaram desenhar sobre a temática proposta (ponto 1) no esquema da página 64. Em um momento posterior ao desenho, as crianças contaram uma estória para cada desenho realizado por elas (ponto 2). Logo após, o pesquisador realizou uma entrevista sobre alguns “episódios narrativos” que mereciam um melhor esclarecimento para o interlocutor (ponto 3). Ao fim, cada criança nomeou para cada (PE) um título e o escreveu na folha A4 (ponto 4).

Após a construção das cinco unidades de produção do D-E com tema, de cada participante, construídas conjuntamente com o pesquisador, foram transcritas por este último em um momento posterior<sup>10</sup>. Pela transcrição, foi possível apreender os elementos narrativos: (1) os personagens, (2) as atividades, (3) recursos explicativos (como os personagens agem através das explicações, justificativas e persuasões da criança), (4) qualificadores e (5) o contexto ao longo do enredamento das cinco unidades de produção do D-E com tema.

Cada unidade analítica foi nomeada de Pequena Estória (PE), como unidade analítica, caracterizada por tensões de valores morais e ideológicos. Onde fragmentos foram selecionados pelo pesquisador com intuito de investigar as posições agentivas pelas narrativas, baseado nos estudos de Moutinho (2010) e Moutinho & De Conti (2016), porém nestes estudos a autora trabalhou com o modelo da entrevista narrativa a partir de grandes histórias.

Dessa maneira, a investigação resultou em cinco Pequenas Estórias (PE's) para cada estudo de caso. Cada unidade analítica, está interconectada com as demais, pois é um processo de construção de sentidos permanente, envolvendo diferentes situações problema no decorrer das (PE's), considerando a temática proposta. O tema: *“Como me sinto hoje após ter saído daqui”*, foi clarificada pelo pesquisador 1) antes do procedimento iniciar pelo rapport; 2) durante a realização do D-E com tema, para que não houvesse dúvidas e para melhor apreender os sentidos, proporcionando a criança falar sobre como sentia-se após ter finalizado seu processo psicoterapêutico, o que diz respeito a realidades reconstruídas em passado, presente e futuro, como defendido ao longo do referencial teórico-metodológico.

Vale ressaltar que, logo no início do *segundo momento*, realizamos uma adaptação quanto à possibilidade da criança se posicionar até na escolha da cor do papel, pois no procedimento original do D-E a cor da folha A4 é da cor branca. Na oportunidade, deixamos à disposição 6 cores de papéis (azul, rosa claro, rosa escuro, verde, amarelo e branco), bem como uma maior possibilidade de cores através de 36 cores de lápis de cor, 12 canetinhas hidrocor e 12 giz de cera. Diferentemente, no procedimento original trabalha-se somente com a cor branca do papel, lápis preto e 12 cores de lápis de cor, como sugere Trinca (1997; 2013).

Outra adaptação foi feita no ponto 3, que diz respeito, no procedimento original de Trinca (1972/1997; 2013), ao inquérito. Em substituição, nesse ponto, realizamos uma entrevista

---

<sup>10</sup> Por orientação da banca examinadora, as transcrições dos casos Flor e Super-Herói foram excluídas do texto final para preservar cada criança participante.

episódica sobre a narrativa, já que nos interessa os aspectos imediatos e que causam tensões, como sugere Bamberg (2004, 2005, 2008), com o objetivo de apreender as construções de sentido de si após a psicoterapia, através dos elementos narrativos. Esse tipo de entrevista episódica, segundo Flick (2013, 2009b), tem o objetivo de favorecer a produção de narrativa de uma experiência específica, que, no nosso caso, serão as construções de sentido sobre as experiências de si no SPA.

Para o registro de dados, utilizamos de um gravador de voz, um diário de campo para anotar impressões pessoais do pesquisador. Essa possibilidade de dois diferentes momentos, possibilitaram registrar a variabilidade e diversidade dos dados, contribuindo para a triangulação de dados, como ressalta Duarte (2009). Dessa forma, pensando em uma construção de dados através da oralidade, aproveitamos os *dois momentos da pesquisa* através da: a) oralidade por meio do Questionário (Apêndice C); b) pelo procedimento do D-E temático adaptado; e c) anotações do diário de campo, que foi utilizado após os dois momentos. Dispomos do diário de campo com intuito de registrar conteúdos que não foram contemplados na gravação da voz. Ao fim da descrição de como os dados foram construídos entre as crianças participantes e o pesquisador, iniciaremos, na próxima seção, a descrição dos procedimentos analíticos.

### **3.1.5 Descrição dos procedimentos analíticos**

Adotamos na análise dos casos de Flor e Super-Herói uma perspectiva que defende a narrativa como performance, uma construção interacional, segundo Riessman (2005), dessa forma, resguardamos que as narrativas pessoais dos dois estudos de casos foram construídas junto ao pesquisador. Isto porque, a análise tem foco no ato narrativo de contar uma história que envolve e persuade sua audiência, em consonância com Moutinho (2010); Moutinho, Meira & De Conti (2013), Moutinho & De Conti (2016).

Nesse tipo de análise narrativa, destacam-se os estudos sobre construções de sentido de identidade, que interessam saber - *como* os narradores querem ser conhecidos e de que maneira envolvem, e, às vezes, induzem sua audiência. Prevalece nesse tipo de análise uma “construção conjunta”, dado que o narrador e o interlocutor constroem sentidos juntos, a partir dos dados construídos por trocas simbólicas, na linguagem, dentro de um contexto histórico cultural, segundo, ainda, Moutinho (2010), Moutinho & De Conti (2016),

Interessamo-nos pelas construções de sentidos de si a respeito de como cada criança se sente hoje, após o processo psicoterapêutico singular, buscando apreender, pelos recursos discursivos, as posições emergentes ao longo das pequenas estórias. Posições essas que se modificam ao longo do enredo.

Para isso, adotamos este campo investigativo no qual, ao perguntar *como* as crianças que já finalizaram seu processo psicoterapêutico constroem sentidos de si, ao narrar suas experiências em um Serviço de Psicologia Aplicada (SPA). Defendemos, ainda, que a pergunta nos leva aos objetivos que prezam por detalhamentos dos dados qualitativos construídos ao longo do processo narrativo. Essa especificação investigativa em Psicologia, direcionada ao fenômeno da identidade, procura apreender elementos narrativos pelo processo de emergência e transformação de si.

Circundado de posições assumidas pelo personagem principal ao longo do enredo a respeito: *de si mesmo, dos demais personagens envolvidos na estória, como também a respeito de um discurso dominante*, como defendem Bamberg e colegas (Bamberg, 1997a, 1997b, 2006, 2008a, 2008b, no prelo; Bamberg & Georgakopoulou, 2008; Korobov & Bamberg, 2006) nos estudos com adolescentes e jovens adultos, favorecendo um tipo de análise específica: análise do posicionamento.

Diante das posições agentivas do narrador em relação: 1) a si mesmos; 2) aos personagens da narrativa; 3) a uma narrativa social dominante, defendemos através desse estudo que é necessário investigar como as crianças narradoras posicionam-se nessas dimensões e gostariam de ser reconhecidas ao falar de si, utilizando de seus recursos linguísticos através do procedimento do Desenho-Estória (D-E) com o tema: ***“Como me sinto hoje, após ter saído daqui”***, referente a um lugar (SPA) e tempo (após a psicoterapia) específicos.

Para que o processo analítico fosse realizado através das posições agentivas ao longo das cinco unidades analíticas, foi necessário seguir as seguintes etapas: 1) apreender os elementos narrativos; 2) analisar os posicionamentos agentivos e 3) analisar as construções de sentido de identidade das duas crianças alfabetizadas.

Em vista disso, através dos recursos linguísticos de cada criança, buscamos o uso dos elementos narrativos ao longo do processo narrativo do D-E com tema. Aqui se faz necessário explicitar que o foco analítico se deu pela oralidade da criança participante (nos dois momentos da pesquisa), considerando os aspectos teórico-metodológico e analítico da perspectiva narrativista e Psicologia Discursiva.

Para uma melhor apreensão dos elementos narrativos da criança, utilizamos do procedimento do D-E com tema de Aiello-Vaisberg (1990, 1991, 1994, 1997, 1999) que tem por base o procedimento do Desenho-Estória de Walter Trinca (1972/1997; 2013). Interessando-nos analisar o processo narrativo de cada criança nos momentos em que ao nos contar uma estória sobre o desenho, fala de si.

Nesse sentido, o foco analítico esteve no processo narrativo das cinco unidades de produção do D-E com tema, que nomeamos de Pequenas Estórias. Dessa forma, a análise de cada estudo de caso teve cinco unidades analíticas através do procedimento do D-E com tema, em que cada unidade analítica foi nomeada por Pequena Estória (PE), baseado nos estudos de Bamberg e colegas (Bamberg, 1997, 2006, 2008; Bamberg&Georgakopoulou, 2008; Korobov&Bamberg, 2006), onde as pessoas constroem sentidos de si ao narrar sobre situações corriqueiras.

Após a transcrição, foi realizada a apreensão dos elementos narrativos nos ajudaram a precisar as posições nas e pelas narrativas através: 1) personagens; 2) atividades dos personagens; 3) recursos explicativos; 4) contexto; 5) qualificadores.

Interessando-nos o processo narrativo, “lugar” da construção de sentidos que se dá pela linguagem, processo cognitivo de nosso interesse. Foi necessário após a transcrição e antes de realizar a análise do posicionamento agentivo da criança apreender os 5 elementos narrativos a partir das estórias narradas, entrevistas.

Para a análise do posicionamento, foi analisado o uso dos recursos linguísticos da própria criança ao longo das cinco unidades de produção do D-E com tema. Para tal fim, como sugerem Bamberg (2008b) e Moutinho (2010), Moutinho, Meira & De Conti (2013) e Moutinho & De Conti (2016), foram utilizados os fragmentos como foco analítico das posições agentivas em três categorias: (eu-eu); (eu-outro) e (eu-narrativa social). Mantendo o mesmo sentido de analisar os “fragmentos” que dizem sobre as posições das pessoas em certas situações corriqueiras e imediatas, preferimos nomear os fragmentos nesse presente estudo de “episódios narrativos”, que estão interligados desde a primeira estória até a última no decorrer do procedimento do D-E com tema.

Nesse caso, é indispensável clarificar as categorias escolhidas pelo analista. Essas categorias representam a perspectiva teórico-metodológica narrativista adotada por esse estudo, pois ao longo do processo narrativo os elementos narrativos: personagens, atividades, recursos explicativos, qualificadores e contexto, puderam ser apreendidos através da oralidade da criança.

Essa situação de apreensão dos elementos nos direciona *para a interpretação das diferentes posições da criança*, que diz sobre a construção de sentido de si mesma ao finalizar o processo psicoterapêutico. Adiante, explicaremos pelo Quadro 1 como cada elemento narrativo foi apreendido, localizado pelo pesquisador, considerando a noção/conceito e marcadores discursivos detalhados a seguir, tomando como base as categorias analíticas propostas por Moutinho (2010) e Moutinho & De Conti (2016), tal como no quadro abaixo.

**Quadro 1** (adaptação de Moutinho & De Conti, 2016)- Indicadores analíticos usados para análise de posicionamento em narrativas.

ELEMENTO NARRATIVO	NOÇÃO/CONCEITO	MARCADORES DISCURSIVOS
<b>PERSONAGEM</b>	Seres humanos, abstratos que são agentes ao longo das narrativas	Seres animados e/ou inanimados (fictícios), por exemplo: eu, tia, psicólogo, bullying, “problema de vista”, “doidu”, psicopata, “bichu da cabeça”
<b>ATIVIDADE</b>	Ações, realizações dos personagens em passado, presente e futuro, como foi realizado, a realização e como poderia ser realizado.	Como o narrador usa verbos, indicando a ação. Por exemplo: Fui onde, com quem. Brinquei, onde, com quem, chorei escondido, fiquei feliz
<b>RECURSOS EXPLICATIVOS</b>	Explicações em relação à ação que as justificam. Em quais situações ocorrem as ações, onde, quando, com que frequência.	Uso do porque, como, por causa, mas, ali, ontem, naquele dia, depois, etc
<b>QUALIFICADORES</b>	Adjetivação aos personagens pela criança narradora de estória	Atribuem qualidades ao usar palavras, verbos, orações; pelo título da estória, ou qualificações ao longo do enredamento Por exemplo: TRISTÉRRIMA <sup>11</sup> , fiquei feliz.
<b>CONTEXTO</b>	Situação do momento em tempo e espaço, lugar(es).	Antes, durante, depois da psicoterapia.

<sup>11</sup> Convenções das transcrições, de acordo com Marcuschi (2008): Marcuschi, L. A. (2008). Análise da conversação. São Paulo: Ática.

/.../ Transcrição parcial. Corte na produção de alguém.

(( )) Comentários do analista.

:: Alongamento de vogal.

MAIÚSCULA Ênfase ou acento forte.

(incompreensível) Dúvidas e suposições

(+) Pausa para cada 0.5 segundo

... silêncio

Adaptação de Marcuschi (2008)

(++) pausa 2 segundos

(+++) pausa 3 segundos

( ) pausa longa, mais de 3 segundos

Procuramos explicar cada um dos elementos narrativos acima descritos pelo Quadro 1 para uma maior precisão da análise de posicionamento agentivo. Primeiramente, descreveremos como os *personagens* podem ser reconhecidos nas e pelas narrativas através de seres humanos, animais e seres imaginários, abstratos, que podem ser igualmente representados pelas fantasias das crianças e qualificados ao longo das pequenas estórias.

Na sequência teremos: *atividade, recursos explicativos, contexto e qualificadores*, que juntos nos auxiliam explicar sobre como o personagem ao agir ao longo das narrativas se relacionam consigo mesmo e com os outros personagens, bem como o personagem principal adjetiva e qualifica a si mesmo e aos outros personagens. Do mesmo modo, pelos recursos explicativos, justifica, explica, interpreta suas experiências enredadas que são únicas e contextualizadas em tempo (presente, passado e direcionadas ao futuro) e espaço (lugares), que possibilitaram à criança trazer outros lugares que a constituíram e a constitui como sujeito social, histórico e cultural.

A partir disso, realizamos uma interpretação analítica com base teórica, metodológica de um processo construído pela criança que significa suas experiências em uma relação simbólica, que diz respeito a sua constituição pela mutualidade entre cognição (os processos cognitivos pensamento/linguagem) e cultura.

#### 3.1.5.1 Apreensão dos personagens

Ao considerarmos os recursos discursivos utilizados pelas crianças no decorrer do enredamento sobre as estórias a partir da narrativa dos desenhos, entendemos que seria imprescindível apreender todos os personagens, principais ou não, que podem ser representados por seres reais, abstratos, fictícios. Entretanto, é necessário que os personagens pratiquem ações ao longo do processo narrativo, bem como estarmos atentos ao seu enredo.

A partir da perspectiva adotada, o personagem principal se posiciona moralmente em relação as suas experiências consigo, com o outro e com uma narrativa social. Comumente faz menção a pronomes pessoais como “eu” no singular, “nós” no plural, bem como à utilização de pronomes adjetivos: meu, mim, minha, nosso, conosco, me, comigo, nos, essa, que viabilizam ao pesquisador identificar quando o narrador fala de si e como se posiciona moralmente.

Ao longo das narrativas, ao analisarmos as posições da criança perante si mesma e aos demais personagens que emergem na história, observamos, por exemplo, que quando diz “eu”, indicação do pronome em primeira pessoa do singular, sinaliza para si mesma como personagem principal na estória. Porém, o pronome pessoal poder estar omissos, como veremos na análise, bem como o pronome de tratamento “você”, pode ser uma indicação de si mesmo no enredamento. Os pronomes pessoais não são os únicos recursos discursivos utilizados pela criança narradora para falar de si, o uso de pronome adjetivo como “minha” é um outro exemplo.

O personagem fictício pode ser representado por “ele”, “ela”, “nós”, “aquele”, “aquela”, ou seja, existe uma grande diferença quando analisamos a partir de como cada narrador utiliza das palavras para falar de si e do outro. Ao analisar as cinco narrativas pessoais a partir dos cinco desenhos, ao longo das produções do D-E com tema, foi possível analisar a sequência de ações realizadas pelos personagens processualmente ao longo das narrativas, que diz sobre a posição moral das crianças a respeito de si e perante outros personagens construídos por ela.

Utilizamos outras formas de reconhecimento de personagens através da nomeação de pessoas através de substantivos, na sequência alguns exemplos: psicólogo (estagiário do caso 2), mãe (mãe no caso 1, avó no caso 2), avó, tia (estagiária em psicologia do caso 1, professora no caso 2), amigos, professora, bem como: seres vivos, inanimados e midiáticos, a saber: flor, cinderela, Frozen, bonecas, gêmeas, católica (SPA), “doidu”, “psicopata”, “bullying”, “pequeno” (um dos amigos), os “cába” (amigos do futebol), “bichu do cabeção”. Também podem surgir nomes de lugares, em nosso caso, especificamente a instituição onde foi realizada a psicoterapia.

Logo, a posição moral depende de como um falante é escutado, como também devemos estar atentos de como posicionamos outra pessoa através da escuta.

Através do Quadro 2 (que segue na próxima página), apontamos algumas passagens pelo uso dos pronomes para identificarmos os personagens e suas ações, primeiro nas narrativas da Flor e na sequência pelas narrativas do Super-Herói.

**Quadro 2** - Indicadores analíticos sobre os episódios narrados e personagens

<b>Caso da Flor</b>	
<b>Episódios narrativos</b>	<b>Personagens</b>
<p>“eu brincando com a tia ((estagiária de psicologia)) (+) EU:: tirei uma FLOR para dar para ela”;</p> <p>“eu estava triste”(+++) só nesse dia (+) mas depois fui me alegrando”</p> <p>“estamos na vó (+) eu:: minha mãe e meu pai (+)estou dando uma flor para eles(+) gosto da minha família”;</p> <p>“eu queria ter uma irmã:: (+) um irmão não brinca de boneca, (+)queria uma irmã para brincar com ela(+);</p>	<p>Flor (eu, me); tia (estagiária de psicologia);</p> <p>família, mãe, pai, avó</p> <p>(abstrato, fictício): irmã, irmão.</p>
<b>Caso Super Héroi</b>	
<b>Episódios narrativos</b>	<b>Personagens</b>
<p>PE-3: “hoje vou ter que ir ao psicólogo (+) aí eles diziam ((imitando os amigos)) AHHHH SEU DOIDU::vai para o psicólogo(+) você é psicopata [...] hoje eu conto para minha mãe que eu ficava sofrendo”.</p> <p>PE-5: “aí:: teve um dia que (+) hum::que uma prova que você ia fazer em grupo”</p> <p>PE-5: “só eles moravam perto do outro(+) só eu longe (+) aí foi (+) aí eu estudei sozinho</p> <p>PE-4: “a professora brigou comigo”</p> <p>PE-3: “o dia que eu sofri Bully”</p>	<p>Super-Herói (eu, você); psicólogo (estagiário em psicologia), DOIDU, psicopata, mãe (avó),</p> <p>Você (Super-Herói)</p> <p>amigos da escola</p> <p>professora</p> <p>Bullying</p>

Convenções das transcrições, de acordo com Marcuschi (2008): Marcuschi, L. A. (2008)

### 3.1.5.2 Apreensão das atividades, recursos explicativos e qualificadores

Posteriormente às apreensões dos personagens na e pela narrativa pessoal das crianças, ao longo das cinco histórias contadas a respeito do D-E com tema, também foi possível apreender as atividades dos personagens, o uso de recursos explicativos e qualificadores, como veremos a partir de agora.

Neste estudo, a posição metaforicamente refere-se a um lugar moral das pessoas onde essas atribuem qualidades, adjetivos ao personagem principal (si mesmo) e aos demais personagens, considerando a narrativa social dominante, seguindo os estudos de Bamberg e colegas (Bamberg, 1997, 2006, 2008; Bamberg&Georgakopoulou, 2008; Korobov&Bamberg, 2006). Ainda de acordo com os autores, a posição decorre de como um falante é ouvido, da mesma maneira que aquilo que ouvimos decorre de como posicionamos outra(s) pessoa(s).

Assim sendo, Moutinho (2010) exemplifica a importância de como se ouve o narrador: “um choro pode ser interpretado como um protesto se posicionarmos aquele que chora como uma pessoa dominante” (p.95). Em vista disso, apreendemos os recursos discursivos de Flor e Super-Herói com foco nos (1) personagens, (2) como foram se desenvolvendo as ações pelo enredo pela atividade e recursos explicativos, (3) como os qualificadores foram atribuídos aos personagens, (4) em qual contexto foi dito, que juntos, ao longo das cinco produções do D-E com tema, dizem sobre as posições agentivas de Flor e Super-Herói acerca da temática proposta, que envolvia o processo psicoterapêutico de cada um.

Os personagens são indispensáveis para análise do posicionamento agentivo, pois a eles são atribuídos qualificadores, especificando o lugar moral atribuído pelas crianças na narração. Aliado aos personagens, estão suas ações pelo encadeamento no enredo através de justificativas, explicações da criança narradora a respeito das ações realizadas pelos personagens da história, assim, é importante saber, em quais situações, o lugar e quando foram realizadas. Já os qualificadores dizem sobre como o personagem principal adjetiva a si e os demais personagens atribuindo qualidades ao usar adjetivos, verbos, orações ou até mesmo a presença do qualificador no título ou pelo enredamento da pequena história. Por fim, a contextualização da narrativa em antes, durante e depois pelo tempo verbal.

Dessa forma, a posição consiste de como os diversos qualificadores são enredados pelas narrativas. No Quadro 3, esclarecemos como foram selecionados os qualificadores ao longo das

estórias contadas pela Flor, tanto no que se refere aos qualificadores da narradora em relação a ela mesma, como desta em relação a outros personagens.

**Quadro 3** - Um pequeno exemplo para apreensão dos qualificadores dos personagens pelo estudo de caso 1: Flor

<b>Personagens</b>	<b>Episódios narrativos ao longo das 5 (PE's)</b>	<b>Qualificadores/Posições</b>
(eu)	<p><i>PE-2</i>: “adorei estar fazendo eu brincando com a tia”; “ficar aqui é muito legal”</p> <p><i>PE-3</i>: “QUANDO:: fui embora (+)fiquei triste”; TRISTÉRRIMA” “olha minha boca triste</p> <p><i>PE-5</i>: “nesse dia estava feliz e dei uma flor para minha mãe pro meu pai”</p>	<p>Feliz, contente, Fortalecida</p> <p>Triste, insatisfeita, Fragilizada</p> <p>Alegre, bem estar, Fortalecida</p>
Família	<p><i>PE-5</i> :“queria uma irmã para brincar com ela(+)”</p> <p>“estou dando uma flor para eles(+) gosto da minha família”</p>	<p>Insatisfeita por não ter com quem brincar, Fragilizada</p> <p>Satisfeita, feliz, Fortalecida</p>
Melhor amiga	<i>PE-4</i> : “quase tudo na gente é igual(+) o nome(+) e nós vamos fazer natação no mesmo dia lugar”	Feliz, bem estar, Fortalecida

Ao exemplificar alguns qualificadores do Estudo de Caso 1, percebemos que Flor direciona os qualificadores mais para si do que para os outros personagens. Como também, ora qualifica-se como feliz por estar no SPA, ora “tristérrima” por deixar o serviço de psicologia. Assim sendo, o conjunto de qualificadores pelo encadeamento das cinco estórias dizem sobre alguns episódios corriqueiros durante e após a psicoterapia, em que Flor posiciona-se como feliz no SPA e triste ao deixar o serviço de psicologia. Neste mesmo contexto, após a psicoterapia, se sente só por não ter uma irmã para brincar com ela.

Como vimos, os qualificadores junto aos demais elementos narrativos já relatados dizem sobre como os personagens são qualificados pela criança narradora, inclusive como adjetiva a si mesma e os demais personagens que, por vezes, são estabelecidos pelo enredamento através do

uso: 1) de palavras: verbos, adjetivos, advérbios, conjunções 3) de orações que atribuam qualidades ao personagem.

Os recursos linguísticos das crianças favorecem a análise do presente estudo não só quando narram histórias sobre os desenhos, mas defendemos que há continuidade da narrativa pela entrevista episódica, através da narrativa performática com o pesquisador.

Já que os qualificadores são de grande importância para o presente estudo, eles foram identificados e categorizados da seguinte forma pelo pesquisador, nos dois casos: (1) fragilidade: que diz sobre sofrimento psíquico, dificuldade, submissão, “estar mal”, e demais adjetivos que (des)qualificam os personagens, como por exemplo: “doidu”, “psicopata”; (2) fortalecimento: que se refere ao enfrentamento, resiliência, superação, “estar bem”, reconstrução de si, força, habilidades, que foram utilizados pelas crianças para adjetivar a si e os demais personagens de uma forma que promove a superação das situações problema, já que o processo psicoterapêutico promove mudanças, transformações.

Junto aos tipos de qualificadores: (1) fragilidade e (2) fortalecimento e os demais elementos que emergem pelas narrativas, foi possível apontar através da interpretação das mudanças de posição, como as crianças constroem sentidos de si em um SPA, que diz sobre o fenômeno de identidade. Por conseguinte, ao trabalhar nas narrativas, como sugere Bamberg (2012), as entendemos como “um meio específico” de explicar pelas produções discursivas, as construções de sentido de identidade de cada criança a respeito da temática proposta pelo pesquisador: “Como você se sente hoje, após não ter vindo mais para cá”. Defendemos, ainda, que é importante o falar de si pelas relações simbólicas, pois diz sobre como cada criança sente-se após seu processo psicoterapêutico, no que se refere à satisfação, como veremos no decorrer dos estudos de casos.

Na análise dos estudos de casos de Flor e Super-Herói, na próxima seção, veremos os qualificadores atribuídos para a personagem principal e os demais, permitindo interpretarmos as posições dos personagens principais perante a si mesmo, o outro e o referente a uma narrativa social que preza pelo cuidado à criança a partir do que é normal e patológico. Na sequência, veremos como foi o procedimento de apreender o contexto em que foram narradas as pequenas histórias.

### 3.1.5.3 Apreensão dos Contextos

Através da apreensão dos personagens, dos tipos de qualificadores, pudemos compreender a importância desses elementos para análise dos estudos de casos. Nessa seção, descreveremos a relevância do tempo e espaço contextualizados em antes, durante e depois do processo psicoterapêutico.

Isso se faz importante para o presente estudo como alternativa para comparar as regularidades e diferenças entre as posições de Flor e Super-Herói, admitindo os processos psicoterapêuticos como fronteira de transformação, que possibilita a criança falar como se sente após a psicoterapia, como uma nova prática em SPA, clínica de psicologia e rede de atenção psicossocial.

Através dos estudos de casos, veremos que em cada Pequena Estória (PE), ocorre uma situação problema. De acordo com a Psicologia Discursiva, o tempo cronológico e espaço específico são reconhecidos através da mente discursiva como de grande importância para analisar a produção discursiva, em que as situações problemas surgem através de trocas simbólicas e posições morais sobre si, o outro e uma narrativa dominante. Ressaltamos que aliado ao que foi dito, o tempo e ao espaço são sustentadas pelo enredamento em passado, presente e direcionado ao futuro.

À vista disso, foi necessário dar uma precisão ao que foi narrado, levando em consideração: (1) o antes da psicoterapia; (2) o durante a psicoterapia; (3) o após a finalização do processo psicoterapêutico, conforme o uso dos recursos linguísticos de cada criança.

Para demarcação desses tempos e espaços, utilizamo-nos de alguns marcadores espaço-temporais: antes, durante e após a psicoterapia, para exemplificar através dos recursos linguísticos de cada criança através da gravação do áudio. Veremos, que a utilização dos verbos na oração, advérbios de tempo (hoje, antes, etc) e lugar (aqui, ali, longe, perto, etc), locais, como fundamental para análise das posições agentivas de cada criança no decorrer dos enredamentos de (Flor e Super-Herói), que se valem pelas narrativas pessoais que são reguladas pelas narrativas sociais e contextualizadas de formas diferentes. Após o Quadro 4, nos depararemos com a análise dos dois estudos de caso: (1) Flor e (2) Super-Herói ao longo das cinco produções pelo procedimento do D-E com tema

**Quadro 4** - Um pequeno exemplo para apreensão do contexto através dos estudos de caso 1 e 2 abaixo

<b>Recursos Discursivos</b>	<b>Estudo de caso Flor</b>	<b>Estudo de caso Super-Herói</b>
Episódios narrativos	<p>“é eu brincando com a tia ((estagiária de psicologia)) (+) EU:: tirei uma FLOR para dar para ela”</p> <p>“tá bom (+) foi legal porque nesse dia brinquei muito com a tia(+) foi MUITO LEGAL (+)brinquei de cinderela”</p> <p>“QUANDO:: fui embora (+)fiquei triste”</p> <p>“não::(+ tava vindo pra cá não(+)) tinha acabado já (+++) mas tudo aqui veio para me alegrar”</p>	<p>“porque eu tinha problema de memória”</p> <p>“porque antigamente eu era tipo(+) tinha muita dificuldade para escrever”</p> <p>“tava mais ou menos(+))fiquei mas depois que comecei a aprender comecei a GOSTAR”</p> <p>“já tinha saído daqui (+) eu estava bem (+) aí depois minha vista começou a coisar</p>
Contextualização	<p>Durante: “é eu brincando com a tia ((estagiária de psicologia))”</p> <p>Após: “QUANDO: fui embora”; “tava vindo pra cá não(+)) tinha acabado já”</p>	<p>Antes: “porque antigamente eu era tipo(+) tinha muita dificuldade para escrever”</p> <p>Durante: “tava mais ou menos(+))fiquei mas depois que comecei a aprender comecei a GOSTAR”</p> <p>Após: “já tinha saído daqui</p>

## 4 ESTUDOS DE CASO

Este capítulo está organizado em duas seções. Referentes às análises narrativas das crianças participantes pelos estudos de caso da Flor e do Super-Herói (SH). Ao passo que cada estudo de caso apresenta a análise do posicionamento agentivo através das cinco Pequenas Estórias (PE's)<sup>12</sup> que compõe o procedimento do D-E com tema, ao final de cada seção haverá uma síntese de cada caso.

### 4.1 ESTUDO DE CASO 1: FLOR

Flor, do gênero feminino, no início de 2016 não tinha 7 anos completos. Filha de pais casados, não tem irmãos e mora com avó, tias, pai e mãe. Durante a construção de dados, estava no 2º ano do ensino fundamental, iniciando o processo de leitura e escrita em uma escola particular. É natural e reside em uma cidade localizada no Sertão Central cearense. Sobre o processo psicoterapêutico, Flor em 2012 foi acompanhada por uma psicóloga em uma clínica particular, chegando ao SPA em 2013, permanecendo neste local por dois anos e meio. Nesse intervalo de tempo foi atendida por 3 estagiárias de psicologia clínica, que foram nomeadas pela criança de “tias”.

Desde 2012 a queixa parental estava direcionada para “conflito de autoridade”, segundo a sua tia (responsável em acompanhá-la durante a construção de dados). Flor estaria “enfrentando” seus pais, avó e tias. Dessa forma, a responsável também nos relatou, no primeiro momento da pesquisa, que o encaminhamento foi espontâneo. Ressaltamos também que Flor não foi medicada e nem diagnosticada nesse período de 2012 a 2015.

Quanto à finalização do processo psicoterapêutico, Flor em nenhum momento não pediu para voltar ao Serviço de Psicologia Aplicada (SPA). Por conseguinte, veremos ao longo desse estudo de caso que Flor quando convidada a falar como se sente hoje após ter finalizado seu processo psicoterapêutico no SPA, construiu narrativas com o pesquisador ao falar de si, posicionando-se e construindo sentido de si em um SPA.

Consideramos na análise o tempo e espaço que foram contextualizados pela Flor em: durante e depois da psicoterapia. Veremos pela análise do posicionamento agentivo que em

---

<sup>12</sup> As cinco Pequenas Estórias serão representadas ao longo da análise por: (PE-1); (EP-2); (PE-3); (PE-4); (PE-5).

quase todos os cinco desenhos, narrativas das pequenas estórias, “Flor” supera as “situações problema” que lhe causaram sofrimento psicológico (mal estar). Tal como, veremos outras situações que lhe fizeram estar “bem” através das situações corriqueiras ocorridas no próprio SPA com a “tia”, assim como com a sua melhor amiga e família.

Durante a construção narrativa da criança, algo nos chamou a atenção, e contribuiu também para que a nomeássemos de “Flor”. No decorrer da construção de dados, a criança ofertava aos demais participantes uma flor, e esta ação dela perante os personagens é o inverso da queixa inicial, relacionada ao conflito de autoridade, como relatou a sua tia. Entendemos que esse codinome contribui para investigar as construções de sentidos de si pelas posições da criança, que de certa forma “florescem”, e são “regadas” através das relações simbólicas apresentadas ao longo das cinco produções discursivas do D-E com tema.

Dessa forma, consideramos a construção narrativa da Flor com o pesquisador, nas e pelas cinco pequenas histórias apresentadas nas transcrições, no Apêndice D. A “análise de posicionamento”, da criança narradora se apresenta em 3 dimensões: (1) perante a si mesmo; (2) em relação a outros personagens da estória narrada e (3) em relação a uma narrativa social dominante, especificamente nesse caso, sobre um discurso que preza o cuidado à criança a partir do que é normal e patológico. Para as posições assumidas na e pela linguagem da criança, como lugar de construção de sentidos, foram tomadas como referência para análise duas categorias construídas pelo pesquisador: fortalecimento e/ou fragilidade. Isso permitiu analisar como as construções de sentidos de si emergem nas e pelas narrativas da Flor. Compartilharemos, primeiramente com a análise de posicionamento perante a si mesmo (Flor-Flor), em que veremos as posições agentivas pela interconexão do processo narrativo nas e pelas 5 (PE’s), por meio dos recursos discursivos da criança participante.

#### **4.1.1 Posições da Flor perante a si mesma (Flor-Flor)**

Nesta análise das posições (Flor-Flor), apreendemos primeiramente os elementos narrativos: personagem principal (Flor), suas atividades, recursos explicativos, qualificadores e contexto para dar uma maior precisão das posições ao longo das (PE’s). Após isso, veremos a partir das posições (Flor-Flor), a análise da construção de sentidos que se deu com foco nos

qualificadores de si mesma e os diferentes contextos ao longo do processo narrativo pelas 5 (PE's).

No decorrer da análise traremos fragmentos das (PE's), para facilitar a compreensão das posições atribuídas a si mesma e, conseqüentemente a construção de sentidos de si em um SPA. Importante ressaltar que o pesquisador solicita à participante durante o “rapport”: “Júnior: aí:: eu quero(+) que você desenhe pra mim (+) não é qualquer coisa(+) mas aquilo que conversamos naquele dia ((momento 1)) (+) que você ia desenhar e contar histórias de como você estava se sentindo após os encontros com as tias (+) você lembra ?”

Analisamos a partir desse momento as posições (Flor-Flor), durante as construções narrativas encadeadas no decorrer das 5 (PE's) onde a criança atribui a si mesma estados durante e após a psicoterapia. Após a Flor realizar o primeiro desenho, o pesquisador questiona: “Júnior: Pronto ((quando ela finalizou o desenho 1)) (++) você pode contar uma estorinha pra mim?(+) sobre seu desenho?”, na seqüência Flor narra uma situação ocorrida durante a psicoterapia posicionando-se perante a si

Flor: é eu brincando com a tia ((estagiária de psicologia)) (+) EU:: tirei uma FLOR para dar para ela

Júnior: você tirou uma flor para dar a ela?

Flor: do fundo da terra (+) mas no dia do aniversário dela eu trouxe um colar e um brinco

Júnior: você entregou a flor o brinco nessa sala pra ela?

Flor: não(+) mas essa flor só foi criado na minha mente (+) foi minha mãe que comprou brinco e colar para ela

Júnior: peraí (+) deixa eu entender (+) o que você criou na sua mente?(+) a flor, o brinco ou colar?(fiquei confuso))

Flor: eu queria dar uma flor para a tia (+) mas no aniversário da tia minha mãe comprou um brinco e colar

Propomos que Flor na e pela (PE-1), ao utilizar do pronome pessoal “eu”, como personagem principal atribui a si mesma um estado de fortalecimento ao narrá-la a (PE-1), ao sentir-se alegre, confortável narrando sobre um episódio ocorrido durante a psicoterapia. Ao nos explicar no contexto de pesquisa nessa primeira estória, utilizando da conjunção adversativa “mas” e dos verbos para relatar as atividades dos personagens: “mas essa flor só foi criado na minha mente (+) foi minha mãe que comprou brinco e colar para ela”, entendemos que Flor atribui a si um estado de bem-estar que categorizamos como “fortalecimento” ao *reconstruir o*

*seu passado no contexto de pesquisa*, como ela mesma afirma: “essa flor só foi criada na minha mente”.

Similarmente, Flor transforma o fato ocorrido naquele contexto quando utiliza do pronome pessoal “eu”, de recursos explicativos pela conjunção adversativa “mas” e o verbo no “passado” (sublinhados) para falar como se sentia: “Flor: eu queria dar uma flor para a tia (+) mas no aniversário da tia minha mãe comprou um brinco e colar”, indicando algo que pertence ao passado mas não foi realizado pela personagem principal, porém que se realizou no contexto da pesquisa, ao presentear a sua psicoterapeuta com uma flor, presente diferente daquele que foi dado a estagiária durante a psicoterapia, em um momento passado.

É necessário considerar durante a análise o tempo atualizado como defende Lopes de Oliveira (2006) em que o mesmo nos remete à noção de passado, presente e futuro, como foi percebido durante a análise da posição perante a si mesmo, não buscando o resgate do que foi produzido em psicoterapia, porém nos implica saber como cada criança se sente hoje após a finalização da psicoterapia, uma experiência única, que só elas podem falar. Nessa perspectiva, Flor constrói sentidos de si com a sua audiência pelas narrativas, ao posicionar-se como fortalecida em um contexto de pesquisa.

Essa organização pela sequência narrativa, como defendem Brockmeier & Harré (2003) para uma melhor apreensão dos sentidos, é facilitada pela continuidade do procedimento do D-E com tema através da construção da (PE-2), (PE-3), (PE-4) e (PE-5).

Desse modo, Flor pela (**PE-2**) não modifica sua posição perante a si mesma, mantendo-se fortalecida quando nos disse que a “brincadeira” durante a psicoterapia a fez estar bem na sequência narrativa

Flor: tá bom (+) foi legal porque nesse dia brinquei muito com a tia(+) foi MUITO LEGAL (+)brinquei de cinderela (+) MINHA BRINCADEIRA FAVORITA(+),porque ela tem um lindo vestido e um sapatinho de CRISTAL (+) esse dia foi legal pra mim  
 Júnior: foi legal?  
 Flor: muito importante e legal

Entendemos que ao utilizar de recursos explicativos “porque nesse dia”; “foi MUITO LEGAL”; “muito importante e legal”, Flor atribui a si um estado de “fortalecimento” durante a psicoterapia. Quanto a esse tipo de análise das posições e construção de sentidos de si Moutinho (2010) nos alerta sobre o cuidado às narrativas, pois “depende de como, nestas trocas, um falante

é ouvido e, similarmente, o que ouvimos depende de como posicionamos uma pessoa” (p.67). Até a (PE-2) inferimos que as posições assumidas perante a si mesma dizem sobre uma identidade em transformação perante a queixa inicial, afastando-se da criança que desafiava adultos antes da psicoterapia. Dessa forma, oferece flores à psicoterapeuta na (PE-1), pois se sente bem ao agir intencionalmente na e pela narrativa presenteando sua psicoterapeuta com uma flor, tal como o estado de fortalecimento permanece na e pela (PE-2), quando Flor nos conta sobre a “brincadeira” entre ela e sua “tia”, no qual foi importante e legal para si, posição esta que diz sobre um estado de alegria, tranquilidade, segurança, aconchego, prazer, satisfação.

Dessa forma, ao falar de si, Flor diz como quer “ser conhecida” pelo seu interlocutor, construindo sua identidade através dessa troca simbólica performática, como aponta Bamberg (2008a, 2008c), assim ao recontar situações corriqueiras, nos diz sobre as próprias posições e construções de sentido de si em um SPA.

Vimos até agora, que Flor ao falar sobre si sustenta-se como fortalecida via posições agentivas, reconstruindo sua identidade ao falar dos episódios durante e após a psicoterapia como veremos agora. Flor reconta na e pela (PE-3), como se sentiu ao finalizar o seu processo psicoterapêutico na construção narrativa abaixo:

Flor: tive muitas coisas boas(+++) mas não me lembro de nenhuma mais(+++)  
 QUANDO:: fui embora (+)fiquei triste(+) posso desenhar ?((iniciou o desenho))  
 Júnior: humhum do jeito que quiser  
 Flor: sério?(++) fiquei triste muito triste triste(+) TRISTÉRRIMA::  
 Júnior: terminou? Agora conte a estorinha do seu desenho  
 Flor: eu fiquei MUITO TRISTE:: (+) porque aqui é muito legal(+) e ficar sozinha sem ninguém pra brincar(+) É MUITO TRISTE...  
 Júnior: como você está aqui (+) nesse dia(+) triste?  
 Flor: humhum estou só (+)olha minha boca triste (+) ir embora daqui não foi legal (+) ficar aqui é muito legal  
 Flor: um:: título:: “Um dia que (+)eu estava triste”((quando escrevia ela comentou ))(+++) só nesse dia (+) mas depois fui me alegrando::fui brincando no parquinho e esqueci desse dia triste

Ao narrar sobre com se sentiu ao sair do SPA, veremos que a posição sobre si mesma modifica-se na terceira pequena estória (PE-3). Para uma melhor precisão das posições apreendemos a única personagem da (PE-3), sua ação, estado, bem como os recursos explicativos, qualificador e contexto da narrativa para interpretar a construção de sentido de si.

Flor antes de iniciar o desenho, fica pensativa. Todavia, nos diz que vivenciou “muitas coisas boas (+++) mas não me lembro de nenhuma mais”, na sequência pergunta ao pesquisador se pode desenhar ela “triste”. Aqui é necessário apontar que por mais que há uma agência (eu-mundo), como aponta Bruner (1990/2008), igualmente é regulado pela cultura na qual participa, no qual “ser feliz” seria um ideal em uma estória, porém o pesquisador disse que ela poderia desenhar da sua maneira e que não haveria certo e errado (desde o princípio através do rapport).

Na atual estória, Flor atribui a si mesma estado de mal estar, ao adjetivar-se como “muito triste” entonando o “TRISTÉRRIMA” mesmo antes de iniciar o terceiro desenho. Nos explicando através dos seus recursos linguísticos, utilizando do pronome pessoal “eu” para falar do seu estado, adjetivando a si como “MUITO TRISTE”, justificando, pelo sublinhado, que: “ficar sozinha sem ninguém pra brincar(+) É MUITO TRISTE...” seu estado de mal estar.

Sua posição, que categorizamos de fragilidade, reforça-se quando Flor no processo narrativo, reafirma o seu estado ao finalizar o processo psicoterapêutico, pelo uso de verbos e ações da personagem principal sublinhados: “olha minha boca triste (+) ir embora daqui não foi legal (+) ficar aqui é muito legal” dizendo sobre estado um mal estar, um incômodo, sofrimento que perdurou por pouco tempo segundo ela, pois, após nomear o título da (PE-3), Flor comentou ao fim da (PE-3), utilizando da conjunção adversativa “mas” para explicar o episódio: “só nesse dia (+) mas depois fui me alegrando :: fui brincando no parquinho e esqueci desse dia triste”, mudando de posição.

Para Bamberg (2004), os “relatos explicativos” são considerados uma narração contextualizada em tempo e espaço, pois o interesse está no ato de narrar e posicionar-se pela produção discursiva. Privilegiando assim, o imediatismo da situação, que para o autor, é suficiente para se falar sobre sentido de identidade através de Pequenas Histórias, como sugerem os estudos de (Bamberg, 2008a, 2008c).

A construção de sentido de si pela (PE-3) em um SPA, diz sobre dois momentos diferentes: (1) ao finalizar o processo psicoterapêutico, Flor qualifica-se como “tristérrima”, no qual se posiciona como fragilizada: “ficar sozinha sem ninguém pra brincar”, “olha minha boca triste (+) ir embora daqui não foi legal”, e (2) em um contexto *logo após* a finalização da psicoterapia anunciado ao utilizar da conjunção adversativa sublinhada: “só nesse dia (+) mas depois fui me alegrando::fui brincando no parquinho e esqueci desse dia triste”. Utiliza da

conjunção adversativa “mas” para explicar que após a psicoterapia, esqueceu do dia triste, atribuindo a si um fortalecimento ao mudar de posição.

Na sequência, via pequena estória (**PE-4**), Flor nos conta um episódio que envolve a si e sua melhor amiga. Antes mesmo de finalizar o desenho já intitulou a (PE-4) na alínea 85: “Flor: o título dessa estorinha vai ser(+) “Eu e (+) eu e a minha melhor amiga”(+)”, contextualizada após a finalização do processo psicoterapêutico. Abaixo veremos fragmentos da (PE-4) em que Flor posiciona-se perante a si mesma.

Júnior: quando você estava brincando com sua amiga (+)você ainda vinha para cá? ((me referindo à psicoterapia))

Flor: não::(+ tava vindo pra cá não(+ tinha acabado já (+++) mas tudo aqui veio para me alegrar (++) essa é minha melhor amiga ((apontando para o desenho e disse o nome completo da sua melhor amiga))

Após ser questionada pelo pesquisador, Flor responde usando de verbos, do pronome pessoal “me” bem como a omissão do pronome pessoal “eu”, assim como utiliza da conjunção adversativa “mas” para dizer ao pesquisador como se sente hoje pela (PE-4): “não::(+ tava vindo pra cá não(+ tinha acabado já (+++) mas tudo aqui veio para me alegrar”, atribuindo a si, após a psicoterapia, um estado de bem-estar, satisfação, agradecida ao utilizar o adjetivo “alegrar” para si mesmo.

Essa posição se refere ao tipo de qualificador que a fortalece. Flor quando entrega a flor para sua amiga e vice e versa, diz sobre como se sente e como gostaria de ser reconhecida pelo pesquisador, e isso é relevante para a perspectiva adotada, já que o processo narrativo é analisado não somente pelo seu conteúdo, mas como foi narrado, é importante saber para quem foi narrada e onde, como sugerem Brockmeier & Harré (2003), Moutinho (2010), Moutinho, Meira & De Conti (2013), Moutinho & De Conti (2016). Dessa forma, pois as pessoas ao falarem de si mesmas em presente, passado e futuro construindo histórias com sentido para si e para sua audiência como sugere Bamberg (2012), Moutinho & De Conti (2016), ao falar de si para o pesquisador, que é psicólogo, na e pela “performance narrativa”, através da entrevista episódica, Flor fala de si em presente, passado e futuro construindo histórias com sentido para si mesma e para sua audiência, como sugere Bamberg (2012), Moutinho & De Conti (2016). Dessa forma, interpretamos que ao escolher a si e sua melhor amiga como personagens, que agem de forma parecida ao trocar flores, como uma experiência positiva e, socialmente aceita,

ao realizarem atividades juntas, a situação a faz feliz e a se comportar de uma forma diferente à sua demanda inicial.

Situação essa importante para a análise, pois Flor chega ao SPA com a demanda de “conflito de autoridade” e pela cursividade das quatro (PE’s), oferece aos personagens “flores” na (PE-1) e (PE-4), que socioculturalmente é considerado como um ato de paz, união, harmonia. Para Vigotski (1930/2010, 1934/2008; 2001/2009), os sentidos prevalecem sobre seus significados junto à oração, título da obra dentro de um contexto sócio/histórico/cultural. Assim, Flor nos diz como quer ser reconhecida pelo pesquisador/psicólogo, como uma criança que oferece ao outro “flores”. Suas posições agentivas contínuas pelo D-E com tema, pouco mudam de posição desde a (PE-1), passando por um processo de sofrimento pela (PE-3), quando deixa de frequentar o SPA. Todavia mesmo “TRISTÉRRIMA”, que categorizamos como um estado de fragilidade, logo após, muda pela primeira vez de posição ao atribuir a si um estado de melhora, bem-estar sentindo-se agradecida a tudo que ocorreu no SPA, sendo percebida como satisfeita até a (PE-4).

Na sequência analítica, consideremos as últimas posições de (Flor-Flor) perante a e pela (PE-5), como a última unidade de análise (Flor-Flor). A criança ao falar sobre si na e pela (PE-5), posiciona-se como fortalecida, como veremos através dos recursos utilizados ao longo do enredamento abaixo

*Flor: estamos na vó (+) eu.: minha mãe e meu pai (+)estou dando uma flor para eles(+)* gosto da minha família

*Flor: não podem vim, não podem ver (+) sempre BOA menina DEVE SER (+) ((cantorolou algo incompreensível)) nanananã*

*Júnior: ((pergunto que música é))*

*Flor: é de um filme (+)onde a Frozen se LIBERTA(+) nesse dia eu estava dando uma flor para minha mãe (+) e pro meu pai (+) o título é “Eu e minha família” ((solfejando a música do filme)) nesse dia estava feliz e dei uma flor para minha mãe pro meu pai*

Segundo Moutinho & Conti (2016), existem diferentes formas de atribuir qualificadores aos personagens através de adjetivos, verbos ou até mesmo pelas orações, ocasionalmente a qualificação pela posição, marcada pelo enredamento. Ao contar a (PE-5) com os personagens: Flor, sua mãe, pai e avó e sua irmã imaginária, contextualizada após a psicoterapia, Flor utiliza do pronome pessoal “eu” e sua atividade no processo narrativo: “estou dando uma flor para

eles(+) gosto da minha família”, nessa oração Flor atribui a si uma alegria, felicidade que categorizamos como fortalecimento.

Na sequência da análise do processo narrativo, Flor canta um trecho de uma música em que a personagem se liberta: “Flor: não podem vim, não podem ver (+) sempre BOA menina DEVE SER (+), entendemos que Flor fala de si mesma, pois “sempre BOA menina DEVE SER” tem forte relação com a demanda que a trouxe à psicoterapia através de seus pais. O seu “conflito de autoridade” através de “comportamentos errôneos” perante a avó, pais e tias nesse momento é superado quando ela diz “sempre BOA menina DEVE SER”, e explica ao pesquisador quando questionada sobre a música que ela estava cantando, que a personagem se liberta e continua a construção narrativa e de sentidos de si ao nos dizer que: “(+) nesse dia eu estava dando uma flor para minha mãe (+) e pro meu pai (+) o título é “Eu e minha família” ((solfejando a música do filme))”.

Entendemos que novamente Flor atribui a si um estado de felicidade que categorizamos como fortalecimento, através: (1) da entonação em: “onde a Frozen se LIBERTA” uma ação que qualifica a si também através da psicoterapia pela produção discursiva. Após citar a letra da música, nos disse que estava “feliz” ao dar a sua mãe e seu pai uma flor. Essa construção de sentidos de si em um SPA, após a finalização do processo psicoterapêutico, diz como Flor se sente hoje pelo posicionamento agentivo em uma das direções (eu-eu), pela narrativa pessoal em que as posições pouco mudam, prevalecendo a categoria de fortalecimento. Para uma melhor compreensão das posições agentivas vejamos na próxima seção a continuidade analítica das posições agentivas da Flor em relação aos demais personagens (Flor- outro).

#### **4.1.2 Posições de Flor em relação aos demais personagens (Flor- outro)**

Nessa seção emergem as posições da Flor em relação aos demais personagens ao longo das cinco unidades analíticas através das (PE's). Em vista disso, o foco analítico segue os critérios em apreender ao máximo os elementos narrativos para analisar as posições e construção de sentido de si em um SPA, contextualizadas em tempo e espaço pelas construções narrativas performáticas.

Vejamos inicialmente como Flor posiciona-se perante os personagens ao longo da construção narrativa da (PE-1) através das trocas simbólicas com a estagiária em psicologia e sua

mãe. Flor contextualiza a (PE-1) durante a psicoterapia e nos diz: Flor: “é eu brincando com a tia ((estagiária de psicologia)) (+) EU:: tirei uma FLOR para dar para ela”, o pesquisador na sequência pede um maior esclarecimento sobre a ação de “tirar uma flor”, Flor responde que tirou do fundo da terra, e a flor foi uma criação de sua mente. Entendemos que a troca simbólica entre Flor e sua psicoterapeuta trouxe benefícios através das intervenções da estagiária que a fez se sentir satisfeita, atribuindo a sua psicoterapeuta o qualificador de fortalecimento que a faz se sentir bem, agradecida, no contexto de pesquisa.

Entendemos também que ao presentear com uma flor a psicoterapeuta, Flor atribui à sua mãe o qualificador de fortalecimento, utilizando da conjunção de adversidade “mas”, do pronome possessivo “minha” para explicar a sua posição perante a ação de sua mãe, ao narrar o episódio: “Flor: eu queria dar uma flor para a tia (+) mas no aniversário da tia minha mãe comprou um brinco e colar”. Assim, propomos que a construção de sentidos de si no contexto de pesquisa sobressai sobre o ocorrido no passado, dito de outra forma, Flor constitui a sua identidade a partir de sua agência intencional ao imaginar e “criar em sua mente a flor” que foi entregue no dia do aniversário da sua psicoterapeuta, essa agência pessoal é socioculturalmente regulada como aponta Bamberg (2005), o qual considera a noção de posição com base em duas perspectivas: 1- (mundo-eu) e 2- (eu-mundo), seguindo a perspectiva da Psicologia Discursiva.

Pela primeira perspectiva, a ação da Flor foi atribuída por forças sociais, históricas, capitalista, parentais que submetem as significações da Flor perante a decisão da mãe. A partir da segunda perspectiva, Flor constrói seu mundo, com base na tendência de tomar decisões, narrar com intencionalidade desde mais ou menos aos 4 anos de idade, como sugere (Bruner, 1990/2008, 1991). Deste modo, entendemos que a sua identidade se constitui a partir de suas narrativas atuais, em que a sua decisão de presentear com uma flor prevalece sobre os presentes durante a psicoterapia.

Na sequência analisamos as posições da Flor perante o personagem da (**PE- 2**), contextualizada durante a psicoterapia. Pelo episódio narrado Flor atribui novamente à sua psicoterapeuta um estado de fortalecimento que a faz se sentir à vontade e satisfeita, através do brincar simbólico durante os atendimentos adjetivando essa troca com a psicoterapeuta como “MUITO LEGAL”<sup>13</sup>. Após afirmar sua satisfação, na sequência da (PE-2), Flor reafirma ao pesquisador dizendo que foi: “muito importante e legal”.

---

<sup>13</sup> Convenções segundo Marcuschi (2008): MAIÚSCULA Ênfase ou acento forte

Considerando que as trocas simbólicas são fundamentais para a constituição do sujeito, através da perspectiva narrativista, na qual a produção discursiva pela oralidade e escrita dizem sobre a construção de sentido de identidade, a cursividade da narrativa diz como os personagens se relacionam no tempo e espaço contextualizados. Então, entendemos que Flor atribui à sua psicoterapeuta na e pela (PE-2), o que categorizamos de fortalecimento. O brincar simbolicamente na alínea 51: “nesse dia brincamos de boneca e foi legal”, bem como na alínea 53: “foi MUITO LEGAL”, MINHA BRINCADEIRA FAVORITA” e alínea 55: “muito importante e legal”, além de adjetivar a atividade compartilhada com a psicoterapeuta como “legal”, “MUITO LEGAL”, “FAVORITA”, “muito importante”, diz sobre o estado de bem-estar, de prazer, alegria ao falar de si pela narrativa pessoal em um contexto de pesquisa.

Nesse contexto de pesquisa, como uma situação imediata, onde a narrativa pessoal é regulada socioculturalmente, os relatos explicativos do cotidiano da Flor por si já remetem aos sentidos de identidade como sugere Bamberg (2004, 2006), através de Pequenas Histórias. Essa construção narrativa entre o participante e pesquisador, em um contexto de pesquisa como nos explica Moutinho (2010), é excelente “para se tentar interpretar como aquele que narra constrói sentidos sobre sua própria vida” (p.58). Interpretamos então que Flor constrói sentidos de si em um SPA, pelas posições assumidas no decorrer da narrativa: “Flor: vou desenhar sempre o que foi bom”. Esse imediatismo da situação interessa pela perspectiva adotada, pois Flor decide falar somente sobre coisas boas, uma delas é a sua relação com a psicoterapeuta, através da brincadeira favorita, a outra é em relação à cinderela, uma personagem abstrata, forte e independente, que busca superar seus obstáculos, conforme é compartilhado socialmente pela história.

Adentramos na sequência, as posições da Flor-outro na e pela (PE- 3). Por mais que exista somente uma personagem real na (PE-3), Flor atribui ao SPA um estado de fortalecimento. Dessa forma, apreendemos o SPA como personagem abstrato, conforme aponta Moutinho & De Conti (2016), que desenvolve ações e/ou ao qual são atribuídos modos de ser e estados, conforme Flor referencia o local no decorrer do processo narrativo como veremos a seguir:

Flor: eu fiquei MUITO TRISTE:: (+) porque aqui é muito legal(+) e ficar sozinha sem ninguém pra brincar(+) É MUITO TRISTE...

Júnior: como você está aqui (+) nesse dia(+) triste?

Flor: humhum estou só (+)olha minha boca triste (+) ir embora daqui não foi legal (+) ficar aqui é muito legal

Inferimos que Flor ao falar de sua experiência, posiciona-se perante o SPA, qualificando-o através do “muito legal”. Primeiramente, Flor ao utilizar do recurso linguístico “porque”, além de explicar ao pesquisador como se sentia na finalização do processo psicoterapêutico, qualifica o local por onde passou por transformações (sublinhado): “porque aqui é muito legal”, utilizando do marcador discursivo “aqui” para falar do SPA, e logo em seguida, através do adjunto adverbial de intensidade “muito” e do adjetivo “legal” para qualificar o SPA, lugar de sua psicoterapia. Em seguida, Flor repete novamente que “aqui é muito legal” alegando sua tristeza ao finalizar o processo psicoterapêutico ao longo do enredamento: “ir embora daqui não foi legal (+) ficar aqui é muito legal”, atribuindo assim ao SPA o tipo de qualificador de fortalecimento, que a faz se sentir bem.

Na sequência do processo narrativo pela (*PE-4*), veremos a seguir as posições da Flor perante a sua melhor amiga e o SPA, contextualizando após o seu processo psicoterapêutico ao responder ao pesquisador sobre o episódio do contexto narrado: “não::(+) tava vindo pra cá não (+) tinha acabado já (+++) mas tudo aqui veio para me alegrar”, ao dizer que já tinha finalizado a psicoterapia, Flor utiliza da conjunção adversativa “mas” e marcadores discursivos “tudo aqui”, para explicar como se sentia, atribuindo ao “tudo aqui” o qualificador de fortalecimento, pois o alegrou, deixou-a feliz, contente, demonstrando o seu estado de fortalecimento no contexto de pesquisa.

Na sequência da narrativa Flor atribui a sua melhor amiga o qualificador de fortalecimento, pois as trocas simbólicas cotidianas entre ela e sua melhor amiga, não a faz ficar sozinha e, isso a faz se sentir bem, ao afirmar: “agente parece gêmea porque começa com o mesmo nome (+) também quase termina com o mesmo nome (+) aí também estuda no mesmo colégio (+) e também vamos fazer natação no mesmo lugar (+)AÍ:: TÁ MUITO IGUAL”, ao atribuir a sua amiga um fortalecimento, a faz sentir-se bem, assim oferece flores à sua melhor amiga.

Essa construção narrativa com o pesquisador nos chama atenção, pois entendemos que ao mesmo tempo, se posiciona fortalecida, como também posiciona moralmente os demais personagens (SPA e melhor amiga) como “fortalecidos”, promovendo pela mutualidade das agências um ato de “bondade” perante o mundo. Isso é importante para esse estudo porque a

Teoria do Posicionamento Agentivo preza que a narrativa como lugar da construção de sentidos de si em duas direções: (mundo-eu); (eu-mundo), onde as pessoas ao falar de si nas e pelas narrativas constroem sentidos de identidade através de trocas simbólicas.

Prosseguindo a análise do posicionamento, contemplamos também as posições de Flor perante aos seus familiares, especificamente mãe e pai, construindo sentidos de si pelo encadeamento das cinco (PE's). Ao narrar o episódio contextualizado após a psicoterapia, na casa de sua avó, Flor pela narrativa pessoal nos conta sobre “Eu e minha família” título construído pela Flor através da (PE-5). Veremos que Flor ao se posicionar perante os seus pais, nos diz como quer ser reconhecida pelo seu interlocutor, como alguém que está bem e/ou fortalecida após a psicoterapia através das alíneas abaixo.

Flor: estamos na vó (+) eu:: minha mãe e meu pai (+) estou dando uma flor para eles(+) gosto da minha família  
 Flor: não podem vim, não podem ver (+) sempre BOA menina DEVE SER (+)  
 Júnior: ((pergunto que música é))  
 Flor: é de um filme (+)onde a Frozen se LIBERTA(+) nesse dia eu estava dando uma flor para minha mãe (+) e pro meu pai (+) o título é “Eu e minha família” ((solfejando a música do filme)) nesse dia estava feliz e dei uma flor para minha mãe pro meu pai.

Após apreendermos a mãe e o pai como personagens da (PE-5), que emergem pelo processo narrativo, Flor mais uma vez atribui aos personagens um tipo de qualificador que categorizamos de fortalecimento. Uma vez que, pela construção narrativa, Flor posiciona seus familiares como protagonistas do seu bem estar (sublinhado) ao narrar o episódio: “Flor: estamos na vó (+) eu:: minha mãe e meu pai (+) estou dando uma flor para eles (+) gosto da minha família”. Ao utilizar dos verbos “estou dando” e “gostar” para falar de sua ação perante seus pais e ao mesmo tempo concedendo a eles um fortalecimento, que a beneficia, confortando-a quando estão juntos, Flor contribui para analisarmos a construção de sentidos de crianças ao falar de si de uma maneira tão corriqueira pelas narrativas de adolescentes e jovens adultos como sugere Bamberg (2008a, 2008c), emergindo qualidades morais via posições agentivas, segundo a Psicologia Discursiva.

Visto isso, interpretamos a partir dessa perspectiva que ao apreciar sua família, ao narrar a (PE-5), Flor antes considerada como uma causadora de conflitos na família, agora, no contexto de pesquisa, após a psicoterapia, na tentativa de ser conhecida pelo seu interlocutor pelo

encadeamento narrativo, demonstra afeto, carinho pela sua família na e pela (PE-5). Flor além de demonstrar carinho pela sua família ao oferecer flores aos seus pais ao fim da produção discursiva, também ofertou flores para a psicoterapeuta na e pelas (PE-1), (PE-2). Esse comportamento sócio culturalmente é reconhecido como: “um ato de bondade”, “respeito”, “de paz”, dessa forma, interpretamos que Flor constrói sentidos de si como uma criança que “hoje” respeita a profissional, sua família, bem como se relaciona bem com sua melhor amiga na escola, como vimos na e pela (PE-4).

A partir dessas posições perante os personagens nessa seção, no que diz respeito à construção de sentido de identidade, segundo Moutinho (2010), “pessoas atribuem sentido a si mesmas, que elas se interpretam como boas ou más, como alegres ou tristes, feias ou bonitas” (p.67). No caso da Flor, as qualidades morais através das (PE’s) tenderam em geral para qualificação dos demais personagens e de si com o tipo de qualificador que categorizamos de “fortalecimento”. Relembremos que Flor não cita sobre o antes da psicoterapia, mas sobre o durante na (PE-1) e (PE-2), e após, nas demais (PE’s). Na sequência das seções que seguem, veremos as posições da Flor perante a narrativa social sobre a normalidade e a anormalidade correlacionados ao cuidado da criança em sua integridade psicossocial (Brasil, 2005, 2014).

#### **4.1.3 Posições da Flor perante ao cuidado à criança (Flor-narrativa social)**

Principiamos nessa seção, a análise das posições da Flor perante a narrativa social que diz sobre o cuidado à criança referente ao que é normal e patológico. Para isso, consideramos as políticas construídas sócio culturalmente para um melhor desenvolvimento biopsicossocial da criança e adolescente no Brasil, responsabilizando Estado e família por esse cuidado através do Estatuto da Criança e Adolescente – ECA (1990), o desenvolvimento do SUS por meio de suas Leis Orgânicas nº 8.080/1990; e nº 8.142/1990, bem como a construção das políticas de saúde mental através do CAPS (1987), que foram aprimoradas pela Portaria/GM nº 336 (2002) e outras. Visto que, a análise ocupa-se das posições através da produção discursiva da Flor, reconhecemos como sugere o (ECA), que as crianças são seres que reconstroem suas experiências no decorrer do desenvolvimento, entretanto foi um desafio sinalizar as posições morais da Flor perante a narrativa social citada.

Para isso, fez-se necessário a partir dos sentidos de si da própria criança sinalizarmos indicativos das posições da Flor que são reguladas pela narrativa que diz sobre a necessidade de cuidado aliado ao que é normal e patológico. Sugerimos conforme Moutinho (2010) que, essas narrativas são “progressivamente reconstruídas” (p.70), conforme as trocas simbólicas no decorrer das experiências.

Analisamos primeiramente a posição da Flor, em que ela contextualiza durante a psicoterapia, em que a personagem principal (Flor) pela troca simbólica com sua mãe na e pela (PE-1), nos diz sobre uma narrativa social na qual a mãe além de cuidadora, e responsável pela sua filha, também decide pela filha qual seria o melhor presente para a psicoterapeuta, quando Flor utiliza de seus recursos discursivos (sublinhados), posiciona-se como fragilizada perante a narrativa social, já que o presente foi escolhido pela sua mãe: “Flor: eu queria dar uma flor para a tia (+) mas no aniversário da tia minha mãe comprou um brinco e colar”.

Todavia consideramos a vontade da Flor pelo ato narrativo, no contexto de pesquisa após a psicoterapia, que contrapõe a decisão de sua mãe em presentear a psicoterapeuta com brinco e colar. Isso se faz importante ao considerarmos a política de atenção psicossocial da criança, em que “dar voz às crianças” contribui para o desenvolvimento integral de cada sujeito como aponta (Brasil, 2014a). Posto isso, concordamos que não há saúde, sem saúde mental como foi sugerido em:

Na dimensão da saúde enquanto produção de uma comunidade de sujeitos responsáveis pelo cuidado de si e do outro, a questão essencial é a garantia do direito à palavra. Não há responsabilização possível sem que seja garantida a escuta daquele a quem se quer responsabilizar. Ao falar sobre si e ao se identificarem com suas próprias histórias, a criança e o adolescente veem possibilidades de encontrar novos significados e novas formas de inserção na sociedade e na família (Brasil, 2014, p.23).

Esse momento após a psicoterapia, possibilitou o direito à palavra de Flor. Ao falar de si após a psicoterapia, como prática não comum em psicologia clínica, viabilizou a criança posicionar-se de uma forma diferente através das narrativas, isso ao compararmos à sua posição durante a psicoterapia. Interpretamos que Flor muda de posição ao atribuir a narrativa social o tipo de qualificador de fragilidade, reconstruindo sentidos de si no contexto de pesquisa ao utilizar do verbo querer como uma ação diferente da ocorrida no período da psicoterapia.

Entendemos que, ao perguntar como Flor se sentia após a psicoterapia ao longo das (PE's), além de possibilitar investigar as posições e mudanças ao longo do enredamento, bem como a construção de sentidos de si em um SPA, revela o estado da Flor quanto ao seu bem-estar e satisfação naquele instante, uma situação imediata. Inferindo as próprias significações defendidas em Atenção Psicossocial a Crianças e Adolescentes no SUS: Tecendo Redes para Garantir Direitos (2014a) como “possibilidades de encontrar novos significados e novas formas de inserção na sociedade e na família [...] Nessa linha, é preciso reconhecer voz e escuta de cada criança e adolescente” (p.23), uma vez que Flor ao afirmar que: “eu queria dar uma flor para a tia”; “essa flor só foi criada na minha mente”, pela (PE-1), reforça a importância da construção de sentido de si pela mutualidade entre cognição e cultura.

Na sequência analítica na e pela (PE-2) também contextualizada durante a psicoterapia, veremos que Flor sinaliza ao falar de si, organizando-se pela narrativa, lugar das posições morais ao longo do enredamento, agregando a “importância” do SPA para o seu bem estar ao utilizar de recursos explicativos para se posicionar (sublinhado): “foi legal porque nesse dia brinquei muito com a tia(+) foi MUITO LEGAL (+)brinquei de cinderela (+) MINHA BRINCADEIRA FAVORITA(+) porque ela tem um lindo vestido e um sapatinho de CRISTAL (+) esse dia foi legal pra mim”, após utilizar três vezes o qualificador “legal”, após a pergunta do pesquisador, Flor indica uma possível modificação de comportamento, e a faz sentir-se bem, pois a partir da queixa parental sobre comportamentos “não condizentes”, “não esperados”, “anormais”, após a psicoterapia Flor sinaliza a importância das ações da sua psicoterapeuta no seu bem estar.

Ao reconhecermos a voz perante a sua satisfação ao processo psicoterapêutico pela (PE-2), defendemos como é sugerido em Caminhos para uma Política de Saúde Mental Infanto-juvenil (2005), a singularidade do sujeito como lugar autêntico de fala como sugere a política de cuidado à saúde mental infanto/juvenil, que no decorrer do processo narrativo, mantém-se na e pela (PE-3), afiliando-se a narrativa social, em que estar no SPA beneficia a qualidade de vida, ao apontarmos um dos fragmentos da terceira pequena história: “ir embora daqui não foi legal (+) ficar aqui é muito legal”.

Vimos que ocorre a complacência da Flor à narrativa social de estar no SPA, como lugar de solucionar a situação problema: “conflito de autoridade”. Consideramos na análise que Flor, no contexto de pesquisa, fala sobre si em duas direções (sujeito-mundo) e (mundo-sujeito), pois além de ser posicionada por uma narrativa social dos pais, encontramos uma forma da Flor falar

de si após a psicoterapia através das narrativas, que trata dos seus aspectos externos e internos através da regulação cultural, perspectiva defendida pela perspectiva da Psicologia Discursiva.

Prosseguindo a análise das posições da Flor perante a narrativa social na e pela (PE-4) contextualizada após a psicoterapia, Flor não modifica sua posição perante a importância do SPA, para a sua mudança de comportamento ao dizer ao pesquisador: “tudo aqui veio para me alegrar”, que diz sobre o seu estado de alegria após a psicoterapia. Segundo Lopes de Oliveira (2006), os discursivos particulares, dizem sobre como as pessoas gostariam de ser compreendidas pelo seu interlocutor, Flor no encadeamento narrativo construído com o pesquisador, mais uma vez presenteia o outro personagem (sua melhor amiga) com uma flor. Interpretamos pelo ato narrativo que sua atividade: em dar uma flor a sua amiga, é uma prática socialmente reconhecida como “boa”, de respeito ao outro social, de um comportamento esperado dentro da “normalidade”, sinalizando um discurso normativo.

À vista disso, Flor na tentativa de ser compreendida pelo pesquisador, como alguém que não confronta as pessoas, oferece-lhes “flores”. Entendemos com base na Teoria do Posicionamento Agentivo que de certa forma a oralidade da criança é regulada por convenções sociais e discursivas, e interpretamos que a situação problema quanto aos “comportamentos inadequados” da Flor perante as pessoas, transformam-se em atos bons, que a fortalecem. Um lugar comum às narrativas sociais direcionadas ao que se é “esperado” em relação aos seus familiares, amigos e demais pessoas conforme padrões e normatizações comportamentais sobre o que é normal e patológico via DSM V e CID-10.

Quanto a isso, consideramos a singularidade da Flor e sua constituição através das trocas simbólicas, e não somente ao que é padronizado e normatizado como sintomas bons e ruins, uma vez que coadunamos com Delatorre, Santos & Dias (2011), que apontam a noção de normal e patológico como um sistema de valores, e *dificilmente seriam padronizadas*, devido à integração da singularidade e seus sistemas culturais. Por isso, ao analisar as posições morais da Flor, consideramos o tempo e espaço contextualizados da narração, pois a identidade em construção emerge pela construção de sentido de si no decorrer do desenvolvimento.

Encaminhamos a partir desse momento para a análise do posicionamento agentivo (eu-narrativa social) através da última pequena estória (**PE-5**), em que Flor constrói uma narrativa na qual os personagens são seus familiares, demonstrando uma mudança de comportamento em

relação à demanda inicial antes da psicoterapia, afiliando-se novamente à narrativa social, quanto aos aspectos comportamentais dentro da normalidade.

Ao narrar a (PE-5) em que presenteia sua mãe, pelo dia da mulher, bem como através da sua boa ação, através da narrativa: “estamos na vó (+) eu:: minha mãe e meu pai (+)estou dando uma flor para eles(+) gosto da minha família”, e ao solfejar uma música no decorrer da quinta (PE) Flor nos disse: “é de um filme (+)onde a Frozen se LIBERTA(+) nesse dia eu estava dando uma flor para minha mãe (+) e pro meu pai (+) o título é “Eu e minha família” ((solfejando a música do filme)) nesse dia estava feliz e dei uma flor para minha mãe pro meu pai”. Através desses fragmentos que seguem o processo narrativo da Flor, interpretamos que ao falar sobre si pelas narrativas pessoais a personagem principal continua a agregar-se à narrativa social voltada aos bons comportamentos, ao dizer que gosta de sua família, ofertando flores aos seus pais.

Esse ato simbólico, a fez bem em razão de lhe proporcionar conforto, satisfação e uma boa relação com seus pais, sendo complacente que ela deveria ser uma boa menina, não desafiando seus pais. Nos chama atenção quando Flor, ao cantar uma parte de uma música, o uso dos marcadores discursivos, verbos e qualificadores utilizados pela criança: “sempre BOA menina DEVE SER”. Dessa forma, ao ser questionada pelo pesquisador que música seria, Flor compartilha do que foi construído no filme, em que a personagem segundo ela (sublinhado), na alínea: “é de um filme (+)onde a Frozen se LIBERTA(+) nesse dia eu estava dando uma flor para minha mãe (+) e pro meu pai (+) o título é “Eu e minha família” ((solfejando a música do filme)) nesse dia estava feliz e dei uma flor para minha mãe pro meu pai”, faz-se importante o sentido de “se LIBERTA”, dito após a psicoterapia no contexto de pesquisa, no qual Flor ao mesmo tempo afilia-se à narrativa social: “sempre BOA menina DEVE SER”, na tentativa de ser reconhecida pelo pesquisador como “uma boa menina” que oferece flores em três das cinco (PE’s).

Quanto às flores oferecidas aos seus, como fenômeno (sublinhado): “estou dando uma flor para eles”, pelo uso do verbo e ação da personagem principal, também se repete no decorrer do enredamento: “nesse dia eu estava dando uma flor para minha mãe” e ao fim da (PE-5): “nesse dia estava feliz e dei uma flor para minha mãe pro meu pai”. Por considerar nesse presente estudo as próprias possibilidades das crianças, como sugere Dolto (1949), através das particularidades de cada criança como uma forma de compreender as suas significações, para além do cuidado parental, bem como uma flexibilidade entre os aspectos pessoais e sociais como

aponta Bergeret (1996), entendemos a constituição da Flor pela inter-relação pela cognição e cultura.

Antes de realizar a síntese desse estudo, inferimos que Flor ao fim do procedimento do D-E com tema, mantém a afiliação à narrativa social em que o SPA foi um lugar de transformações que a fez modificar seus comportamentos considerados antes da psicoterapia considerados “errôneos” pelos seus pais, como foi relatado pela tia no primeiro momento da pesquisa. Todavia, ao analisar as posições de si, perante os demais personagens, notamos que Flor supera em parte a situação problema quanto ao conflito de autoridade, pois de certa forma “pedi”, “reivindica”, “solicita”, “deseja” de seus pais uma irmã, na alínea 124: “eu queria ter uma irmã:: (+) um irmão não brinca de boneca, (+)queria uma irmã para brincar com ela(+)” direcionando-se ao futuro na e pela (PE-5), pois ficar só a faz ficar triste.

#### **4.1.4 Síntese analítica do estudo de caso 1 (Flor)**

Flor ao longo do procedimento do D-E com tema, que desenvolveu um encadeamento de narrativas através das (PE's), contextualizou-as em durante e após a psicoterapia. Os sentidos construídos de si em contexto de pesquisa diz sobre como Flor se sente hoje, após ter finalizado o seu processo psicoterapêutico. Antes disso, foi necessário considerar como Flor chegou ao SPA, que segundo a responsável (tia), a demanda da criança estava centralizada em comportamentos “errôneos” que a tia qualificou como “conflito de autoridade”, caracterizado pelo comportamento de Flor de desrespeitar os moradores da casa (mãe, pai, avó e tias). Quanto ao como se sente hoje, somente em um único momento na construção de dados, Flor atribui a si o tipo de qualificador de fragilidade, no dia em que a psicoterapia foi finalizada. No mais, na e pela (PE-1), a criança ao presentear a sua psicoterapeuta com uma flor demonstra sua gratidão, situação que a fez bem e foi importante para si também na e pela construção narrativa através da (PE-2). Esta envolveu posições morais perante a si de fortalecimento durante a psicoterapia, assim como, na (PE-1). Flor ressalta nesse episódio que só falaria sobre coisas boas, porém na pequena estória seguinte (PE-3), posiciona-se como fragilizada, por pouco tempo, pois justifica que logo depois se sentiu bem. A situação problema estava direcionada a ficar só, isso a faz infeliz, “TRISTÉRRIMA”, “muito triste”.

Esse estado de ficar só, como construção de sentido sobre si, se reforça pelas ações dos personagens na (PE-4). Aqui Flor diz estar feliz com sua melhor amiga após a psicoterapia, que ao posicionar-se, posicionar a sua amiga e sua afiliação à narrativa social. Entendemos que Flor sentia-se “bem” quando esteve no SPA com uma das quatro psicoterapeutas, como também após finalizar o processo psicoterapêutico, continuando a sua vida ao ir ao colégio, natação, ao brincar com a melhor amiga. Esse estado de bem-estar, categorizamos como de fortalecimento durante e após a psicoterapia, que através das construções narrativas foi possível investigar a emergência das posições através dos recursos discursivos da criança. Processo esse de transformação perante a demanda inicial parental que a caracterizou como “conflito de autoridade”.

Dessa forma, inferimos que Flor ao longo do procedimento do D-E com tema, “presenteia” os demais personagens com flores na e pela (PE-1) quando tira do fundo da terra uma flor, que foi criada em sua mente, para a psicoterapeuta, bem como na (PE-4) quando oferece flores a sua melhor amiga e recebe-as também e pela (PE-5) quando “liberta-se” ao oferecer flores a sua mãe e pai.

Ademais, notamos que Flor mantém as posições de uma forma generalizada ao fortalecimento de si, como alguém que precisa estar junto ao outro, seja na psicoterapia (lugar que foi importante para ela), com a melhor amiga, bem como com a sua família. Entretanto, na (PE-5), Flor nos disse que “queria uma irmã”. Aqui entendemos que Flor atribui a si um estado de mal-estar, pois não tem ninguém para brincar em casa, e ela como bem disse, gosta de compartilhar seus brinquedos, construindo sentidos de si, como alguém que também sofre e passa por mudanças através das trocas simbólicas, como preza a perspectiva adotada.

Na próxima página, veremos a síntese analítica do caso Flor, ao longo das 5 (PE's), tomando como base as posições através das categorias analíticas fragilidade e fortalecimento contextualizadas em antes, durante e depois da psicoterapia.

**Quadro 5.** Síntese analítica para as posições da Flor ao longo do D-E com tema, considerando os dois tipos de qualificadores: fragilidade e fortalecimento e a contextualização.

<b>Posições</b>	<b>Antes</b>	<b>Durante</b>	<b>Após</b>
<b>PE-1</b>	----	Fortalecimento	----
<b>PE-2</b>	----	Fortalecimento	----
<b>PE-3</b>	----	Fragilidade	Fortalecimento
<b>PE-4</b>	----	-----	Fortalecimento
<b>PE-5</b>	----	----	Fortalecimento e Fragilidade

#### 4.2 ESTUDO DE CASO 2: SUPER-HERÓI (SH)

Super-Herói é estudante, do gênero masculino, tem 11 anos completos, filho de pais separados, não tem irmãos e mora com a avó paterna desde que nasceu. Durante a realização da pesquisa, estava cursando o ensino fundamental, 6º ano, em uma escola pública, a qual passou a frequentar em 2016, após a psicoterapia iniciada em 2015. É natural e reside em uma cidade localizada no Sertão Central cearense. Sobre seu processo psicoterapêutico, chegou ao SPA depois de ser encaminhado pelo Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), mas antes disso, a responsável pela criança (avó), buscou ajuda profissional através do SUS (devido às dores de cabeça do seu neto). Após a realização de exames médicos solicitados por um neurologista, Super-Herói (SH) foi encaminhado para o CAPS. Vale ressaltar também que desde o atendimento pelo neurologista, passando pelo psiquiatra, a criança não foi medicada e nem diagnosticada.

O psiquiatra do CAPS encaminhou-o para o SPA, porque a região ainda não possui o dispositivo CAPSi. SH foi encaminhado ao SPA devido às queixas quanto ao “problema de memória” e “notas baixas”, iniciando a psicoterapia no início de 2015 e finalizando em julho do

mesmo ano. Quanto à finalização do processo psicoterapêutico, Super-Herói, no decorrer do Questionário, disse ao pesquisador que não sabia por que tinha saído do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), e que precisa usar óculos devido a sua dificuldade de enxergar.

Veremos, ao longo desta análise, que Super-Herói (SH) quando convidado a falar sobre como se sente hoje após ter finalizado seu processo psicoterapêutico, narra a si mesmo como uma criança que busca enfrentar suas dificuldades ora fortalecendo-se, ora fragilizando-se. Estas categorias foram particularmente importantes para que o nomeássemos com o codinome de Super-Herói (SH), pois veremos pela análise que SH buscava superar situações problema que lhe causavam sofrimento psicológico (mal estar), bem como outras situações que lhe fizeram bem através das situações corriqueiras ocorridas na escola, no futebol com os amigos, em casa. A construção narrativa chama atenção pelos enfrentamentos e super(ação) do SH através de sua “força” ao desafiar suas demandas iniciais, bem como aponta suas “fragilidades” ao longo do enredamento. Ajudou-nos também a escolher o codinome Super-Herói, o uso pelo participante de “camisetas de heróis” nos dois momentos da pesquisa.

A narrativa pessoal do SH, construída com o pesquisador no segundo momento, foi subdividida em cinco pequenas histórias. Pela “análise de posicionamento”, analisamos as posições da criança narradora: (1) perante a si mesmo; (2) em relação a outros personagens da estória narrada e (3) em relação a uma narrativa social dominante, especificamente, nesse caso, sobre o que é normal e patológico. Para tal, tomamos como referência a noção de posição pelas categorias construídas pelo pesquisador (fortalecimento e/ou fragilidade), permitindo falar da construção de sentidos de si na e pelas narrativas para a criança que já passou por um processo psicoterapêutico, com a abordagem de suas contextualizações em antes, durante e depois da psicoterapia. Partiremos, então, para a análise de posicionamento (SH-SH), em que veremos as posições do Super-Herói perante a ele mesmo no decorrer do processo narrativo nas e pelas 5 (PE's).

#### **4.2.1 Posições do SH perante a si mesmo (SH-SH)**

Nesta análise, após apreender o personagem principal (SH), analisamos as posições agentivas em relação a si mesmo, com foco nos qualificadores e contexto ao longo do processo narrativo pelas 5 (PE's). Super-Herói inicia a primeira pequena estória (PE-1) atribuindo a si

estados antes e durante a psicoterapia através da (PE-1) que diz respeito ao seu primeiro dia no SPA. Super-Herói utiliza do recurso explicativo “porque”, do pronome pessoal “eu” e do verbo no passado “tinha” como marcadores discursivos para clarificar ao pesquisador sobre o porquê estava no SPA na (PE-1): “porque eu tinha problema de memória”, este dado foi construído no primeiro momento da pesquisa, quando SH, ao responder o Questionário junto à sua avó, nos relatou que uma das queixas iniciais antes da psicoterapia eram as “notas baixas”.

Ao ouvir e analisar a transcrição em um momento posterior, entendemos que ao chegar ao SPA, a criança se sente fragilizada devido o problema de memória que prejudicava seu mau desempenho escolar antes mesmo da psicoterapia. Sobre essa construção narrativa e análise processual do posicionamento agentivo, concordamos com Bamberg (2012) sobre a importância de *trabalhar nas narrativas* ao longo do enredamento da (PE-1), quando o pesquisador faz questionamentos sobre os episódios narrados pelo SH. Assim, a narrativa é como uma construção interacional, prevalecendo a ideia de que a audiência constrói conjuntamente sentidos com quem narra, como veremos ao longo da análise.

Quanto a esse ponto, consideraremos a partir da perspectiva da Psicologia Discursiva, os personagens em processo de transformação, desconsiderando-se o resgate fiel do passado, mas valorizando-se a construção de sentido de uma identidade em construção, que passa por mudanças de posições ao narrar suas experiências para uma audiência (Brockmeier&Harré, 2003; De Conti, 2004; Moutinho, 2010; Moutinho & De Conti, 2016).

Desse modo, quando SH fala de si mesmo na e pela narrativa diz como quer “ser conhecido” pelo pesquisador, construindo sentidos de si através dessa troca simbólica performática. Com tal característica ao longo das demais narrativas, veremos o surgimento das qualidades morais, em que primeiramente SH assume na e pela (PE-1), atribuindo a si um problema de memória que prejudica seu desempenho escolar, promovendo mal estar, sofrimento psicológico (antes da psicoterapia), assim ao longo dos encadeamentos narrativos, veremos as mudanças de posições e transformações do personagem principal SH.

Ao analisarmos a oralidade do participante durante a narrativa e de atribuição de título para a própria história, percebe-se que SH atribui a si mesmo um estado de bem estar, que o fortalece ao iniciar o processo psicoterapêutico. Ao nomear o título da (PE-1): “Meu dia preferido na Católica com o psicólogo”, SH ao adjetivar o seu primeiro dia como preferido, o mesmo constrói sentidos de si, como possibilidade de super(ação) o seu problema de memória no

locus da psicoterapia. Entendemos, então, que SH posiciona-se fragilizado antes da psicoterapia e fortalecido ao fim do primeiro dia de atendimento psicológico, no contexto da clínica. Ao (re)contar seu primeiro atendimento através do ato narrativo no contexto de pesquisa, SH posiciona-se como fortalecido.

Na sequência analítica, veremos as posições (SH-SH) perante a si mesmo em outra situação problema através da (**PE-2**), que está interconectada com a (**PE-1**). O participante relata que, no decorrer do enredamento, Super-herói realizou “atividades” durante a psicoterapia, como o mesmo narra: “era muito boa, uma atividade muito boa (+) de memória e tinha vários probleminhas (+) para aprender a escrever mais as coisas(+) porque antigamente eu era tipo(+) tinha muita dificuldade para escrever (+++) tinha umas atividades para escrever meu nome, umas para marcar e responder umas perguntas e algumas de memória, por isso que eu gostava muito das atividades daqui (+) essas atividades foram muito importantes pra mim”.

Após expor um fragmento da construção narrativa, analisamos pela oralidade sobre o dia que realizou atividades, utilizando dos recursos explicativos do SH falando de si: “porque antigamente eu era tipo(+) tinha muita dificuldade para escrever(+++)”, ao utilizar do pronome pessoal “eu” e do verbo no passado para dizer que “tinha muita dificuldade de escrever”, entendemos que ao iniciar um processo de fortalecimento durante a psicoterapia desde a (PE-1), SH sequencia pela (PE-2) sua dificuldade de escrever desde antes da psicoterapia, buscando fortalecer-se ao desafiar as atividades a respeito do problema de memória.

Seguindo os interesses da psicologia discursiva através de Harré & Gillet (1999), Brockmeier & Harré (2003), que defendem a identificação dos “recursos linguísticos/discursivos” através do uso ou omissão de pronomes pessoais; verbos e marcadores linguísticos temporais sublinhados: “eu era tipo (+) tinha muita dificuldade para escrever”, ajuda-nos a contextualizar, através dos elementos narrativos, como foi utilizado pelo SH o pronome pessoal “eu”, os verbos no passado “era” e “tinha”, que antes da psicoterapia, SH sentia-se fragilizado.

Vimos que as situações problema das pequenas histórias, (PE-1) e (PE-2), estão interligadas ao problema de memória e à dificuldade de escrever que prejudicava SH, fragilizando-o antes da psicoterapia, pois quando reconta o episódio, referindo-se ao passado - “porque antigamente eu era tipo” - deixa claro que durante a psicoterapia as atividades eram um desafio que lhe faziam bem, como veremos no decorrer da análise. Essa dinâmica do fenômeno

de identidade se constitui pelo passado, presente em uma direção ao futuro, como defendem Bamberg (2012) e Oliveira (2006), pois ao narrar sobre seu primeiro dia em psicoterapia, circunscreve os personagens no tempo e espaço contextualizados em antes e depois da psicoterapia.

Ao usar de seus recursos explicativos contextualizando como se sentia durante a psicoterapia, SH nos disse: “eu gostava muito das atividades daqui”, “foram importantes pra mim”, justificando estar bem durante a psicoterapia, no qual inferimos que SH posiciona-se moralmente como fortalecido ao desafiar as atividades durante a psicoterapia que o fizeram bem. O uso dos qualificadores, como sugerem Bamberg (1997, 2008a, 2008b, 2008c, 2012) e colegas (Bamberg&Georgakopoulou, 2008; Korobov&Bamberg, 2006), Moutinho (2010) e colegas (Moutinho, Meira & De Conti, 2013; Moutinho & De Conti 2016), contribuem para a presente investigação sobre a construção de sentido de si de crianças através das posições agentivas pela oralidade.

Ao construir sentidos de si no contexto de pesquisa, posicionando-se moralmente, diz sobre seu fortalecimento no decorrer da psicoterapia até esse momento na (PE-2), pois pelo ato narrativo do SH afirma que o desafio foi importante para ele, sentindo-se bem, fortalecendo-se ao agir, enfrentando suas dificuldades em um contexto que favorece seu fortalecimento através dos atendimentos psicológicos. Essa identidade não está enclausurada pelo seu passado, mas em uma constituição constante através das trocas simbólicas, no presente, direcionando-se ao futuro, defendida pela perspectiva que integra o ser que posiciona a si mesmo e é posicionado pelas trocas simbólicas, de acordo com a perspectiva de Bamberg e colegas (Bamberg&Georgakopoulou, 2008; Korobov&Bamberg, 2006).

A seguir veremos pela construção narrativa com o pesquisador, como sugere Riesman (2005), a possibilidade de investigar as construções de sentidos de si em uma situação de pesquisa, na qual, como sugere Moutinho (2010), a narrativa é construída sócio culturalmente e através da particularidade da pessoa, tornando-se excelente “para se tentar interpretar como aquele que narra constrói sentidos sobre sua própria vida” (p.58).

Ao responder sobre como se sentia ao pesquisador após narrar a (PE-2), SH nos disse: “sentia, no começo “me sentia, assim (+) NOSSA como é chato EU VOU É SAIR não sei o que (+)mas aí comecei a GOSTAR”. Utiliza-se do pronome pessoal “eu” para dizer sobre sua ação que não se concretizou, ou seja, “sair do SPA” e, logo afirma, através do uso da conjunção

adversativa “mas”, para mudar de posição perante a si mesmo, “mas aí comecei a GOSTAR”, entonando o verbo gostar, atribuindo a si um bem estar, uma posição moral que categorizamos de fortalecimento.

Não satisfeito, o pesquisador direciona uma pergunta que diz respeito ao tema proposto: “Júnior: como é que você está aqui no desenho?. Super-Herói responde: “tava mais ou menos(+)fiquei meio assim (+) um MONTE de TAREFA (+) mas depois que comecei a aprender comecei a GOSTAR”, reforçando a mudança de posição perante a si mesmo, posto que: a princípio estava “mais ou menos” e depois começou a “GOSTAR”, atribuindo a si uma mudança, um fortalecimento ao construir sentidos de si pela narrativa pessoal, em um SPA. Busca, assim, fortalecer-se e superar o problema de memória, notas baixas, dores de cabeça como demandas iniciais do processo psicoterapêutico<sup>14</sup>, durante esse processo.

Na continuidade, contemplaremos as posições (SH-SH) perante a si mesmo em outra situação problema através da (**PE-3**), em que ele sofre uma ação do Bullying contextualizada durante a psicoterapia: “nesse dia eu contava sobre o BULLYNG QUE EU SOFRIA” e utiliza do recurso explicativo “porque” para clarificar ao pesquisador com foi para si a ação do Bullying: “porque:: eu vinha de noite pra cá(+) aí eu dizia aos meus amigos que não poderia jogar bola de noite(+) eu dizia a eles que ia amanhã(+) porque::hoje vou ter que ir ao psicólogo (+) aí eles diziam ((imitando os amigos)) AHHHH SEU DOIDU::vai para o psicólogo(+) você é psicopata”. Super-Herói ao imitar os amigos usa do pronome pessoal “você” para adjetivar-se: “você é psicopata”. Van Langenhove&Harré (1999) apontam que “Um falante pode posicionar a si mesmo ou ser posicionado como, por exemplo, poderoso ou sem poder” (p.17), SH posiciona-se a partir do modo como ouve seus amigos, posicionando-se como “doidu”; “psicopata”, através das trocas simbólicas, ou seja, uma posição reflexiva do Super-Herói depende de como ele ouviu seus amigos.

Pela narrativa pessoal, SH atribuindo a si mesmo um estado de mal estar, que o fez sofrer psicologicamente, utilizando de verbos, pronomes pessoais: “aí eu ficava chorando de noite sem contar para minha mãe (+) ficava sofrendo muito por causa deles”; “antigamente chorava muito na escola”. Inclusive ao recontar o episódio da ação do bullying, SH quase chora, explicitando seu estado de sofrimento no contexto de pesquisa.

---

<sup>14</sup> No primeiro momento, SH ao responder o Questionário com a sua avó, nos relata as queixas iniciais.

Na tentativa de comunicar ao seu interlocutor como se sentia naquele momento, ao construir sentidos de si em um contexto de pesquisa, SH posiciona-se agentivamente como fragilizado: 1) durante a psicoterapia ao usar os verbos no passado e suas reações perante o Bullying; 2) após a psicoterapia, quando narra sobre o episódio e quase chora através da narrativa pessoal.

Após falar sobre o seu sofrimento, SH respondeu o questionamento do pesquisador, no qual se trata da temática envolvida (sublinhada): “Júnior: a estória foi sobre o “bullying” (++) e hoje, como o super-herói encara após ter deixado o serviço?”. Super-herói ao responder atribui a si o adjetivo de “chateado” que categorizamos como fragilidade, promovendo tristeza, um desamino, todavia ao construir sentidos de identidade no contexto de pesquisa, concebemos que SH aponta uma possibilidade de fortalecimento no futuro, uma tentativa de superar esse sofrimento que ainda o deixa triste: “o que eu tenho que fazer é se estimular”; “então::fico chateado”. Para finalizar as posições perante a si mesmo na e pela (PE-3), inferimos que ao explicar como deveria agir, utiliza do pronome pessoal “eu” e pela locução verbal “tenho que fazer”, imaginando-se no presente, passado e futuro, como sugerem Moutinho & De Conti (2016), circunscrevendo os personagens em tempo e espaço contextualizados.

No decorrer da penúltima pequena estória (PE-4), SH narra um episódio vivenciado por ele, contextualizado após a finalização do processo psicoterapêutico. Ao finalizá-lo, SH mudou de escola e é sobre este local que ele narra na penúltima pequena estória (PE-4), que foi circundada pela situação problema que o acompanha desde antes da psicoterapia: a dificuldade de enxergar, que o prejudica no seu desempenho escolar. Dessa forma, SH nos disse como se sente após ter finalizado o processo psicoterapêutico através das posições agentivas em um contexto de pesquisa.

Através da apreensão dos elementos narrativos, SH fala sobre si mesmo utilizando do pronome pessoal “eu”, das ações pelo verbo “ter” no presente, no decorrer do processo narrativo da (PE-4): “eu tenho problema de vista e sentava atrás (+) aí era difícil de estudar, enxergar”, atribuindo a si mesmo a dificuldade de enxergar que não o faz sentir-se bem. Continua narrando que nesse dia específico na escola, sua professora brigou com ele devido a essa dificuldade de ler, e após esse acontecimento, a professora o fez sentar-se na frente. No decorrer do enredamento, justifica ao pesquisador e atribui a si mesmo a dificuldade de enxergar mesmo sentando à frente: “e mermu na frente(+) enxergo bem (+) mais:: é pouco”. Ao analisar suas

posições (SH-SH), inferimos que ainda sofre com a dificuldade de enxergar, mesmo sentando na frente.

Após narrativa sobre o episódio na sala de aula, o pesquisador ficou em dúvida quanto ao contexto da narrativa, pois não ficou claro se a estória narrada foi antes, durante ou depois da psicoterapia. Dessa forma, o pesquisador questiona sobre o contexto da estória narrada: “Júnior: isso que você contou (+) você já estava aqui? ((referindo-se ao local do SPA))”, prontamente Super-Herói responde: “já tinha saído daqui (+) esse ano(+) quando saí daqui eu estava bem (+)”. Ao explicar em qual contexto aconteceu (sublinhado), SH ainda nos disse sobre seu estado logo após ter finalizado o processo psicoterapêutico, adjetivando-se como “bem”. É importante compreender a análise narrativa a partir não somente do conteúdo, mas de como foi narrado, dito e para quem, em tempo e espaço definidos, seguindo os parâmetros de análise do posicionamento nos estudos de Moutinho (2010), Moutinho, Meira & De Conti (2013), Moutinho & De Conti (2016). Assim, quando SH nos disse que ele já tinha finalizado a psicoterapia e estava bem, interpretamos a posição moral do SH perante a si mesmo como fortalecido logo após a sua saída do SPA.

A “performance narrativa” entre pesquisador e participante pela narrativa pessoal do SH e as questões através da entrevista episódica, possibilitou investigar o processo narrativo continuado, no qual SH muda de posição pela produção discursiva. Fazendo-se necessário considerar que as pessoas falam de si em presente, passado e futuro, como sugerem Moutinho & De Conti (2016): “As narrativas, nesse caso, baseiam-se nos fatos biográficos, mas vão além destes, porque, sobre as suas experiências de vida, as pessoas imaginam presente, passado e futuro e, assim, constroem histórias com sentido para si mesmas e para sua audiência” (p.2).

Dessa forma, concebemos que ao utilizar dos recursos explicativos, SH atribui a si mesmo um estado de fragilidade (sublinhado): “aí depois minha vista começou a coisar”. Entendemos que “minha vista”, refere-se a si mesmo. E mais, a “minha vista começou a coisar”, diz sobre a sua “dificuldade de enxergar” que permanecia e isso lhe causa incômodo, desconforto, constrangimento. Situação essa importante para a análise, pois consideramos o contexto histórico-cultural da criança para analisar a palavra “coisar” não isolada das demais orações e enredamento, já que essa queixa existe desde antes da psicoterapia.

Quanto ao sentido da palavra “coisar”, Vigotski (1930/2010, 1934/2008; 2001/2009) sugere a palavra como unidade analítica junto à oração, título da obra dentro de um contexto

sócio/histórico/cultural. Na região do Sertão Central, “coisar” tem vários significados. Na situação transcrita, entendemos que a ação da “minha vista começou a coisar” propõe uma posição moral de fragilidade perante a si mesmo.

De acordo com a perspectiva adotada, o como foi dito, por quem, onde, para quem, por Brockmeier & Harré (2003), interessa a esse estudo, pois ao dizer “minha vista começou a coisar” ao pesquisador, que é psicólogo, aponta que durante a psicoterapia sua visão melhorou, posicionando-se como fortalecido. Após isso, SH acredita que a sua saída do SPA tem relação com o: “piorar” “agravar” “desmantelar” de sua visão. Inferimos também que ao se posicionar, SH constrói sentidos de si, atribuindo a si um sofrimento psíquico, pela dificuldade de enxergar, que o (des)qualifica, fragilizando-o até esse momento da (PE-4).

Pelo prosseguimento da análise, o pesquisador direciona uma nova pergunta considerando a temática envolvida: “Júnior: e como você está se sentindo aqui? (+) de não vir mais pra cá”, Super- Herói responde: “Super-herói: esse ano? ((confirmei que sim)) É:: eu tava me sentindo assim (++)mais ou menos(+) porque preciso sentar na frente”, ao adjetivar-se com o qualificador “mais ou menos”, tencionamos a partir de sua oralidade que existe uma “insatisfação” quanto a finalização do processo psicoterapêutico, que é justificado também pela explicação no decorrer da sua resposta: “continuo com problema de vista (+) não sei porque saí daqui...” SH, ao usar do verbo no presente “continuo”, diz que o problema de vista permanece e mais ao fim da narrativa não compreende o porquê ter deixado o SPA (sublinhado), acreditando que o serviço de psicologia poderia resolver essa situação.

Em vista disso, SH nos ajuda a entender a respeito do estar “mais ou menos”, uma atribuição moral que o posiciona como “fragilizado” em um contexto após a psicoterapia, lembrando que ao sair do SPA “estava bem”, depois “piorou” e hoje está insatisfeito.

Suas posições agentivas contínuas e processuais mudam desde a (PE-1), passando pela resolução das atividades na e pela (PE-2), que o fortaleceu durante a psicoterapia. Na (PE-3), sofre perante a ação do bullying, fragilizando-o. Já na (PE-4), com a mudança de escola e ter sentado à frente, o problema de visão permanece, dizendo ao pesquisador que é psicólogo: “não sei por que saí daqui”. Todas as posições acima dizem sobre como SH constrói sentidos de si após a finalização da psicoterapia no contexto de pesquisa, perpassando por satisfações ao desafiar o “problema de memória”, porém, por não entender o porquê da sua saída do SPA, nos diz sobre alguma insatisfação que não foi contemplada através da entrevista com o pesquisador.

Na sequência analítica, consideraremos as últimas posições (SH-SH) perante a si mesmo através da (PE-5), que diz sobre transformações, super(ações), através dos sentidos de si, constituída processualmente através das trocas simbólicas.

Dessarte, SH nos disse como se sente após ter finalizado o processo psicoterapêutico, atribuindo a si mesmo um estado de felicidade, fortalecimento, quando nos disse que conseguiu a nota máxima na matéria que ele tinha mais dificuldade, utilizando dos pronomes “você”; “eu” para referir a si mesmo, bem como o uso de verbos: “fazia”; “estudar”; para explicar como foram as ações intencionais ao longo do enredamento: “você fazia o grupo para estudar(+) na casa dos zamigos(+) só que eu morava longe só eles moravam perto do outro(+) só eu longe (+) aí foi (+) aí eu estudei sozinho(+) aí quando foi o dia (+) eles se deram tudinho mal e eu me dei bem (+), atribuindo a si um estado de felicidade (sublinhado) após a psicoterapia, bem como ao afirmar na sequência: “o dia que tirei um dez em matemática (+) minha matéria que assim: achava difícil (+) que não me dou bem (+)tirei um dez (+)FIQUEI FELIZ”, esse estado de alegria, prazer e super(ação) ao se posicionar pela linguagem, SH constrói sentidos de si em transformação, que pôde superar suas demandas quanto: as notas baixas, problema de memória, dificuldade de estudar, dor de cabeça, que o fragilizava no início da psicoterapia, narrado ao longo das (PE’s). Ocorrendo de certa forma uma satisfação, quando o mesmo afirma: “eu estudei SOZINHO” na última (PE).

Trabalhamos nas e pelas narrativas como foi sugerido por Bamberg (2012), com rigor à cursividade da construção narrativa e analítica. Por conseguinte, ao apreender pela fluente narrativa o uso dos pronomes pessoais: “você”, “eu”, “me”, bem como pelas ações verbais do personagem principal (SH) pelos exemplos a seguir: “estudei sozinho”; “eu me dediquei”; “eu me dei bem”, “o dia que tirei um dez”; “tirei um dez”; “FIQUEI FELIZ”; “só eu tirei dez”, analisamos que SH posiciona-se perante a si mesmo como “fortalecido” pela cursividade da (PE-5). Já que “o dia nota dez” representa o seu estado de felicidade, superação das notas baixas e bem estar.

Outro ponto que nos chama atenção quanto ao fortalecimento, foi quando o SH nos conta: “(+) minha vista ficou assim (+) melhor”. Entendemos igualmente como na (PE-4), que a “minha vista” refere-se ao personagem principal. Esse falar de si mesmo pelo ato narrativo processual diz sobre uma identidade em reconstrução, pois a narrativa aqui é defendida como uma forma discursiva privilegiada de construção de sentidos de si, como apontou Bamberg (2004), pois

narramos diariamente situações corriqueiras, e o imediatismo da situação por si é uma narrativa, conforme o autor citado. No imediatismo da narrativa pela (PE-5), quando SH fala dos amigos que se deram mal na prova, o pesquisador ao ouvir a quinta pequena estória ficou confuso a respeito de quais amigos SH falava, para melhor compreender as posições do SH ao longo de todas as (PE's).

Ao questionar sobre quem seriam os amigos, SH nos conta: “e esses amigos são os mesmos que jogam bola?”, a questão favoreceu uma nova construção narrativa performática viabilizando novas posições da criança na alínea seguinte: “Super-herói: não não(+) os que jogam bola são do sétimo ano:: ((um ano a mais que ele)) (+)mas eles pararam com bullying lá(+) pararam mais:”. Não satisfeito com a resposta, o pesquisador colaborativamente incentiva o SH a continuar a narrativa: “eles te chamavam de doido (+) psicopata”, SH interrompe o pesquisador utilizando do pronome pessoal “eu” e do qualificador “melhor” para adjetivar a si mesmo em um tempo cronológico “hoje”, após a psicoterapia, no contexto de pesquisa: “Super-herói: antigamente chamavam(+) só que hoje (+) quando eu jogo né?(+)na minha sala eu sou o melhor(+) eu sou o melhor”. Ao atribuir a si mesmo o adjetivo “melhor”, entendemos que o SH posiciona-se atualmente como fortalecido, que é acentuada na sequência da narrativa: “NÃO SOU PSICOPATA”, mudando de posição perante a si mesmo.

Após desligar o gravador, um fenômeno chamou atenção do pesquisador. Super-Herói pede para voltar para o SPA. Esta oralidade foi anotada no Diário de Campo e analisamos pela escrita, que após a psicoterapia, SH posiciona-se como fragilizado. No entanto, nos interessa esse ato do SH, pois comumente as demandas chegam a partir dos pais e não dos filhos, em vista disso compreendemos o porquê do seu não entendimento sobre a sua saída do SPA em quatro momentos (sublinhados): 1) durante o Questionário; 2) na e pelas (PE-3) e (PE-4), bem como ao fim da construção de dados após a (PE-5). Após esse pedido, foi clarificado para o Super-Herói (com o gravador desligado) que a sua dificuldade de enxergar não seria solucionada através do serviço de psicologia, contudo repassaria essa demanda para a coordenação do SPA.

Vale ressaltar também que mesmo pedindo para voltar ao SPA, houve durante o processo narrativo o que categorizamos de fortalecimento, durante e após o processo psicoterapêutico: 1) superação das dificuldades de memória através das atividades propostas pelo estagiário em psicologia direcionadas a esse fenômeno psicológico; bem como 2) superação da nota em matemática, como queixa inicial ao chegar ao SPA. Para finalizar, ao investigar as posições

sobre si mesmo, como fenômeno de uma identidade constituída entre a mutualidade de cultura e cognição na e pelas narrativas apoiada na teoria do posicionamento agentivo de Michael Bamberg (2004, 2005, 2012), em que as posições através da produção discursiva devem ser analiticamente compreendidas a partir de outras duas dimensões: posições perante os demais personagens (SH-outro) e posições perante a um discurso social dominante (SH-narrativa social), como veremos na sucessão analítica por meio da seção seguinte.

#### **4.2.2 Posições do Super-Herói em relação aos demais personagens (SH- outro)**

Após elucidar as posições de SH em relação a ele mesmo, na qual o personagem principal é o foco da análise do posicionamento agentivo (eu-eu), explicitaremos nessa presente seção, as posições atribuídas por SH aos demais personagens nas e pelas narrativas (eu-outro).

No primeiro momento da pesquisa, ao discorrer sobre o contexto anterior ao início do processo psicoterapêutico, SH relata junto a sua avó que foi atendido por profissionais da área da saúde, e que precisaria usar óculos por ter “problema de vista”. Dessa maneira, SH foi encaminhado para o SPA e iniciou o processo psicoterapêutico a partir de queixas iniciais relatadas pela avó. Segundo a avó, SH ouvia vozes, tinha fortes dores de cabeça (enxaqueca), inclusive a mesma suspeitava que seu neto era esquizofrênico<sup>15</sup>. Entretanto, considerando a produção discursiva da criança naquele primeiro momento, SH confirmou somente as dores de cabeça, que, segundo ele, era devido à necessidade de usar óculos, bem como afirmando que tinha problema de memória.

A análise do posicionamento agentivo das posições do SH perante os demais personagens, como veremos abaixo, segue o mesmo processo analítico das posições (SH-SH): através das cinco pequenas histórias (PE's) e foco na apreensão personagens, suas ações, qualificadores contextualizados em tempo e espaço.

Ao narrar a primeira pequena história (PE-1), SH nos conta como decidiu ir para a psicoterapia com ajuda de sua tia. No decorrer da narrativa também nos disse como foi o seu primeiro “dia preferido” com o psicólogo na psicoterapia. Vejamos como SH posiciona-se perante a sua tia e o estagiário em psicologia clínica.

---

<sup>15</sup> Sublinhado: Notas do Diário de campo

No início da (PE-1), surgem dois personagens diferentes: 1) a sua tia, que o ajuda a conseguir uma vaga no SPA; 2) o estagiário em psicologia clínica. SH, pela narrativa pessoal, utiliza de elementos narrativos para diferenciá-los, bem como de suas ações através da oralidade, atribuindo a eles, posições morais.

Analisamos, primeiramente, pela produção discursiva, a ação da sua tia na alínea 13: “((imitando a tia disse)) - super-herói (+) arrumei uma vaga(+) porque você não vai?(+)”, ao imitar a ação de sua tia, antes da psicoterapia, propomos que SH atribui para sua tia um qualificador de fortalecimento. A criança utiliza do pronome pessoal “você” para tratar de si mesmo, e da locução verbal “arrumar uma vaga” para dizer como foi a atividade da sua tia, “beneficiando” seu sobrinho, e isso lhe fez bem, como veremos no decorrer das demais (PE’s).

Moutinho (2010) e Moutinho & De Conti (2016) sugerem que os qualificadores podem surgir ao longo do enredamento, bem como através da ação do personagem. O ato narrativo do SH demonstra a característica de fortalecimento pela oralidade: “quem me trouxe aqui foi minha tia”, na sequência da narrativa, SH utiliza da conjunção adversativa (sublinhada) para dizer ao seu interlocutor que a decisão foi sua: “aí eu não queria ir não (+) mas depois eu disse, mas acho que VOU (+) aí vim”. Dessa forma a ação isolada da tia não foi suficiente para que SH fosse ao SPA, porém essa troca simbólica foi importante para primeiramente negar e posteriormente decidir ir ao SPA, utilizando e entonando o verbo “VOU” e “vim”.

Entendemos então que antes da psicoterapia, SH sentia-se fragilizado devido ao problema de visão, memória e notas baixas. É significativo para o processo analítico relatar que a posição agentiva do SH perante a ação da tia foi de fortalecimento, pois o direciona para um possível enfrentamento das queixas iniciais, buscando o seu bem estar através da ajuda profissional.

Super-Herói após decidir ir ao SPA, sequência a produção discursiva e nos diz que conheceu o psicólogo. A criança narra sobre o “primeiro dia” durante o processo psicoterapêutico, atribuindo ao seu psicoterapeuta o qualificador de fortalecimento, devido às trocas simbólicas: “aí ele fez várias atividades comigo de memória (+) aí assim jogamos detetive era o jogo preferido da gente”. Entendemos que a ação do estagiário em psicologia (sublinhada), através do “jogo preferido”, fez com que SH qualificasse essa ação do psicólogo como de fortalecimento, gerando satisfação, prazer, de acordo com a narrativa pessoal do SH.

Através do título da (PE-1), produzido pela criança, na alínea 17, nos disse: “Meu dia preferido na Católica com o psicólogo”. Essa posição de fortalecimento motivando-o para realizar as atividades relacionadas à memória na sequência narrativa pela (PE- 2).

Ao construir a segunda pequena estória (PE-2), referente ao “dia da atividade”, nomeada assim pelo SH, o mesmo atribui à atividade o qualificador de fortalecimento (sublinhado): “Super-herói: era muito boa, uma atividade muito boa” e nos explica porque foi importante para enfrentar a sua dificuldade de escrever e de memória: “tinha vários probleminhas (+) para aprender a escrever mais as coisas(+) porque antigamente eu era tipo”; “por isso que eu gostava muito das atividades daqui (+) essas atividades foram muito importantes pra mim”. Nesse momento analítico, consideramos a atividade do estagiário em psicologia como personagem da (PE-2), pois como bem sugere Moutinho (2010): “Como personagens admitimos os seres humanos ou não humanos que desenvolvam ações na narrativa e/ou a eles seja atribuído um estado, um modo de ser” (p.91-92). Os personagens providos como seres, no caso particular deste estudo através da nomeação da ação, qualidades e estados, situam a atividade como personagens em sua narrativa pessoal, atribuindo-lhe a ação de contribuir com a sua vida, possibilitando desafiar suas demandas iniciais, beneficiando o personagem principal, ao se sentir contente e à vontade durante o contexto de pesquisa, reconstruindo sentidos de si a respeito do episódio ocorrido durante a psicoterapia.

Após contar como foi o dia da atividade, o pesquisador pergunta como SH se sentia, o Super-Herói nos conta: “sentia, no começo me sentia, assim (+) NOSSA como é chato EU VOU É SAIR não sei o que (+)mas aí comecei a GOSTAR”, usando dos pronomes pessoais “me”; “eu”, verbos “VOU”; “GOSTAR” e da conjunção adversativa “mas” para explicar como sentia-se ao ser desafiado através das atividades no começo. SH adjetiva a situação “NOSSA como é chato”, fragilizando as atividades. Logo após, muda de posição ao utilizar da conjunção adversativa “mas” para dizer que começou a “GOSTAR”, concedendo a categoria de fortalecimento através das atividades propostas pelo estagiário em psicologia no SPA, relatando através das trocas simbólicas a construção de sentidos de si no decorrer do contexto de pesquisa.

Na sequência, analisamos a terceira pequena estória que tem como situação problema a ação do Bullying perante o personagem principal, causando-lhe sofrimento psicológico: “SH: nesse dia eu contava sobre o BULLYING QUE EU SOFRIA (+)vou falar sobre o bullying”, pela cursividade da mesma alínea, a criança utiliza de recursos explicativos, pronome pessoais “eu”,

“eles”, e adjetivos “DOIDU”; “PSICOPATA”, para dizer do seu estado de sofrimento pela ação de “chorar” ao ouvir esses adjetivos por parte de seus amigos, contextualizando a (PE-3) ao mesmo tempo em: (passado) durante a psicoterapia, e (presente) pois foi dito no contexto de pesquisa, como veremos no trecho da entrevista a seguir

porque:: eu vinha de noite pra cá(+) aí eu dizia aos meus amigos que não poderia jogar bola de noite(+) eu dizia a eles que ia amanhã(+) porque::hoje vou ter que ir ao psicólogo (+) aí eles diziam ((imitando os amigos)) AHHHH SEU DOIDU::vai para o psicólogo(+) você é psicopata, não sei o que::, ficavam falando BESTEIRA (+) aí eu ficava chorando de noite sem contar para minha mãe(+) ficava sofrendo muito por causa deles (+) hoje eu conto para minha mãe que eu ficava sofrendo (( a mãe que ele se refere é a avó, que o criou desde seu nascimento)) (++) antigamente chorava muito na escola(+++) porque eles ficavam falando besteira ((volume da voz baixou nesse instante, quase chorou))

Como dissemos acima, ao apreender os elementos narrativos na terceira pequena estória (PE-3), através dos personagens e qualificadores, concordamos com Moutinho (2010) quando a autora aponta a importância do encadeamento de acontecimentos, explicando-nos que “Quando falamos em encadeamento de acontecimentos, falamos ainda em uma sucessão de ações desenvolvidas por um ou mais personagens” (p.93). Conseqüente, através da troca simbólica entre o SH e seus amigos do futebol, o mesmo atribui ao Bullying a categoria que denominamos de fortalecimento, pois o Bullying o fez e faz sofrer, como também o fez chorar, sentindo-se mal no passado, pela utilização das locuções verbais (sublinhadas): “aí *eu ficava chorando* de noite sem contar para minha mãe(+) *ficava sofrendo muito por causa deles*”, tal como no presente, pelo fato de que no contexto da pesquisa nos disse “*estar chateado*” e quase chorou no findar de sua fala.

Seguindo a análise das posições do SH perante os personagens que emergiram na e pela pequena estória (PE-4) e seus qualificadores, SH narra uma estória em sua nova escola, qualificando a professora através da atividade dos personagens no decorrer do enredamento, relatando novamente a sua dificuldade de enxergar:

eu tenho problema de vista e sentava atrás(+) aí era difícil de estudar enxergar (+) e mermu na frente(+) enxergo bem (+) mais:: é pouco (+) o dia que a professora escreveu no quadro (+++) eu li alguma coisa que até a professora brigou comigo e colocou eu na frente(+) por causa do problema de vista

Após ter finalizado seu processo psicoterapêutico, SH mudou de escola, e através do ato narrativo do SH, analisamos as posições deste perante a sua professora, atribuindo a ela o tipo de qualificador de fortalecimento a partir dos recursos linguísticos utilizados para explicar e qualificar a ação da professora ao longo do enredamento: “o dia que a professora escreveu no quadro (+++) eu li alguma coisa que até *a professora brigou comigo e colocou eu na frente*(+) por causa do problema de vista”, interpretamos que ao se organizar pela narrativa, SH narra a ação de sua professora que busca beneficiar seu aluno o colocando na frente. E a criança justifica que: “mermu na frente(+) enxergo bem (+) mas:: é pouco”, demonstrando estar insatisfeito não com a ação da professora pelo ato de brigar, pois ela buscou beneficiar o seu aluno, porém a situação de permanecer a dificuldade o faz estar mal, após a psicoterapia.

Após a narrativa pessoal em que fortalece a ação da professora e mesmo assim se sente fragilizado, por enxergar pouco, o pesquisador pergunta como ele está se sentindo após a psicoterapia. Na sequência, SH nos conta que estava se sentido “mais ou menos”, e nos explica posicionando-se moralmente perante a sua professora: “aí eu disse pra tia (+) nã:: tia porque eu não estou enxergando não(+) aí ela diz para sentar na frente(+) continuo com problema de vista”, utilizando do pronome pessoal “ela” para se referir a sua professora, e como foi realizada ou como está sendo feito ou será realizada, como apontam as autoras Moutinho & De Conti (2016), o qual é representada por ações, feitos, realizações. Entendemos nessa passagem, que SH aponta a boa ação de sua professora, reforçando o qualificador de fortalecimento, porém sem solução para o seu mal estar. Isto é marcado ao fim da oração quando SH nos aponta: “continuo com problema de vista (+) não sei por que saí daqui...”.

Dando prosseguimento analítico, ao ouvir “não sei por que saí daqui”, o pesquisador pergunta: “Júnior: você não queria sair daqui? nesse instante a criança qualifica o lugar de sua psicoterapia qualificando o local da pesquisa: “Super-herói: não(++) aqui é bom”, nesse fim de construção narrativa surge o SPA como um personagem, já que de acordo com as autoras Moutinho & De Conti (2016), personagens são “Seres vivos e/ou abstratos que desenvolvem ações na narrativa e/ou a ele sejam atribuídos estados, modos de ser”, igualmente ao utilizar “aqui” como marcador discursivo, SH adjetiva o SPA como bom.

Essa posição perante o SPA na e pela (PE-4), é importante para compreender a construção de sentidos de si após ter finalizado o processo psicoterapêutico, mantendo-se fragilizado perante a dificuldade de enxergar. Pela continuidade da análise do posicionamento

agentivo (eu-outro) na e pela última pequena estória (PE-5) podemos compreender melhor se o SH manterá essa posição de fragilidade ou passará por transformações.

Pela última unidade analítica do procedimento D-E com tema, o pesquisador aproveitou para reforçar a importância de realizar um desenho sobre: “como você se sente hoje (+) o que você tem mais a dizer sobre sua experiência aqui”. Após a orientação sobre o tema e a realização do desenho, SH iniciou a narrativa da (PE-5), que envolveu superações e mudanças de posições perante os personagens envolvidos ao longo do enredamento como veremos abaixo:

foi no dia que (+) que (+)o dia que tirei um dez em matemática (+) minha matéria que assim:: achava difícil (+) que não me dou bem (+)tirei um dez (+)FIQUEI FELIZ (+) meus amigos que tinha estudado tudo junto tiraram três (+)quatro(+), cinco(+), só eu tirei dez::(+), e eu estudei SOZINHO.

Ao dizer que sua nota foi melhor que a dos seus amigos, entendemos que SH fragiliza as ações dos demais personagens em estudarem em grupo. O seu ato de estudar sozinho lhe fez bem, tanto pela nota máxima na matéria que tinha maior dificuldade, como pelo resultado dos seus amigos. Ao qualificar seus amigos no decorrer do enredamento, os posiciona como fragilizados ao afirmar que “eles se deram mal”. Ao atribuir aos seus amigos notas menores que a sua, como explicitado (na página 131), além de fragilizá-los através das notas bem menores que a sua, supera uma de suas queixas: as notas baixas, pois conseguiu a nota máxima em matemática.

Ao mesmo tempo fortalece a si pelo ato narrativo intencional quando entona (p.131): “FIQUEI FELIZ”. Igualmente ao afirmar que estudou só, que se dedicou mais aos estudos, diz como quer ser reconhecido pelo seu interlocutor, como alguém que conseguiu vencer as dificuldades. Viabilizando a interpretação dos sentidos construídos sobre si em um SPA, sobre o fenômeno de identidade em transformação.

Pela construção narrativa na e pela (PE-5), o pesquisador ao ouvir a estória sobre SH e seus amigos ao realizarem a prova de matemática, ficou em dúvida sobre: se “os amigos” narrados pela pequena estória (PE-5), são os mesmos da (PE-3), aqueles que o nomearam de “doidu”, “psicopata” e “bichu da cabeça” que jogam futebol com ele. Super-Herói, no entanto, nos esclarece quem são os amigos da escola: “não não(+) os que jogam bola são do sétimo ano” e aproveita para nos contar que os amigos do futebol da (PE-3) “pararam mais” com o bullying.

Quanto a este ponto da construção performática entre o pesquisador e o participante, ao analisarmos o processo dos enredos nas e pelas narrativas das pequenas estórias (PE-3) e (PE-5), apontamos mais uma super(ação) do Super-Herói perante aos seus sofrimentos mudando de posição perante os amigos da (PE-3).

Ao apreender o pronome pessoal “eles”, utilizado pelo SH para falar sobre seus amigos, bem como o uso do “eu” para falar de si, SH explica a atividade dos personagens pelo enredamento, atribuindo aos demais personagens uma fragilidade (sublinhado) na sequência.

Super-herói: antigamente chamavam(+) só que hoje (+) quando eu joga né?(+) na minha sala eu sou o melhor(+) eu sou o melhor (+)aí eles ficam com raiva (+) aí eu fico dibandu os cábatudim ((dribla todos)) (+) aí eles ficam com raiva(+) nam sei o que (+)o bichu da cabeçona nem sabe jogar...NÃO SOU PSICOPATA”

Entendemos que no decorrer do enredamento, SH qualifica seus amigos do futebol dentro da categoria de fragilidade na (PE-5), pois os mesmos ficam com raiva e o chamam de “bichu da cabeçona” quando são driblados pelo SH. E essa ação do personagem principal de driblar todos os amigos, o faz estar bem, porque se reafirma ser “o melhor” no futebol por duas vezes e ao fim diz “NÃO SOU PSICOPATA”. Este fato nos chama atenção porque nesse episódio, SH reconstrói novos sentidos de si ao mudar de posição perante os seus amigos, quando comparamos as pequenas estórias (PE-3) e (PE-5). Essa mudança ocorre quando ao posicionar-se agentivamente pela linguagem através da interlocução, como sugerem as perspectivas narrativista e da Psicologia Discursiva, SH reconstrói sentidos de si em uma situação de pesquisa, posicionando-se a si e o outro na (PE-5) diferentemente da (PE-3).

Dessa forma, posiciona seus amigos do futebol como aqueles que têm menos habilidades que ele, fragilizando-os: “eu sou o melhor (+) aí eles ficam com raiva (+) aí eu fico dibandu os cábatudim ((dribla todos)) (+) aí eles ficam com raiva”, e vê-los com raiva o faz sentir prazer após a psicoterapia. Dessa forma, ao fim da análise (SH-amigos do futebol) explicamos a mudança de posição perante os amigos pelo encadeamentos de estórias diferenciando: 1) na (PE-3) os amigos foram fortalecidos ao fazerem SH sofrer pela ação do Bullying; 2) na (PE-5) os amigos foram fragilizados ao serem driblados e ficarem com raiva do SH por ser “o melhor” no futebol. Moutinho (2010) sugere a importância das posições para a construção de sentido de identidade quando: “pessoas atribuem sentido a si mesmas, que elas se interpretam como boas ou

más, como alegres ou tristes, feias ou bonitas” (p.67). Concordamos com a autora, já que ao (re)construir sentidos de si, SH interpreta a si como o melhor no futebol, como também entona não ser psicopata, construção de si contextualizada após o processo psicoterapêutico. Na sequência, sinalizamos as posições do SH perante a narrativa social referente ao cuidado à criança dentro da rede de atenção psicossocial em saúde mental.

#### **4.2.3 Posições do Super-Herói perante ao cuidado à criança ao que se refere ao normal e patológico (SH- narrativa social)**

Em nossa análise do posicionamento agentivo do SH perante a narrativa social, em particular sobre os cuidados à criança através do discurso dominante normal e patológico, nos interessa as construções de sentido sobre si em um SPA. Defendemos aqui, que essa Narrativa social específica referente à saúde mental, é reconstruída constantemente conforme o contexto histórico cultural. Considerando a perspectiva teórico-metodológica e analítica adotada, esses posicionamentos se dão na tensão entre valores, ideologias e normas socioculturais estabelecidas por um tempo, já que as narrativas sociais são progressivamente reconstruídas no plano das relações sociais, conforme aponta o estudo de (Moutinho, 2010).

Comumente busca-se através de hipóteses diagnósticas, uma normatização quanto ao que é normal e patológico, e isso se reflete no discurso de profissionais envolvidos, bem como pela própria família, escola, comunidade e mídia. No entanto, tais construções discursivas das crianças podem nos ajudar a entender como estas se posicionam perante a esse cuidado referente ao que é dito como normalidade e anormalidade, dessa forma, podendo se afiliar ou contrariar esse discurso.

Transpomos ao processo analítico, pela apreensão de qualificadores e sua contextualização pela produção discursiva do SH em antes, durante e após a psicoterapia, assim construindo sentidos de si em um SPA. Logo na (PE-1), SH nos conta: “pode ser do primeiro dia aqui? quem me trouxe aqui foi minha tia, aí eu não queria ir não (+) mas depois eu disse, mas acho que VOU (+) aí vim”, o cuidado da tia perante às dificuldades do sobrinho a fez procurar o SPA.

Pela sua decisão de ir ao SPA em busca de solucionar o problema de memória, notas baixas, dores de cabeça, entendemos que SH agrega-se com a necessidade de procurar um profissional que o ajude a superar suas demandas. No entanto, vale ressaltar que as políticas construídas ao cuidado infante/juvenil (Brasil, 2014a), prezam pela importância do direito à palavra, como “possibilidades de encontrar novos significados e novas formas de inserção na sociedade e na família” (p.23). Dessa forma, nos interessa os sentidos construídos da própria criança através do seu posicionamento agentivo.

Pela primeira narrativa entendemos que a tia ao conseguir uma vaga no SPA, fortalece a narrativa social perante ao cuidado à criança. De início, SH nega o convite da tia, porém depois decide ir ao Serviço de Psicologia Aplicada. Aqui reconhecemos a voz da criança, pela tomada de decisão, evidenciando que “São sujeitos de direitos e detentores de lugares autênticos de fala. A noção de sujeito implica também a de singularidade” (Brasil, 2005, p.24), dessa forma, SH afilia-se à necessidade do cuidado à criança no intuito de promover uma melhor qualidade de vida e desenvolvimento biopsicossocial desde a aprovação da Constituição Federal de 1988, passando pela regulamentação do Sistema Único de Saúde (SUS), Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil,1990) , seguindo as recomendações da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1945) , da Declaração dos Direitos da Criança (1959), Declaração de Caracas (1990), constrói-se uma perspectiva diferente da criança e a necessidade de se colocar em prática os direitos fundamentais voltados à sua dignidade, desenvolvimento e qualidade de vida.

Sua decisão de ir ao SPA além de coadunar com a narrativa social em que o cuidado à criança é uma função social e que extrapola o fazer meramente técnico do tratamento (Brasil, 2005, 2014a, 2014b), a criança no contexto da pesquisa nos diz que tinha um problema de memória, termo utilizado por um discurso do especialista e que prejudica dentre outras situações o desempenho escolar.

SH afirmou no primeiro momento da construção de dados que devido ao problema de memória as suas notas estavam baixas, antes da psicoterapia. Veremos que as construções de sentidos de si, se dão pela dialética entre a singularidade da narrativa pessoal e sua regulação pela cultura, como sugerem os estudos sobre posicionamento agentivo através de Narrativas sociais por Bamberg (2005), Bamberg e colegas (Bamberg, 2006, no prelo; Bamberg&Georgakopoulou, 2008; Korobov&Bamberg, 2004).

Uma vez regulado por normas, regras, padrões de “tratamento” pela rede de atenção psicossocial, bem como pelo discurso da tia, SH afilia-se à necessidade do cuidado através da psicologia clínica como uma das possibilidades de resolver o seu problema de memória durante a psicoterapia, atribuindo a narrativa um fortalecimento e isso o faz bem, confortável ao narrar o primeiro dia “preferido” com o psicólogo. No decurso dos encadeamentos narrativos, nos deparamos com as posições agentivas na e pela segunda pequena estória (PE-2), que diz sobre o desafio de se manter na psicoterapia e seus aprendizados neste local.

O enredamento da (PE-2), é desenvolvido pela narrativa pessoal do SH, como lugar das posições morais perante a narrativa social sobre o cuidado à criança quanto aos aspectos de normalidade e anormalidade. Posições essas que foram apreendidas no decorrer do enredamento. De início veremos que SH afilia-se à narrativa social ao utilizar de termos técnicos através das atividades (sublinhadas) que fizeram bem ao SH, ao narrar a (PE-2)

era muito boa, uma atividade muito boa (+) de memória e tinha vários probleminhas(+) para aprender a escrever mais as coisas(+) porque antigamente eu era tipo(+) tinha muita dificuldade para escrever (+++) tinha umas atividades para escrever meu nome, umas para marcar e responder umas perguntas e algumas de memória, por isso que eu gostava muito das atividades daqui (+) essas atividades foram muito importantes pra mim

Adiante, ao ser questionado pelo pesquisador como se sentia, SH responde que de início quase desiste, no entanto, começou a “GOSTAR” entonando o verbo na (PE-2). O contato com o estagiário em psicologia e as trocas simbólicas através das atividades que desafiaram suas “dificuldades” diz sobre a afiliação à narrativa social que o fortaleceu durante a psicoterapia, pois o fez sentir bem, utilizando dos recursos explicativos para dizer que se sentiu melhor quando começou a aprender, e isso é esperado dentro de uma narrativa sobre o cuidado à criança quanto à normalidade e anormalidade.

A metáfora da posição como “lugar” da construção de sentido de si permite dizer como moralmente SH se sente. Segundo Davies & Harré e van Langehove (1999), ocorre uma semi-agentividade, uma condição de dependência em relação às narrativas dominantes, porém Bamberg (1997b, 2004, 2005) e colegas defendem que a narrativa pessoal é consequência de uma afiliação em duas situações: por aceitação e/ou negação dos discursos dominantes, aqui nomeados de narrativas sociais.

Dessa forma, no imediatismo da situação narrada, como aponta Bamberg (2004, 2006) dizem sobre as posições morais dos narradores. Ao falarem de si, ratificam como querem ser reconhecidos pelo seu interlocutor, como alguém que se posiciona moralmente, não obstante, essas posições agentivas são reguladas por discursos dominantes. Propomos que, SH durante a psicoterapia se posiciona perante a narrativa social, na qual: quem vai para o psicólogo possivelmente consegue “superar seus problemas”, assim tornando-se “normal”, já que a memória tem um “problema” que interfere na aprendizagem, notas. Narrativa essa que é reconhecida socialmente e pelos profissionais da saúde mental.

Super-Herói na tentativa de persuadir o pesquisador, aponta um fortalecimento durante o processo psicoterapêutico ao desafiar um “MONTE DE TAREFAS” na e pela (PE-2), que contribuiu com a sua aprendizagem, assim o que antes era problema: de memória, dificuldade de ler e escrever, durante a psicoterapia passa por transformações que contribuem com a sua qualidade de vida nos aspectos biopsicossociais. Pela continuidade da análise do posicionamento agentivo (eu-narrativa social) na e pela terceira pequena estória (PE-3), analisamos as posições do SH pelo ato narrativo perante a narrativa social dominante “alimentada” pelo personagem Bullying, situação problemática da (PE-3).

Veremos que ocorre a complacência do SH à narrativa social dos seus amigos que o julgam moralmente de ser “doidu” e “psicopata” somente por estar frequentando o Serviço de Psicologia Aplicada. Destarte, o personagem principal sofre psicicamente através dos adjetivos dados por seus amigos do futebol na página seguinte, aceitando durante a psicoterapia a ideia de: “quem vai ao psicólogo é doido”.

eu vinha de noite pra cá(+) aí eu dizia aos meus amigos que não poderia jogar bola de noite(+) eu dizia a eles que ia amanhã(+) porque::hoje vou ter que ir ao psicólogo (+) aí eles diziam ((imitando os amigos)) AHHHH SEU DOIDU::vai para o psicólogo(+) você é psicopata

Ao narrar sobre esse episódio, SH além de dizer: “antigamente chorava muito na escola”, ao fim quase chora, demonstrando um sofrimento que permanece ao aceitar a (des)qualificação dos seus amigos. Ao interpretar o processo narrativo, vimos que ao ser posicionado como “doidu” e “psicopata” através do Bullying, SH aceita essa condição em que: só vai ao psicólogo quem tem alguma patologia. Na sequência da construção narrativa, o pesquisador questiona sobre como SH se sente hoje: “Júnior: a estória foi sobre o “bullying” (++) e hoje, como o super-

herói encara após ter deixado o serviço?”, em tempo de investigar as construções de sentido sobre si mesmo após a psicoterapia. Ao retribuir a questão, SH nos conta: “hoje(+) assim(+) esquecer o MÁXIMO”; “o que eu tenho que fazer é se estimular” e utiliza do recurso explicativo na tentativa de solucionar o seu sofrimento: “porque porque eles vão ter que pagar mermu(++ no céu(+)) ...então:: fico chateado”.

Na tentativa de comunicar ao seu interlocutor como se sentia naquele momento, segundo a perspectiva teórico-metodológica e analítica adotada, SH posiciona-se primeiramente como fragilizado, porém após a pergunta sobre como se sente hoje, SH busca uma solução direcionada para o futuro ao afirmar: “o que tenho que fazer é se estimular”. Todavia ao fim do processo narrativo da (PE-3), nos disse como se sente: “então:: fico chateado”, assim ao desenhar ele e seu psicoterapeuta após a psicoterapia, SH além de ser complacente com a narrativa social, em que foi classificado pelos amigos com os adjetivos citados, também aceita que o profissional psicólogo pode ajudá-lo a superar essa situação problema, cuidando da saúde mental.

Contemplamos a flexibilidade da construção de sentidos de si no contexto de pesquisa, pois até a (PE-2) passou por um processo de fortalecimento. Ao narrar a (PE-3), demonstra a fragilidade perante a narrativa social, porém busca uma possibilidade de fortalecimento no futuro em uma tentativa de resistir à narrativa social que ainda o fragiliza na e pela (PE-3).

Avançando a análise das posições do SH perante a narrativa social que emergiram na e pela pequena estória (PE-4), SH contextualiza essa penúltima pequena estória após o seu processo psicoterapêutico, voltando à situação problema quanto à dificuldade de enxergar. A Teoria do Posicionamento é um caminho dentro da Psicologia Discursiva que entende a fala e a escrita como ações sociais, como sugere Moutinho (2010), porém são reguladas por convenções sociais e discursivas, como podemos citar através da ação da professora narrada pelo SH: “e colocou eu na frente(+) por causa do problema de vista”, após isso SH nos disse que continua a enxergar pouco contrapondo a possível solução da professora.

Ao ouvir a (PE-3), o pesquisador pergunta se a estória ocorreu durante a psicoterapia, SH nos elucida: “já tinha saído daqui”, como também disse que estava “bem”, e ao finalizar a visão começou a piorar sendo complacente à narrativa social sobre normal e patológico do especialista ao nos explicar utilizando de recursos discursivos: “porque o oculista falou que (+) quando eu fico com stress eu fico com a vista diminuída”. Assim, pela narrativa pessoal o “stress” explicaria a sua dificuldade de visão.

A respeito da importância das trocas simbólicas nos diversos sistemas em que vivenciamos, a perspectiva adotada nos clarifica que os discursivos particulares dizem sobre como ele gostaria de ser compreendido pelo(s) interlocutor(es). Propomos a partir disso que SH atribui à narrativa social o tipo de qualificador que categorizamos como fortalecimento em duas situações durante a (PE-4): (1) afilia-se à necessidade de sentar a frente para uma melhor aprendizado e (2) afilia-se à narrativa social do especialista apoiando as recomendações de saúde. Entendemos que está afilado à narrativa social em busca de uma “normalidade”, em que precisa enxergar bem para aprender e conseguir um melhor desempenho escolar. Ao ressaltar que “estava bem” ao sair do SPA, e depois começou a piorar, SH nos esclarece: “continuo com problema de vista (+) não sei por que saí daqui...”. Super- Herói se afilia à narrativa social sobre a normalidade e patologia ao reconhecer que ao final do processo psicoterapêutico “estava bem”, e mais, adjetiva-o como “bom”.

Dessa forma, interpretamos que ao construir sentidos de si, SH acredita em um “fortalecimento de sua visão” dentro do serviço de psicologia clínica do SPA, pois ao fim de sua narrativa nos disse “não sei por que saí daqui...”. Outro fato que reforça essa posição moral sobre a narrativa social como possibilidade de fortalecimento pela psicoterapia foi quando ao ser questionado pelo pesquisador: “você não queria sair daqui?”, SH qualifica o SPA como bom na alínea : “Super-herói: não(++) aqui é bom”, coadunando com a narrativa social ao cuidado da criança em que o foco está na integralidade biopsicossocial, principalmente considerando as significações particulares de cada criança (Brasil, 2005, 2014).

Posteriormente a (PE-4), SH desenvolve a narrativa pessoal, envolvendo super(ações) e mudanças de posições perante a narrativa social ao longo do enredamento, como veremos através da última pequena estória (PE-5). A narrativa pessoal do SH na última estória perpassou o desenho, quando o mesmo nos contempla: “que eu não desenhei tudo”, após isso o pesquisador disse que ele poderia ficar à vontade. Desse modo, a (PE-5) circundou-se sobre a super(ação) de situações problema ao narrar sobre: o “Dia nota 10”, assim intitulado pela criança, que envolveu uma mudança de posição importante, pela narrativa pessoal regulada pela narrativa social, através de sistemas de valores.

Sobre isso, concordamos com Delatorre, Santos & Dias (2011) que, além de pressupor a noção de normal e patológico como difícil de ser padronizada, devemos considerar “primeiramente, um determinado sistema de valores” (p.319), até porque os autores questionam

como seria uma padronização do normal e patológico perante a singularidade das pessoas e seus sistemas culturais.

Ao analisarmos o processo narrativo e seu encadeamento pelas narrativas das pequenas histórias (PE-3) e (PE-5), apontamos mais uma superação de uma situação problema ocorrida na (PE-3) que o fez sentir-se fragilizado, quando foi posicionado como “psicopata”. Entendemos que no encadeamento das construções narrativas, SH muda de posição perante a uma narrativa social.

Primeiramente, na e pela (PE-3), SH é posicionado como “doidu”, “psicopata”, “bichu da cabeça”, dessa forma, sente-se fragilizado. Na e pela (PE-5), SH narra a atividade do personagem principal que “dribla todos amigos”, qualificando-se como melhor no futebol, e isso lhe faz fortalecido. Essa posição pela linguagem diz sobre como se sente após a psicoterapia, e ao “ser o melhor no futebol” (re)constrói sentidos de si mudando de posição perante a narrativa social através do discurso dos amigos, *contrapondo-a* ao entonar na e pela (PE-5): “NÃO SOU PSICOPATA”.

Ao afirmar duas vezes “eu sou o melhor”, bem como ao negar a narrativa social, entendemos a importância dos sentidos construídos pelo Super-Herói perante ao que foi construído socialmente, assim, concordamos com Canguilhem (1904) que aponta a não existência do “normal” e “patológico” por si, até porque em termos de estatística como cita o autor, o patológico seria o dito “normal”, pois um estado de saúde idealizada, pela sua baixa periodicidade seria a própria “anormalidade”.

Nesse estudo consideramos as próprias possibilidades das crianças pelos recursos discursivos como uma “maior liberdade” para o desenvolvimento mental “saudável”, sugerido por Dolto (1949), através da particularidade de cada criança, interessando para além do cuidado parental. Pensamento este defendido também na política de atenção psicossocial para crianças e adolescentes em que têm direito à fala (Brasil, 2005, 2014a, 2014b).

Considerando essa singularidade do Super-Herói, pelos sentidos construídos de si mesmo, faz-se relevante nessa perspectiva narrativista adotada, a dialética entre agência pessoal e narrativas social como defendem os estudos de Bamberg e colegas (Bamberg, 2006, no prelo; Bamberg&Georgakopoulou, 2008; Korobov&Bamberg, 2004).

Dito isso, averiguamos no decorrer do desenvolvimento das narrativas do SH, superações pelas: (1) realizações de atividades direcionadas ao “problema de memória” como uma

“inadequação” de si quanto aos aspectos cognitivos antes da psicoterapia, (2) nota máxima em uma matéria que antes era difícil, (3) negação da psicopatia, apontando que a superação de suas dificuldades que, segundo Bergeret (1996), seriam através dos aspectos internos e externos, da flexibilidade quanto aos aspectos pessoais e sociais, aqui defendidos pela pesquisa como um processo de cognição e cultura.

Dessa forma, explicamos a mudança de posição de SH perante a narrativa social que ora se apresenta como complacente: 1) na (PE-3), já que a narrativa foi fortalecida, ratificando um discurso psiquiátrico mesmo sem diagnóstico fechado que o fez sofrer pelo adjetivo de “doidu” e “psicopata”; e ora resistente 2) contrapondo na (PE-5) a narrativa social, que foi fragilizada e “driblada”, ao negá-la ao fim do procedimento do D-E com tema.

A partir disso, entendemos também que SH constrói sentidos de si a partir de posições disponíveis socialmente, como aponta Moutinho (2010), as quais foram reproduzidas por seus amigos do futebol, e até pela sua avó (que no primeiro momento da pesquisa citou que seu neto poderia ser esquizofrênico). Essa narrativa social também é uma tentativa do discurso psiquiátrico de padronizar sintomas ao longo dos seis DSM’s construídos até esse momento da pesquisa, assim os sintomas e comportamentos se enquadram em normais e anormais.

Ainda quanto ao mérito das posições socialmente disponíveis desde o início do D-E com tema, até o seu fim nas e pelas cinco construções narrativas ao longo do procedimento, apontamos também o compartilhamento do SH de uma posição socialmente reconhecida de ser um herói, pois passou por dificuldades que o fez sentir-se mal (fragilidades) e as superou em partes através de (fortalecimentos) ao longo das cinco unidades analíticas, assim Moutinho (2010) descreve:

Quando me posiciono como um herói, numa conversação com um amigo, na qual narro uma história de vida de superação, de perdas constantes seguidas de conquistas impensáveis, o faço escolhendo uma posição reconhecida socialmente e em um enredo também socialmente disponível. A conversa que tenho com meu amigo segue a imprevisibilidade de nossas trocas simbólicas, mas o enredo obedece a regras clássicas de histórias de mocinhos, que vencem ao final, e tanto a posição de herói como o enredo fazem parte das chamadas narrativas sociais. (Moutinho, 2010, p.68).

Assim, SH finaliza suas construções narrativas, “persuadindo” as regras clássicas de um final feliz, através de suas vitórias sobre as notas baixas e negando sua psicopatia. Então,

propomos que SH supera “em parte” seus sofrimentos, mesmo se posicionando como “herói” que vence ao fim. Dado que, ao desligar o gravador, SH retorna a dizer ao pesquisador que precisa voltar aos atendimentos psicológicos, e isso não interpretamos como fragilidade, mas um enfrentamento ao que ainda o faz sofrer no presente, porém que o faz “se estimular” em direção ao futuro.

#### **4.2.4 Síntese analítica do estudo de caso 2 (Super-Herói)**

Super-Herói, logo no início do procedimento do D-E com tema, desenvolveu no início da (PE-1), uma estória em que relata como chegou ao SPA. Os sentidos construídos de si através das queixas iniciais eram de fragilidade, devido ao problema de memória, citado na (PE-1). Entretanto, sua decisão de ir ao SPA, ainda na (PE-1), enfrenta os desafios propostos pelas tarefas durante a psicoterapia, que o fez ficar bem ao dizer que as atividades foram importantes para si na e pelas narrativas da (PE-2).

Já na construção narrativa da (PE-3), SH narra sobre: “O dia que eu falei que sofria Bully”. Segundo ele, esse episódio ocorreu quando ele foi chamado de “doidu”, “psicopata” pelos amigos do futebol, ao dizer aos seus amigos que iria ao psicólogo. Essa ação entre personagens o fazia sofrer, chorar. Assim consideramos as posições fragilizadas sobre si mesmo, durante a psicoterapia.

No decorrer das narrativas, SH passa por transições, ora está bem ao enfrentar suas queixas principais, ora fragiliza-se, contudo, ao posicionar-se busca super(ações). Por exemplo, Super-Herói mesmo “chateado” devido ao bullying, disse-nos que precisava estimular-se. Ademais, ao construir sentidos sobre si no contexto de pesquisa, direcionando-se para o futuro.

Ao narrar sobre como estava ao sair do SPA na (PE-4), disse que estava “bem”, mas logo após ter finalizado o processo psicoterapêutico, sentiu-se “mais ou menos”, pois segundo ele, sua visão voltou a piorar, fragilizando-o. Entretanto, na última produção narrativa pela (PE-5), junto à entrevista do pesquisador, SH sugere um fortalecimento ao posicionar-se “bem”, “FELIZ” sobre um episódio contextualizado na sua nova escola, após a psicoterapia, superando a nota baixa na disciplina mais difícil. Ao fim dessa construção narrativa com o pesquisador, SH afirma também não ser psicopata e mesmo posicionando-se fortalecido através dos qualificadores, ao

fim da construção de dados, SH pede para voltar ao serviço de psicologia, demandando por mais atendimentos psicológicos.

Abaixo foi realizada uma síntese sobre o processo narrativo do SH, que envolveram mudanças de posições, baseando-se nas categorias construídas pelo pesquisador, referentes ao fortalecimento e fragilidade ao longo dos enredamentos, que dizem sobre como SH se sente hoje, em um contexto de pesquisa.

**Quadro 6.** Síntese analítica para as posições do Super-Herói sobre si em um SPA, considerando os dois tipos de qualificadores: fragilidade e fortalecimento.

<b>Posições</b>	<b>Antes</b>	<b>Durante</b>	<b>Após</b>
<b>PE-1</b>	Fragilidade	Fortalecimento	----
<b>PE-2</b>	Fragilidade	Fortalecimento	----
<b>PE-3</b>	----	Fragilidade	Fragilidade
<b>PE-4</b>	----	-----	Fortalecimento e Fragilidade
<b>PE-5</b>	----	----	Fortalecimento e Fragilidade

## 5 CONSIDERAÇÕES

Este estudo, fundamentado na perspectiva narrativista pela abordagem da Psicologia Discursiva, guiou-nos a investigar: “Como cada criança constrói sentidos de si em um SPA, após a psicoterapia?” através das posições ao longo das narrativas que dizem sobre a construção de sentido de si. Igualmente, nos ajudou a entender melhor como esta conhece a si e o seu mundo a partir de suas construções narrativas. Assim, apreendemos primeiramente os elementos narrativos que emergiram ao longo das “contações de histórias”, e após, analisamos o posicionamento agentivo de cada criança perante a si mesmo, os demais personagens e diante da narrativa social.

Por esse caminho, estabelecemos em um plano empírico, para investigar como *cada criança* constrói sentidos de si via posições agentivas. A partir das construções de dados, Flor e Super-herói utilizaram de: verbos, adjetivos, locuções verbais, advérbios, conjunções, pronomes pessoais, bem como a omissão destes, para se posicionar agentivamente e construir sentidos de si como fenômeno de identidade em constituição. Sobre os resultados, notamos regularidades e diferenças quanto às mudanças de posições e a flexibilidade das categorias fragilidade e fortalecimento nos dois casos pelas construções narrativas.

Super-Herói, utilizou dos pronomes pessoais: “eu”, “me” e “você” para falar como se sentia, rememorando suas dificuldades de certas queixas iniciais, ao falar de seus sofrimentos através do problema de memória, aprendizagem, nota baixa em matemática que pelo processo narrativo que o fragilizavam. Ao mudar de posição, fortalecendo-se, SH narra suas superações perante as queixas iniciais, que em boa parte foram superadas. Quanto ao processo narrativo, SH na terceira pequena história se posiciona perante o Bullying como fragilizado, afiliando-se a narrativa social e posteriormente, na quinta e última pequena história, contesta as desqualificações dos seus amigos que o chamaram de “doido”, “psicopata”.

Super-Herói assim, perpassa pela fragilidade ao chegar ao SPA, devido ao problema de memória que limita seu desempenho na escola, evoluindo para o fortalecimento durante a psicoterapia nas duas primeiras (PE's). Já na terceira (PE-3), ainda durante a psicoterapia, a criança muda de posição ao se sentir fragilizado pelo posicionamento agentivo. Após a psicoterapia, a narrativa pessoal do Super-Herói pelas duas últimas pequenas histórias, diz sobre

uma insatisfação sobre a finalização da psicoterapia, pois o mesmo pede para voltar por três vezes ao longo da construção de dados.

Já Flor utiliza do pronome pessoal “eu”, “me”, para falar de si nas narrativas, e em momento algum fala da queixa inicial (enfrentamento aos seus familiares), muito pelo contrário, oferece flores aos personagens no contexto de pesquisa. Flor se dispõe como fortalecida ao construir sentidos de si no processo narrativo na maior parte do tempo, quando contextualiza as cinco (PE’s) em durante e após a psicoterapia. No entanto, na (PE-3), posiciona-se agentivamente como fragilizada ao fim da psicoterapia, pois ao sair dali, ficaria só novamente, conforme narra. Logo em seguida, nos explica, mudando progressivamente de posição para dizer que foi só naquele último dia e que depois voltou a estar “bem”, demonstrando uma satisfação perante a finalização do seu processo naquele local.

Quanto à contextualização das narrativas em tempo e espaço, Super-Herói, ao construir sentidos de si nas duas primeiras (PE’s) fala como se sentia antes da psicoterapia, diferentemente de Flor, que em nenhum momento se refere ao antes da psicoterapia.

Particularmente, as narrativas pessoais de ambos remetem as regularidades quanto à narrativa social ao cuidado sobre a criança, assumindo a necessidade de serem “normais”, “felizes”, “vencedoras”. Para exemplificar, na última pequena estória (PE-5) dos dois casos, as crianças apontam um final feliz para o personagem principal após a psicoterapia. Também, demonstram regularidade através da terceira pequena estória, na qual os personagens principais se sentem fragilizados. Flor adjetiva-se como “TRISTÉRRIMA” ao fim da psicoterapia e, SH diz estar “chateado” durante a psicoterapia, ocorrendo assim na terceira estória regularidades quanto como se sentem no mesmo espaço, porém ocorre diferença a respeito da contextualização do tempo narrado.

As regularidades e diferenças diz respeito a uma singularidade discursivamente regulada socioculturalmente. Flor no decorrer das construções narrativas afilia-se mais à narrativa social do que o Super-Herói, e em nenhum momento pede para voltar ao SPA. Já o SH, ao fim das construções narrativas contesta, contrapõe a narrativa dos amigos que o nomearam de psicopata, Marcando a singularidade ao negar a sua psicopatia na última pequena estória, como oportunidade, naquele instante, de reconstruir seus sentidos sobre o que é normal e patológico.

Quanto a Flor, afilia-se à narrativa social construindo sentidos de si como uma boa menina, que não mais “confronta”, “contesta” seus familiares, muito menos a psicoterapeuta,

oferecendo flores aos personagens em três das cinco (PE's). Flor utiliza da imaginação para reconstruir seu processo psicoterapêutico quando oferece “flores” à sua psicoterapeuta em vez de brinco e colar, assim como presenteia com flores os personagens criados por ela em três das cinco (PE's). Ao falar de si nas e pelas narrativas, prefere cantar uma música, em que a personagem principal do filme “se liberta”. Esses atos narrativos são intencionais, interessando a Flor ser reconhecida pelo pesquisador como uma “boa menina”.

Ainda sobre regularidades e diferenças entre os casos, as crianças criaram personagens reais e abstratos. Flor se utilizou de ambos, porém prevaleceram os personagens abstratos, ao inserir a cinderela, Frozen, e uma irmã, ambas ausentes nos desenhos, porém presentes na sequência das (PE's). Super-Herói, por sua vez, prepondera os personagens reais: psicoterapeuta, professora, amigos e si mesmo, utilizando-se dos pronomes pessoais: “eu”, “me” e “você” para se posicionar perante a si e os demais personagens. Ele informa ao pesquisador como se sente após a psicoterapia em um contexto de pesquisa quando não entende o porquê da sua saída do SPA no decorrer das (PE's), pedindo para voltar no fim da construção de dados, direcionando ao futuro uma possível solução para seu sofrimento psicológico.

Não obstante, o estudo demonstrou a importância da psicoterapia perante a uma maior qualidade de vida nos dois casos como regularidade. Flor, assume que está “bem” um lugar moral, afiliando-se à narrativa social do cuidado à criança, assim a psicoterapia possivelmente seria uma possibilidade de transformações de todas as crianças, afirmando que “sempre boa menina deve ser” na última (PE's). Todavia, especialmente no caso do SH, mesmo contestando a “finalização precoce” do processo psicoterapêutico, no decorrer das (PE's) indica melhoras quanto às queixas iniciais.

Ao refletirmos sobre as questões metodológicas e analíticas, futuramente poderíamos trabalhar como Bamberg (2008) analisou as posições de jovens adultos, para além dos marcadores discursivos, utilizando da microanálise dos aspectos não verbais. Dessarte, como possibilidade futura seria possível aliar o verbal e não verbal (pelo registro videográfico e pela análise de imagens), buscando uma triangulação de dados e uma generalização teórica quanto às posições de crianças após a replicação de vários estudos de casos como sugere (González Rey, 2011, Flick 2009 e Yin, 2015).

Mesmo com limites citados acima, o procedimento utilizado (D-E com tema) para oportunizou a construção narrativa performática, pela relação entre as narrativas e entrevista

episódica. Defendemos que houve contribuição para os aspectos teórico-metodológicos do D-E de Walter Trinca (1972/2013) quanto à contextualização dos aspectos conscientes em tempo e espaço definidos pelo imediatismo da situação, assim como sobre a importância da constituição da identidade pela narrativa pessoal, regulada socioculturalmente, através dos próprios recursos discursivos das crianças em tempo e espaço contextualizados.

Defendemos assim a construção de novos estudos, como possibilidade de superar os limites citados acima, em tempo para compreender melhor a intencionalidade das posições na e pela reconstrução narrativa pessoal de cada criança não só na psicologia clínica, mas em toda rede de atenção psicossocial. Faz-se indispensável ainda a continuidade de estudos com o público infantojuvenil, aprofundando novos problemas de pesquisa nessa malha de significações interdisciplinares que envolvem o lugar da criança na rede de atenção psicossocial.

Perante os desafios acima e os limites do estudo, também quanto ao tempo, sentimos a necessidade de ampliar as investigações explorando a construção de dados por registros videográficos, igualmente analisando as imagens (desenhos) produzidos pelas crianças. Para mais, outro meio seria utilizarmos de mais casos através de uma pesquisa longitudinal e/ou trabalhando com grupos de crianças nas redes de atenção psicossocial, como alternativa de trocas simbólicas entre as crianças.

No que se refere ao tipo de categoria, seria pertinente utilizarmos de uma quarta dimensão analítica (eu-pesquisador), direcionando as posições da criança perante o seu interlocutor como considera a perspectiva teórico-metodológica, já que pela construção narrativa, pesquisando e pesquisador constroem sentidos conjuntamente performaticamente. Assim, imaginamos, a partir dos dados construídos e resultados analisados, que seria possível realizar futuramente diversos estudos em lugares diferentes para além da clínica: (1) nos locais onde os dispositivos responsáveis pelo atendimento infanto-juvenil na/pela rede de atenção psicossocial, ou quem sabe (2) na escola. Podendo cooperar com a dimensão da construção de sentidos de crianças em outros âmbitos, considerando suas posições em diversos contextos para compreender melhor como cada criança constrói a si e seu mundo.

Os resultados deste estudo podem contribuir para a reflexão/para repensar o atendimento infanto-juvenil na rede de atenção psicossocial, pois além de não funcionar como atendimento psicológico, surge como possibilidade de uma nova prática, pensando na qualidade de vida e desenvolvimento biopsicossocial.

Nesta perspectiva, contemplamos similarmente, uma contribuição que pode oportunizar na rede de atenção psicossocial, no que se refere à valia da singularidade de cada criança conforme é defendido em Brasil (2014a) *Atenção Psicossocial a Crianças e Adolescentes no SUS: Tecendo Redes para Garantir Direitos* “ou seja, não é possível pensar em tratamentos e abordagens terapêuticas de forma homogênea e prescritiva, pois vale a máxima de que cada caso é um caso”. A respeito disso, defendemos ao longo do trabalho a necessidade desse momento após a psicoterapia, até para se repensar sobre as práticas nas clínicas escolas de psicologia, por exemplo, direcionadas ao bem estar psicossocial.

Concluindo, mesmo que os resultados tenham apontado a dificuldade de apreender as posições de crianças perante a uma narrativa social, principalmente no estudo de caso da Flor, os resultados deste estudo avançam no que se diz respeito ao posicionamento agentivo de crianças pelas construções de sentidos de si. Sabemos também, que ainda se faz necessário ouvir as crianças após a psicoterapia, talvez como uma nova prática, utilizando das narrativas pessoais para facilitar a comunicação entre a criança e o profissional de uma forma lúdica, pois nada melhor que saber da própria criança o que a faz sentir-se bem ou não e seu nível de satisfação quanto aos atendimentos psicológicos, bem como na rede de atenção psicossocial.

## REFERÊNCIAS

- Aguiar, W. M. J., Liebesny, B., Marchesan, E. C., Sanchez, S. C. (2009). Reflexões sobre o sentido e significado. In: Bock, A. M. B., Gonçalves, M. G. M., Furtado, O. (orgs). *A dimensão subjetiva da Realidade*. São Paulo: Cortez.
- Aguiar, W. M. J., Ozella, S. (2013). *Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação*. Revista Brasileira de Estudos pedagógicos. Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322.
- Aiello-Vaisberg, T.M. J. (1991). Vício e loucura: estudo das representações sociais de escolares sobre a doença mental através do uso do Procedimento de Desenhos- Estórias com tema. *Boletim de Psicologia*. v.41, n.94-95, p.47-66.
- Aiello-Vaisberg, T.M. J. (1994). Study of representations of students on mental illness by means of Telling Stories Procedure with a Theme. In: *Interacional Conference of Social Representations*. Rio de Janeiro. Anais, p.27.
- American Psychiatric Association. (2013). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. DSM-5. Porto Alegre, Artmed.
- Andrade, L. B. P. (2010). *Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais*. [online]. Cultura Acadêmica. São Paulo: Editora:UNESP;193 p. ISBN 978-85-7983-085-3.
- Aquino, A. M., Conti, L. & Pedrosa, A. (2014). Construções de significados acerca do adoecimento e morte nas narrativas de crianças com câncer. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(3), 599-606.
- Araújo, J. P., Silva, R. M., Collet, N., Neves, E. T., Toso, B. R. G. O. Viera, C. S. (2014). História da saúde da criança: conquistas, políticas e perspectivas. *Revista Brasileira de Enfermagem*. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2014670620>
- Aristóteles (1992). *Poética*. (E. de Souza, Trad.). São Paulo: Ars Poética. (Original publicado em torno de 330 a.c)
- Bakhtin, M. (2008). Problemas da Poética de Dostoievsky. (4a ed. rev. e ampl.). (P. Bezerra, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1929).
- Bamberg, M. (1997). Narrative development: six approaches. *New Jersey*: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bamberg, M. (2004). I know it may sound mean to say this, but we couldn.t really care less about her anyway: Form and Functions of “Slut Bashing” in Male Identity Constructions in 15-Year-Olds. *Human Development*, 249, 1-23.
- Bamberg, M. (2005). Encyclopedia entries on “Agency”, “Master Narratives”, and “Positioning”. In: D. Herman, M. Jahn, & M.-L. Ryan (Eds.), *The Routledge encyclopedia of narrative theory*.

New York: Routledge. Acesso em 02 de outubro de 2015, de <http://www.clarku.edu/~mbamberg/publications.html>.

Bamberg, M. (2006). Biographic-narrative research, quo vadis? A critical review of „big stories“ from the perspective of „small stories“. In K. Milnes, C. Horrocks, N. Kelly, B. Roberts, and D. Robinson, (Eds.), *Narrative, memory and knowledge: Representations, aesthetics and contexts*. Huddersfield: University of Huddersfield Press. Disponível em: <<http://www.clarku.edu/~mbamberg/publications.html>> Acessado em 07 de julho de 2015.

Bamberg, M (2008a). Twice-told-tales: small story analysis and the process of identity formation. In: T. Sugiman, K. J. Gergen, W. Wagner & Y. Yamada (Orgs.) *Meaning in action: construction, narratives and representation*. New York: Springer. Disponível em: <<http://www.clarku.edu/~mbamberg/publications.html>>Acesso em 7 de abril de 2016.

Bamberg, M. (2008b). Sequencing events in time or sequencing events in story-telling? From cognition to discourse – With frogs paving the way. In J. Guo, S. Ervin-Tripp, & Nancy Budwig (Eds.), *Festschrift for Dan Slobin* (pp. 127-136). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. <http://www.clarku.edu/~mbamberg/publications.html>. Acessado em p7 de julho 2015.

Bamberg, M. & Georgakopoulou, A. (2008c). Small Stories as a New Perspective in Narrative and Identity Analysis. *Text & Talk*, v.28, n.3, 377-396. Acesso em 08 de setembro de 2015, de <http://www.clarku.edu/~mbamberg/publications.html>.

Bamberg, M. (2008d). Selves and identity in the making: The study of microgenetic processes in interactive practices. In U. Müller, J. Carpendale, N. Budwig, & B. Sokol (Eds.), *Social life and social knowledge* (pp. 205-224). Mahwah, NJ: Erlbaum. Visualizado em 16 de junho de 2015, de <http://www.clarku.edu/~mbamberg/publications.html>

Bamberg, M. (2011). Narrative discourse. In C.A. Chapelle (General Ed.), *The encyclopedia of Applied Linguistics*. Oxford, UK: Wiley-Blackwell. Acesso em 2 de outubro de 2015.

Bamberg, M. (2012). Narrative Analysis. In H. Cooper (Editor-in-chief), *APA Handbook of research methods in psychology (3 volumes)*. Washington, DC: APA Press. Recuperado em 16 de agosto de 2015, de <http://www.clarku.edu/~mbamberg/publications.html>. *Psicologia & Sociedade*; 21 (2): 174-181, 2009

Bauer, M. W., Gaskell, G. (2000/2015). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Rio de Janeiro: Vozes

Bergeret, J. *A personalidade normal e patológica*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

Bezerra Jr., B. (2001). O lugar do corpo na experiência do sentido. In: B. Bezerra Jr. & C. A. Plastino (Eds.). *Corpo, afeto e linguagem: a questão do sentido hoje*. Rio de Janeiro: Marca d'Água.

Bock, A. M. B., Gonçalves, M. G. M (Orgs.).(2009). *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo, SP: Cortez.

Bock, A. M. B., Gonçalves, M. G. M., Furtado, O (Orgs). (2011). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo, SP: Cortez.

Brasil. *Constituição da República Federativa do Brasil*. (1988). Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Recuperado em 4 de agosto de 2015, de [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)

Brasil. *Declaração Universal dos Direitos das Crianças*. (1959). Recuperado em 14 de agosto de 2016, de [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao\\_universal\\_direitos\\_crianca.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf).

Brasil. *Estatuto da criança e do adolescente*. (1990). Diário Oficial da União. Recuperado em 6 de agosto de 2015, em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)

Brasil. Ministério da Saúde. (2000). *Sistema Único de Saúde: princípios e conquistas*. Recuperado em 10 outubro de 2015 em, [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/sus\\_principios.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/sus_principios.pdf)

Brasil. Ministério da Saúde. (2005). *Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil* Recuperado em 07 de abril de 2016 em [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/05\\_0887\\_M.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/05_0887_M.pdf)

Brasil. (2005). *Sistema Único de Assistência Social – SUAS. Construindo as bases para a implantação do sistema único de assistência social*. Recuperado em 07 de abril de 2016 de, <http://www.assistenciasocial.al.gov.br/sala-de-imprensa/arquivos/NOB-SUAS.pdf>

Brasil. Ministério da Saúde. (2014a). Conselho Nacional do Ministério Público. *Atenção Psicossocial a Crianças e Adolescentes no SUS: Tecendo Redes para Garantir Direitos*. Brasília: DF. Recuperado em 22 julho 2015, [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao\\_psicossocial\\_crianças\\_adolescentes\\_sus.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_psicossocial_crianças_adolescentes_sus.pdf)

Brasil. Ministério da Saúde. (2014b). *Saúde Mental Fórum Infantojuvenil*. Recuperado em 22 julho 2015 de, [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/forum\\_nacional\\_saude\\_mental\\_infantojuvenil.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/forum_nacional_saude_mental_infantojuvenil.pdf)

Brockmeier, J. & Carbaugh, D. (2000). Introduction. In J. Brockmeier & D. Carbaugh (Eds.) *Narrative and identity: studies in autobiography, self and culture* (pp. 01-22). Amsterdam: John Benjamins.

Brockmeier, J. & Harré, R. (2003). Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 3, 525-535.

Bruner, J. (1987). *Life as narrative*. *Social Research*, 54 (1), 11-32.

\_\_\_\_\_(1991). The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, 17, 01-21.

\_\_\_\_\_ (1992). Another Look at New Look 1. *American Psychologist*. American Psychologist. Association. Inc. 0003-066X/92/S2.00. Vol. 47, No. 6. 780-783.

\_\_\_\_\_ (2008). *Actos de significado*. Lisboa: 70.

Butler, J. (1990). *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. London: Routledge

Canguilhem, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1904.

Carvalho-Barreto. A. (2015). A implementação da primeira clínica-escola em psicologia no interior do estado do Ceará: O relato de experiência e a memória. In: Maia, A. H. N., Bezerra, M. H. O., Carneiro, S. N. V., Nogueira, W. S. (2015). *Práxis e Reflexões em Psicologia*. São Paulo: Reflexão.

Cornejo, C. (2004). Who says what the words say? The problem of linguistic meaning In *Psychology. Theory and Psychology*, 14(1): 5-28.

Correia, M. F. B., Meira, L. R. L. (2007). Explorações acerca da construção de significados na brincadeira. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 356-364.

Davies, B. & Harré, R (1999). Positioning: the discursive production of selves. In: R. Harré & L. van Langenhove (Eds.). *Positioning Theory*. Oxford: Blackwell Publishers.

Delatorre, M. Z., Santos, A. S., Dias, H. Z. J. (2011). O normal e o patológico: implicações e desdobramentos no Desenvolvimento Infantil. *Revista Contexto & Saúde*. v.10. n.20. p.317-326.

De Conti, L. (2004). *O processo de composição narrativa no encontro terapêutico: (des)construindo autorias*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, UFRGS.

De Conti, L & Sperb, T. M. (2009). A composição de narrativas pela dupla terapeuta-paciente: uma análise da sua organização e da sua seqüência de ações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 119-127.

Dolto, F. *As Etapas Decisivas da Infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1949.

Duarte, T. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). *CIES e-Working Papers*. Portugal: Lisboa.

Figueiredo, L. C. (1989/2012). *Matrizes do pensamento psicológico*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes.

Flick, U. (2009a). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Flick, U. (2009b). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Flick, U. (2000/2015). Entrevista episódica. In: M.W.Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.

- Francischini, R., Campos, H. R. (2008), Crianças e infâncias, sujeitos de investigação: bases teóricas-metodológicas. In A, Cruz, S. H. V. *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. (p.102-117). São Paulo: Cortez.
- Georgakopoulou, A. (2006). Thing big with small stories in narrative and identity analysis. *Narrative Inquiry*, 16, 122-130.
- González Rey, F. (1996). *Problemas epistemológicos de la psicología*. Cuba: Editorial Academia
- González Rey, F. (2005/2011). *Pesquisa Qualitativa em Psicologia*. São Paulo: Cengage Learning
- González Rey, F. (2005/2015). *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade*. São Paulo: Cengage Learning
- González Rey, F. (2007). *Psicoterapia, Subjetividade e Pós Modernidade*. São Paulo: Thomson
- González Rey, F. (2011). *Subjetividade e Saúde: superando a clínica da patologia*. São Paulo: Cortez
- Gonçalves, O. F. (1998). *Psicoterapia cognitiva narrativa: manual de terapia breve*. São Paulo: Editorial Psy.
- Gonçalves, M. G. M. (2001). A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: Bock, A. M. B., Gonçalves, M. G. M., Furtado, O. (orgs). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez.
- Goulart, C. M. T., Sperb, T. M. (2003). Histórias de criança: as narrativas de crianças asmáticas no brincar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2003, 16(2), pp. 355-365
- Guarido, R. (2007). A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na Educação. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.33, n.1.
- Harré, R. (1979). *Social Being*. Basil Blackwell, Oxford.
- Harré, R. (1988). *As filosofias das ciências*. Lisboa: 70. (Original publicado em 1972)
- Harré, R., Gillet, G. (1999). *A mente discursiva: os avanços da ciência cognitiva*. Porto Alegre: Artmed.
- Harré, R. & van Langenhove, L. (1999). *Positioning Theory*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Korobov, N. & Bamberg, M (2006). "Strip poker! They don't show nothing!" Positioning identities in adolescent male talk about a television game show. In: M. Bamberg, A. DeFina & D. Schiffrin (Eds.), *Narratives in interaction: Identities and selves*. Amsterdam: John Benjamins. Acesso em 13 de Agosto de 2015, de <http://www.clarku.edu/~mbamberg/publications.html>.

- Kuyava1, J., Pedro, E. N. R. (2014). The voice of children who live with HIV on implications of the disease in their daily life. *Invest Educ Enferm* ;32(2)
- Leite, L.C.M. (2007). *O foco narrativo*. São Paulo: Editora Ática.
- Leite, M. I. (2008). Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro In Cruz, S. H. *A criança que fala: a escuta de crianças em pesquisas* (pp.118-140). São Paulo: Cortez.
- Lightfoot, C. (1997). *The culture of adolescent risk-taking*. New York: The Guilford Press.
- Lima, K. M. A., Prado Júnior, L. N., Bezerra, M. H. O., Vidal, A. A. (2015, novembro). *O diagnóstico infantil numa clínica escola de psicologia: a busca por uma criança "normal"*. In: XI Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica (EEDIC) da Faculdade Católica Rainha do Sertão. Ceará, Quixadá.
- Marangoni, S. F. S. (2007). *A mediação da palavra e do brincar na psicoterapia com crianças (Dissertação de Mestrado)*. Universidade São Marcos, São Paulo.
- Marcuschi, L. A. (2008). *Análise da conversação*. São Paulo: Ática.
- Martão, M, I, S. (2013). D-E com tema: pesquisas realizadas. In: Trinca, W. *Procedimentos de Ddesenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões*. São Paulo: Vetor
- McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology*, 5(2), 100-122.
- Meneses, K. L.M. (2009). *Conversando com crianças: posicionamentos e sentidos em construção sobre família em contextos de conflito na justiça* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, PE.
- Moutinho, K. (2010). *A construção narrativa de sentidos de bioidentidade: obesidade e cirurgias bariátricas* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Moutinho, K., De Conti, L. (2010). Considerações sobre a psicologia da arte e a perspectiva narrativista. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 15, n. 4, p. 685-694.
- Moutinho, K., Meira, L., & De Conti, L. (2013). Desenvolvimento e construção narrativa de sentidos de identidade. In K. Moutinho, P. Villachan-Lyra, & A. Santa-Clara (Eds), *Novas tendências em Psicologia do Desenvolvimento: Teoria, pesquisa e intervenção* (pp. 133-158). Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco.
- Moutinho, K., De Conti, L. (2016). *Análise Narrativa, Construção de Sentidos e Identidade. Psicologia: Teoria e Pesquisa*. doi: <http://dx.doi.org/10.15900102-3772 e322213e322213>

Moreno, M. R., Branco, A. M (2014). Desenvolvimento das significações de si em crianças na perspectiva dialógico-cultural. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.19, n. 4 p. 599-610, out./dez. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-73722189303>.

Natividade, M. R., Coutinho, M. C., Zanella, A. V. (2008). Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. *Contextos Clínicos*, 1(1):9-18.

Nelson, K. (2000). Narrative, time and the emergence of the encultured self. *Culture & Psychology*, 6(2), 209-223.

Organização Mundial da Saúde. (1990). *Declaração de Caracas*. In Conferência Regional para a Reestruturação da Atenção Psiquiátrica na América Latina no Contexto dos Sistemas Locais de Saúde. Venezuela.

Organização Mundial da Saúde. (2011). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. CID-10. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Oliveira, M. C. S. L. (2012) Narrativas e desenvolvimento da identidade profissional de professores. *Cad. Cedes*, Campinas, vol. 32, n. 88, p. 369-378

Pinheiro, M. A., Meira, L. R. L. (2010). Psicologia discursiva e o sujeito do conhecimento: a singularidade como questão. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 15, n. 3, p. 603-611, jul./set. 2010

Pires, S. F. S. & Branco, A. U. (2008). Cultura, Self e Autonomia: Bases para o Protagonismo Infantil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Out-Dez , Vol. 24 n. 4, pp. 415-421.

Polli, R. G. (2012). *Psicoterapia de crianças em instituição pública de saúde: novas perspectivas a partir do olhar da criança* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Maria. RS.

Polkinghorne, D. (1988). *Narrative knowing and the human sciences*. New York: State University of New York Press.

Ricoeur, P. (1994). *Tempo e narrativa* (C. M. César, Trad.). Campinas: Papirus. (Original publicado em 1983)

Riessman, C.K. (2001). Analysis of personal narratives. In: J.F. Gubrium & J.A. Holstein. *Handbook of interview research* (pp. 695-710). Thousand Oaks: Sage Publication.

Riessman, C.K. (2005). *Narrative Analysis*. In: N. Kelly, C. Horrocks, K. Milnes, B. Roberts & D. Robinson. *Narrative, Memory & Everyday Life*. Huddersfield, England: University of Huddersfield.

Santiago, D. E. (2008). *A construção de sentidos sobre a violência doméstica por crianças vítimas* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo.

Sarbin, T. (1986). The narrative as a root metaphor for psychology. In: T. Sarbin (Ed.), *Narrative Psychology: the storied nature of human conduct*. New York: Praeger

Schaedler, M. C.; Mariotto, R. M. M. (2012). Formações discursivas, posições subjetivas: efeitos do uso de psicofármacos por crianças nas relações familiares In: Kupfer, M. C. M.; Bernardino, L. M. F.; Mariotto, R. M. M. *Psicanálise e ações de prevenção na primeira infância*. São Paulo, Escuta

Sirgado, A. P. (2000). O social e o cultural na obra de Vigotski. *Educação & Sociedade*, ano XXI, 71, 45-78.

Sousa, M. L. X. F., Reichert, A. P. S., Sá, L. D., Assolini, F. E. P., Collet, N. (2014). Adentrando em um novo mundo: significado do adoecer para a criança com câncer. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis; 23(2): 391-9. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072014000710013>

Spence, D.P. (1982). *Narrativethruthandhistoricaltruth: meaningandinterpretation in psychoanalysis*. New York: W.W. Norton &Company

Stefani, J. (2006). *A constituição do sujeito em Paul Ricoeur: uma proposta ética e hermenêutica* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

Todorov, T. (1973). *Qu'est-ce que le structuralisme? Poétique*. Paris: Editions du Seuil.

Trinca, W. (1997). *Formas de investigação clínica em psicologia: procedimentos de desenhos estórias*. São Paulo, SP: Vetor. (Original publicado em 1972).

Trinca, W. (2013). *Procedimento de desenhos-estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões*. São Paulo, SP: Vetor.

UNESCO. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Assembleia Geral das Nações Unidas. Recuperado em 16 de outubro de 2015. <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>

Valsiner, J. (1989). Human development and culture: The social nature of personality and its study (pp. 1 -16). Lexington, MA: Lexington Books.

Valsiner, J. (2000). *Culture and Human Development*. London: Sage.

Valsiner, J. (2007). *Culture in minds and societies: foundations of cultural psychology*. New Delhi: Sage publications.

Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed

Vieira, A. G. (2001). Do conceito de estrutura narrativa à sua crítica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), p.589-597.

- Vieira, A. G., Sperb, T. M. (2006). O brincar simbólico e a organização narrativa da experiência de vida na criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 20 (1), 9- 19.
- Vigotski, L. S. (2010). *A Formação social da mente*. São Paulo: Martins fontes. (Original publicado em 1930).
- Vigotski, L. (1982/1999). *Teoria e Método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2008). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins fontes. (Original publicado em 1934).
- Vigotski, L. (2001/2009). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. (1998/2003). *O Desenvolvimento Psicológico na Infância*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. (1999). *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- Wittgenstein, L. (1953). *Philosophical investigation* (G. E. M, Anscombe, Trad.). Oxford: Blackwell.
- Wittgenstein, L. (1958/2004). *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Vozes.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### Caro Responsável

Meu nome é Leonil Nunes do Prado Júnior, sou mestrando do Programa de Pós Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), e estou realizando, neste momento, uma pesquisa intitulada: “CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DAS CRIANÇAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE SI NO CONTEXTO DA CLÍNICA PSICOLÓGICA” cujos dados serão coletados no Serviço de Psicologia Aplicada da Faculdade Católica Rainha do Sertão-FCRS.

Diante a necessidade de investigar como a criança, que já finalizou seu processo na psicoterapia, constrói significações através de suas narrativas, com intuito de contribuir com as práticas do psicólogo(a) e construção de conhecimento com a criança. A proposta, aqui, é tê-las como autoras das suas significações, como uma das formas de falar de si mesmo, posicionando-se sobre o mundo.

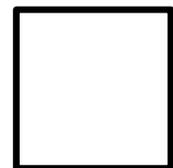
O senhora(o) terá garantido o sigilo de todas as informações coletadas sobre seu filho(a), sabendo que também a criança poderá desistir de participar em qualquer momento da pesquisa sem que isto lhe traga nenhum prejuízo, nesse caso é só comunicar o pesquisador. A pesquisa não lhe trará custos e despesas, assim como não receberá nenhum tipo de pagamento. A atividade foi elaborada pensando no bem-estar biopsicossocial, pensando em minimizar riscos e, caso ocorra algum desconforto psicológico pela pesquisa, o participante será orientado a abandonar a atividade. Para o caso de algum(a) responsável ou até a criança desejar ter acesso a maiores informações, poderá entrar em contato também com o pesquisador (psicólogo). Caso concorde, precisaremos registrar os dados através de um gravador de voz, que após a escrita serão apagados. Seguindo de acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde o caráter de proteção a identidade e respeito a criança que está contribuindo com a referente pesquisa. Ao final da pesquisa todas as informações estarão disponíveis para a(o) senhora(o), e a qualquer momento após a conclusão da pesquisa através: 088- 99911-7272. O que for construído durante a pesquisa será usado apenas para realização de trabalhos científicos.

Esclareço ainda que sua identidade da criança será mantida em segredo e não daremos nenhuma informação que possa identifica-la. Caso necessite de algum esclarecimento ou informações adicionais informo-lhe ainda meu e-mail para qualquer contato: juniore77@gmail.com. Gostaria imensamente de ter a sua cooperação, no desenvolvimento desta pesquisa, desde já muito lhe agradeço.

### CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIMENTO

Declaro que após esclarecido pelo pesquisador, e tendo compreendido tudo o que me foi esclarecido, concordo em participar da pesquisa.

Quixadá, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2016.



Digital

---

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

## APÊNDICE B – Termo de Assentimento do Menor

*O termo de assentimento não elimina a necessidade de fazer o termo de consentimento livre e esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.*

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Construção de sentidos das crianças sobre as experiências de si no contexto da clínica psicológica”. Seus pais permitiram que você participe.

Queremos saber como as crianças, ao narrar suas próprias experiências do processo psicoterapêutico, constroem sentidos sobre si em um Serviço de Psicologia Aplicada. As crianças que irão participar dessa pesquisa têm de 06 a 11 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu não terá nenhum problema se desistir.

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa, que tem o objetivo investigar como as crianças, ao narrar suas próprias experiências do processo psicoterapêutico, constroem sentidos sobre si em um Serviço de Psicologia Aplicada. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Quixadá, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

## APÊNDICE C -Questionário

Universidade Federal de Pernambuco

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva

Estudo: “Pra ter um jeito meu de me mostrar”: construção de sentidos das crianças no contexto da clínica psicológica sobre as experiências de si no processo psicoterapêutico.

Pesquisador: Leonil Nunes do Prado Júnior

Data: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

### I. Identificação e informações atuais

Nome: \_\_\_\_\_

Bairro e Cidade onde reside: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

Escolaridade: \_\_\_\_\_ Religião: \_\_\_\_\_

Mãe: \_\_\_\_\_

Pai: \_\_\_\_\_

### II. Informações referentes à psicoterapia

Início: \_\_\_\_\_

Diagnóstico/hipótese diagnóstica: \_\_\_\_\_

Demanda: \_\_\_\_\_

Encaminhamento: \_\_\_\_\_

Tempo de atendimento: \_\_\_\_\_

Toma medicação: ( ) Sim ( ) Não

Quais: \_\_\_\_\_

## ANEXO A – Folha de Aprovação Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Pra ter um jeito meu de me mostrar: construção de sentidos das crianças sobre as experiências de si no contexto da clínica psicológica

**Pesquisador:** Leonil Júnior

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 54179216.0.0000.5046

**Instituição Proponente:** DIOCESE DE QUIXADA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

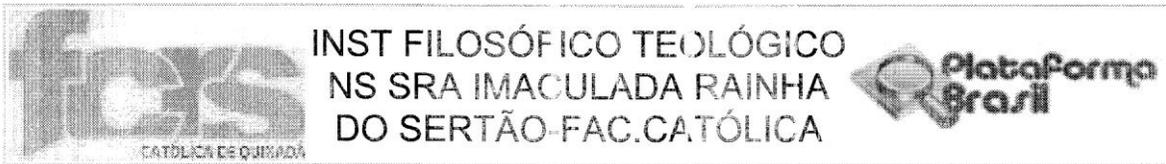
#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.478.727

#### Apresentação do Projeto:

Assumimos, neste estudo, a perspectiva teórico-metodológica das narrativas a qual nasce com influências do turno interpretativo e da visão de homem da psicologia sócio-histórica de Vigotski. De acordo com essa perspectiva, narramos o mundo e construímos sentidos sobre nossas experiências cotidianas em um tempo e espaço contextualizados, construindo nossa singularidade em mutualidade entre cognição e cultura. Como ser cognitivo e de linguagem, ao narrarmos sobre nossas experiências, organizamo-nos, fazendo-nos conhecer a si mesmos e ao mundo ao nos posicionar discursivamente. Assim, o objetivo desse estudo é investigar como as crianças, ao narrar suas próprias experiências do processo psicoterapêutico, constroem sentidos sobre as experiências de si no contexto da clínica psicológica. Participarão 6 crianças que já passaram por um processo psicoterapêutico, atendidas em um Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), com a faixa etária entre 7 a 11 anos completos, alfabetizadas, ambos os gêneros, classes sociais diversas. Para a construção de dados, a construção dos dados, serão realizados três momentos: (1) mediados pela instituição entraremos em contato com a família para convidar para participar da pesquisa, aceitando será agendado um segundo momento; (2) apresentação do TCLE e preenchimento do questionário; (3) D-E temático. Os momentos durante a pesquisa serão gravados com as devidas autorizações e utilizaremos um questionário e diário de campo para anotações que contemplem a

**Endereço:** Rua Juvêncio Alves, 660  
**Bairro:** Centro **CEP:** 63.900-000  
**UF:** CE **Município:** QUIXADA  
**Telefone:** (88)3412-6700 **Fax:** (88)3412-6743 **E-mail:** katiagomes@fcrs.edu.br



INST FILOSÓFICO TEOLÓGICO  
NS SRA IMACULADA RAINHA  
DO SERTÃO-FAC.CATÓLICA

Continuação do Parecer: 1.478.727

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_666685.pdf	31/03/2016 10:21:00		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Assentimento.docx	31/03/2016 10:14:48	Leonil Júnior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	31/03/2016 10:14:37	Leonil Júnior	Aceito
Outros	Fieldepositario.jpg	09/03/2016 19:49:17	Júnior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	anuencia.docx	09/03/2016 19:42:16	Júnior	Aceito
Outros	Encaminhamento.jpg	09/03/2016 19:19:49	Júnior	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Concordancia.jpg	09/03/2016 19:18:56	Júnior	Aceito
Orçamento	Orcamento.jpg	09/03/2016 19:18:20	Júnior	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.docx	09/03/2016 19:17:27	Júnior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	21/02/2016 16:33:31	Júnior	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

QUIXADA, 05 de Abril de 2016

Assinado por:

Kátia do Nascimento Gomes  
(Coordenador)

Kátia do Nascimento Gomes  
Cirurgiã - Dentista  
Coord. do Comitê de Ética em Pesquisa  
Faculdade Católica Rainha do Sertão

Endereço: Rua Juvêncio Alves, 660

Bairro: Centro

CEP: 33.900-000

UF: CE Município: QUIXADA

Telefone: (88)3412-6700

Fax: (88)3412-6743

E-mail: katiagomes@fcrs.edu.br